



UNIVERSIDADE DE UBERABA
PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO: FORMAÇÃO
DOCENTE PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA – PPGEB/UBERLÂNDIA

LUÍS CLÁUDIO DA MOTA CORRÊA

INICIAÇÃO AO BASQUETEBOL EM MINAS GERAIS: CAMINHOS PARA UMA
FORMAÇÃO EDUCATIVA

Uberlândia, MG

2022

LUÍS CLÁUDIO DA MOTA CORRÊA

INICIAÇÃO AO BASQUETEBOL EM MINAS GERAIS: CAMINHOS PARA UMA
FORMAÇÃO EDUCATIVA

Dissertação/produto apresentado ao Programa de Mestrado Profissional em Educação – formação docente para a Educação Básica, como requisito para obtenção do título de mestre.

Linha de Pesquisa: Educação Básica, fundamentos e planejamento.

Orientador: Prof. Dr. Adelino José de Carvalho Dias

Uberlândia, MG

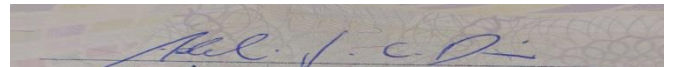
2022

LUÍS CLÁUDIO DA MOTA CORRÊA

**INICIAÇÃO AO BASQUETEBOL EM MINAS GERAIS: CAMINHOS PARA UMA
FORMAÇÃO EDUCATIVA**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em Educação da Universidade de Uberaba, como requisito final para a obtenção do título de Mestre em Educação.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Adelino José de Carvalho Dias
(Orientador)
Universidade de Uberaba – UNIUBE



Prof.ª Dr.ª. Suziane Peixoto dos Santos
Universidade Federal do Triângulo Mineiro -
UFTM



Prof.ª Dr.ª. Gercina Santana Novais
Universidade de Uberaba – UNIUBE

Catálogo elaborado pelo Setor de Referência da Biblioteca Central UNIUBE

Corrêa, Luís Cláudio da Mota.

C817i Iniciação ao basquetebol em Minas Gerais: caminhos para uma formação educativa / Luís Cláudio da Mota Corrêa. – Uberlândia, 2022. 141 f. : il. color.

Dissertação (Mestrado) – Universidade de Uberaba. Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Educação: Formação Docente para a Educação Básica. Linha de pesquisa: Educação Básica, Fundamentos e Planejamento.

Orientador: Prof. Dr. Adelino José de Carvalho Dias.

1. Basquetebol. 2. Políticas públicas. 3. Basquetebol – Estudo e ensino. 4. Educação. I. Dias, Adelino José de Carvalho. II. Universidade de Uberaba. Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Educação. III. Título.

CDD 796.323

DEDICATÓRIA

Agradeço a Deus ...

Grandes foram as lutas, maiores as vitórias. Sempre estiveste comigo. Muitas vezes pensei que este momento nunca chegaria. Queria recuar ou parar, no entanto, tu sempre estavas presente, na alegria e na tristeza, fazendo da derrota uma vitória, da fraqueza uma força. Tu sempre foste minha força. Não cheguei ao fim, mas ao início de uma grande caminhada.

Por isso posso dizer: obrigado senhor!

A papai, mamãe, dindinha Maria, vovó (*in memorian*), maninha, cunhado, afilhados, tio Celino (*in memorian*), tias e primos, por me darem a oportunidade e incentivo nesta nova etapa, obrigado.

Tá vendo pessoal, eu consegui!

Aos meus amigos de vida toda, pela amizade, carinho e compreensão, obrigado.

Vocês: Ronaldinho, Deo, Gabriel, Diogo, Izaías, Oliverio e Hudson, valeu por estarem sempre ao meu lado torcendo por mim.

A minha esposa Angélica, pois com seu amor e incentivo pude concluir mais uma etapa de minha vida, agradeço pela compreensão, pelo carinho e a dedicação em todos estes anos, por me transmitir esse amor tão especial, cuidando de mim a cada momento.

Muito obrigado a você que ilumina meus olhos e enriquece o meu coração, com a sua simpatia e principalmente com o seu grandioso afeto, que neste momento me deu a mão e dividiu comigo todos os momentos de angustia, que me animou, que me sorriu e continua sorrindo, o meu reconhecimento. Te amo.

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador Prof. Dr. Adelino José de Carvalho Dias, pela paciência e compreensão, e principalmente pela confiança em mim depositada. Pela análise minuciosa e construtiva deste trabalho, permitindo o amadurecimento de muitas ideias apresentadas. Pois transmitir o conhecimento é fácil para aqueles que têm segurança e gostam de que fazem, ama a profissão e a ela dedica parte da sua vida. O meu reconhecimento.

A todos/as professores/as do Programa de Pós-Graduação em Educação: Formação Docente para a Educação Básica do Mestrado Profissional da UNIUBE, especialmente à professora Dr^a Gercina Santana Novais e à Prof. Dra. Suziane Peixoto dos Santos (UFTM) por aceitarem fazer parte da Banca Examinadora.

E aos meus queridos colegas mestrandos que dividiram comigo vários momentos inesquecíveis, tanto dentro quanto fora da sala de aula. Sentirei saudades das nossas conversas e das infinitas risadas.

INICIAÇÃO AO BASQUETEBOL EM MINAS GERAIS: CAMINHOS PARA UMA FORMAÇÃO EDUCATIVA

Resumo:

O basquetebol brasileiro passa por uma fase de transições de gerações, sendo inegável o decréscimo no número de praticantes desta modalidade na atualidade. Esta condição é evidente em Minas Gerais, estado que por várias vezes conquistou campeonatos brasileiros de base, em todas as categorias, observando-se hoje uma redução do número de participantes desde a iniciação até a fase adulta. A pesquisa realizada em Programa de Mestrado Profissional em Educação Básica parte do pressuposto de que a iniciação esportiva deve ser voltada para fins educativos, sendo fundamental para ampliar o número de crianças e adolescentes nesta modalidade. O estudo definiu como objetivo realizar uma análise sobre a iniciação em basquetebol no estado de Minas Gerais considerando aspectos pedagógicos deste processo, além de propor, ao final, alguma proposta no sentido de intervir nesta realidade. Amparado teoricamente nas contribuições da Pedagogia do Esporte voltada para a área, o estudo foi realizado por meio de uma revisão bibliográfica e pesquisa documental, a partir de uma abordagem qualitativa de natureza descritiva, com pretensão de ampliar a compreensão do pesquisador sobre o ensino do basquetebol em espaços escolares e não escolares como área de conhecimento.

Palavras Chaves: Políticas Públicas esportivas para o basquete; Pedagogia do esporte no basquetebol; Iniciação esportiva ao Basquetebol.

INITIATION TO BASKETBALL IN MINAS GERAIS: PATHS FOR AN EDUCATIONAL TRAINING

Abstract:

Brazilian basketball is going through a phase of generational transitions, and there is an undeniable decrease in the number of practitioners of this modality today. This condition is evident in Minas Gerais, a state that has won Brazilian grassroots championships several times, in all categories, observing today a reduction in the number of participants from initiation to adulthood. The research initiated in the Professional Master's Program in Basic Education is based on the assumption that sports initiation should be aimed at educational purposes, being fundamental to increase the number of children and adolescents in this modality and defined as an objective to carry out an analysis on the initiation in basketball in the state of Minas Gerais considering pedagogical aspects of this process, in addition to proposing, in the end, some intervention in order to alleviate this reality. Theoretically supported by the contributions of Sport Pedagogy focused on the area, the study must be carried out through a bibliographic review and documental research, from a qualitative approach of a descriptive nature, with the intention of expanding the researcher's understanding of the teaching of sports. basketball in school and non-school spaces as an area of knowledge.

Keywords: Public sports policies for basketball; Sport Pedagogy in Basketball; Sports initiation to Basketball.

LISTA DE QUADRO

Quadro 1 – Levantamento de teses, dissertações e artigos publicados entre o período de 2005-2020.

LISTA DE SIGLAS

ACM-	Associação Cristã de Moços
BDTB-	Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações
BNCC-	Base Nacional Comum Curricular
CBB-	Confederação Brasileira de Basquetebol
CBC-	Confederação Brasileira de Clubes
CBF-	Confederação Brasileira de Futebol
COB-	Comitê Olímpico Brasileiro
COI-	Comitê Olímpico Internacional
FEEMG-	Federação Escolar do Estado de Minas Gerais
FIBA -	Federação Internacional de Basketball
FIFA-	Federação Internacional de Futebol
FMB-	Federação Mineira De Basquetebol
JEMG-	Jogos Escolares de Minas Gerais
LDB-	Lei de Diretrizes e Bases
NBA-	Liga Americana Masculina de Basquetebol Profissional
PNE-	Política Nacional do Esporte
ONU-	Organização das Nações Unidas
WNBA-	Liga Nacional Americana Feminina de Basketball Profissional

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
Memorial.....	13
A pesquisa.....	23
Objetivos da pesquisa.....	25
Objetivo geral.....	25
Objetivos específicos.....	25
Caminhos metodológicos.....	25
Organização do relatório de Pesquisa.....	34
Seção 1. Políticas públicas e esporte no Brasil.....	36
1.1 Conceitos de Políticas Públicas.....	36
1.2 As fases das Políticas Públicas (o ciclo ou estágios das Políticas Públicas).....	37
1.3 A relação entre Estado, políticas sociais e políticas públicas.....	44
1.4 Políticas públicas para o esporte no Brasil.....	51
Seção 2. Pedagogia do esporte no Brasil.....	57
2.1 A ação pedagógica.....	57
2.2 O fenômeno esporte.....	66
2.3 As relações entre a pedagogia e o esporte.....	73
Seção 3. Basquetebol e sua iniciação em Minas Gerais.....	82
3.1 Origem, evolução e conquistas do basquetebol.....	82
3.2 A infância, a adolescência e a iniciação esportiva ao basquetebol.....	89
3.3 Jogo, esporte de competição e a iniciação ao basquetebol em Minas Gerais.....	99
3.4 A atuação da FMB na iniciação ao basquetebol em Minas Gerais.....	110
Seção 4. Caminhos para uma formação educativa na iniciação ao basquetebol em Minas Gerais.....	116
4.1- A iniciação ao Basquetebol e seus fins educativos.....	116
4.2 – Propostas de intervenção técnico-pedagógicas para a iniciação ao basquetebol em Minas Gerais.....	123
4.3 – Propostas de intervenção de ordem organizacional para iniciação ao basquetebol em Minas Gerais.....	125
Considerações Finais.....	129
Referências.....	132

Anexo 01 – Consultoria Online de Basquetebol.....	139
---	-----

INTRODUÇÃO

Memorial

Por onde andei até chegar aqui

Educar é mais que transmitir conteúdos,
é mais que determinar comportamentos restritos;
educar é ensinar a viver.

João Batista Freire (2005)

Sou licenciado e bacharel em Educação Física pelo Centro Universitário do Triângulo – UNITRI e atualmente sou professor universitário na pós-graduação, nas disciplinas metodologia do basquetebol e pedagogia do esporte e coordenador da modalidade basquete no clube Caiçaras Country Clube, na cidade de Patos de Minas MG.

Este memorial acadêmico profissional tem como seguintes objetivos específicos: a) narrar as minhas vivências esportivas na idade de ouro da minha infância, no período dos 6 aos 12 anos de idade, que foram importantíssimos no caminho que segui durante a vida, sempre voltados para atividades lúdicas, esportivas e afetivas, as quais tiveram grande influência na minha afinidade pela disciplina educação física e o esporte em si na minha vida; b) narrar experiências da minha formação esportiva, por meios das quais adquiri muitos aprendizados, dando-me muito suporte na minha vida profissional; c) narrar memórias da minha formação profissional, destacando a importância da minha iniciação e formação esportiva, sendo está um dos fatores para escolha do meu curso acadêmico; e d) narrar fatos do convívio profissional que se dividem na prática da formação e capacitação de atletas de alto rendimento na modalidade basquetebol.

Por meio desta narrativa, pretendo justificar as ações atuais que instigam e desafiam a vontade de crescimento pessoal e profissional. Busco compreender os caminhos escolhidos, processos princípios e práticas de formação e atuação profissional – como resultado de vivências que possibilitaram tornar-me quem eu sou, de modo a projetar uma perspectiva de atuação profissional, apoiada em concepções teóricas e metodológicas que me auxiliam a atuar no mercado de trabalho esporte. Tanto na iniciação esportiva com crianças e adolescentes, quando na formação de profissionais que irão trabalhar com iniciação esportiva nas modalidades.

Ao revisitar o passado e revive-lo no presente, sinto-me instigado e, simultaneamente, tomado de uma forte emoção ao pensar no importante compromisso que tenho comigo mesmo, ao mergulhar nessas recordações e relatar sobre minha vida pessoal e profissional desde a infância.

Vamos começar. Mas por onde? Vamos até Patos de Minas, cidade situada na região do Alto Paranaíba, no estado de Minas Gerais, lugar onde nasci no dia 1 de maio de 1981. Recebi o nome de Luís Claudio, escolhido por minha irmã Ana Cláudia, minha única e mais velha irmã. Nome esse que usei pouco tempo, pois com poucos anos de vida, seria apelidado de Cacau, pela própria irmã; como a moda pegou, o Luís sobrou apenas para os mais próximos da família. Mas não deixei barato, bem novinho ainda, como não conseguia falar o nome da minha irmã, a apelidei de Cacá, e até hoje só à chamo assim.

Meus pais, João Batista Correa e Dulcinéa da Mota Cambraia Correa, costumo dizer que são anjos que Deus colocou na minha vida, pois nunca desistiram de mim e estiveram sempre ao meu lado.

Meu pai, funcionário público, trabalhou grande parte da sua vida na distribuição de medicamentos e vacinas para todo o estado de Minas Gerais, várias viagens, muita saudade quando ele ficava fora, mas sempre que voltava, tínhamos várias histórias para ouvir e darmos risadas juntos. Homem simples e de poucas palavras, desde novos nos ensinou a linguagem do olhar. Sempre alegre e de bem com a vida.

Minha mãe, funcionária pública, enfermeira do Hospital Regional Antônio Dias, que nos ensinou sobre o amor ao que se faz e ter muita fé. Na sua carreira trabalhou em vários setores do hospital, mas o que ficou mais tempo foi o centro cirúrgico. Lá foi responsável em formar várias enfermeiras, pois o nível de exigências e responsabilidades eram muito grandes. Sempre nos mostrou a importância de compartilharmos com os outros nossos conhecimentos, dizia que quanto mais ensinamos aos outros, mais aprendemos. Mulher guerreira, batalhadora e que a palavra desistir nunca fez parte do seu vocabulário. Orgulho demais de ser filho dessa mulher extraordinária. Mas quando chamava: “Luís Cláudioooo vem aqui!”, podia correr que a situação estava feia. Conheci os “mísseis teleguiados” desde muito novo, nunca vi uma mira tão boa para acertar um alvo em movimento, trauma daquelas havaianas azuis, rs. Apesar de muitas tarefas, eles sempre tinham tempo para nós, os filhos. Casa mesclada por carinho e exigências com os deveres de casa.

Tive uma infância muito rica, cheia de jogos, brincadeiras e muitas travessuras. Vivemos muito intensamente essa fase. E construiríamos amizades que levaríamos por toda a vida.

O esporte se fez presente desde muito cedo na minha vida, venho de uma família de esportistas, onde o amor pela pratica esportiva sempre esteve presente em nosso cotidiano. Meu tio Juscelino Correa (in memoriam), irmão mais novo do meu pai, sempre foi meu maior incentivador, me ensinou valores do esporte na sua formação e dos aprendizados que levaremos para vida toda. “Acontece na vida, acontece no esporte” era uma frase muito dita por ele.

Sempre assistíamos vários tipos de competições, em todos os níveis ele sempre me ensinava as regras dos jogos que eu ainda não conhecia. Vivemos pela televisão inúmeras emoções juntas, vitórias do Ayrton Senna nos domingos de manhã, Jogos Olímpicos e torcíamos para todos os brasileiros na luta por medalhas, assistíamos também o Super Bowl, a final da Liga Americana de futebol americano (NFL), e por causa dele, até hoje sou torcedor do Green Bay Packers, que foi campeão de uma NFL na qual tivemos a oportunidade de ver o título juntos em casa. Além das grandes finais da Liga Nacional Americana de basquete (NBA). Sou muito grato a Deus pela oportunidade de tê-lo comigo, como o esporte pode ser fantástico em nossas vidas. Quem nunca, vibrou com a seleção brasileira na disputa de uma Copa do Mundo, uma seleção nacional sendo campeã mundial em alguma modalidade. Me lembro que a primeira conquista do esporte brasileiro que me marcou foi a medalha de ouro do judô, com Aurélio Miguel em Seul, nos Jogos Olímpicos da Coreia do Sul em 1988, nunca torci tanto para que uma coisa acontecesse como naquele dia. Sempre estávamos juntos assistindo os grandes eventos esportivos pelo mundo, um outro exemplo é o Grand Slam de tênis, impossível esquecer das conquistas do Gustavo Kuerten, a Fórmula Indy, com as vitórias do Emerson Fittipaldi nas 500 milhas de Indianapolis. Sempre amamos futebol, mas víamos sempre todos os esportes transmitidos na televisão. Lembro-me como se fosse hoje, da primeira conquista do título da NBA, do Chicago Bulls em 1991, o time da lenda Michael Jordan, que foi um amor à primeira vista, por aquele jogador e pelo time, sendo que eu nunca havia praticado aquela modalidade tão emocionante e que seria tão forte nos meus próximos anos de vida. Até hoje me lembro da narração emocionada do Luciano do Vale, logo após o título inédito do Chicago Bulls, na cidade de Chicago/EUA.

O esporte teve uma importância maior na minha vida, um amor inexplicável, desde os jogos de rua de baixo contra a rua de cima, em que jogávamos “valendo a vida”, pela vitória sobre os adversários, até mesmo nas disputas contra o computador nos jogos de vídeo game. Perder nunca fazia parte dos meus planos. Claro que acontecia, mais na infância, com pouca frequência. Sempre tive um grau de competitividade absurda, e como dizem o fruto não cai longe do pé, minha família inteira é assim, derrota não existe em nossos dicionários. Não gostamos de perder nem no par ou ímpar, imagina em competições valendo algo.

O meu primeiro contato com o esporte na escola foi com 6 anos, naquela época no Pré-escolar, atualmente seria o primeiro ano do ensino fundamental, na Escola Estadual Dona Guiomar de Melo, minha primeira escola, no bairro Vila Garcia, próximo à casa da vovó Alvina Correa, mãe do meu pai. Onde, jogávamos as partidas em um gramado e as traves dos gols eram os chinelos, com uma bola toda surrada de capotão. Ali já se criava a primeira rivalidade esportiva, a turma A contra a turma B, daquela escola, no Pré-escolar. Toda semana jogávamos contra e não existia misturar as turmas, sempre jogávamos A contra B. Rivalidade que durou até o quinto ano do ensino fundamental, a 4ª série primária daquela época. Uma fase boa, que deixou em mim excelentes memórias desse período.

Quando completei os anos iniciais do ensino fundamental e fui promovido para 5ª série (atual sexto ano), tive o meu primeiro contato com a aula específica de Educação Física, era um momento muito esperado, pois amigos mais velhos já haviam me falado das aulas fascinantes e que me deixaram apaixonadas por elas, antes mesmo de frequentá-las. Por coincidência, o nosso primeiro esporte naquele bimestre foi o basquetebol. Eu estava convicto que jogaríamos o meu amado futebol, como dizem a paixão nacional dos brasileiros, mas o nosso professor Walério, nos explicou que aprenderíamos todos os esportes coletivos além do atletismo no decorrer daquele ano. Cada bimestre ele apresentaria uma modalidade diferente, voleibol, handebol, futsal e basquete etc.

Com 11 anos de idade, fui estudar na minha segunda escola, Colégio Tiradentes da Polícia Militar, para isso tive que ser aprovado em uma prova de seleção, pois 90% das vagas eram apenas para os filhos dos militares. Essas avaliações constavam de duas provas de múltiplas escolhas com 4 itens A, B, C, D. Uma com 20 questões, que tinha como objetivo avaliar a parte de aptidão psicológica do aluno. Versava sobre gostos e preferências do mesmo. E uma parte era para identificar o nível sócio econômico dele. E a outra avaliação era uma prova com 30 questões, onde cobrava conteúdos de português e matemática. Essa prova era para ver o conhecimento básico de ingresso a 5ª série do ensino fundamental. Era um verdadeiro vestibular para o ingresso da 5ª série e todas as escolas do país. Os alunos sem conhecimento, e os menos favorecidos, tinham pouco acesso ao ensino das escolas brasileiras, por que o ensino básico não tinha sido universalizado plenamente. A disciplina era algo bastante presente naquele ambiente. Tínhamos na figura da dona Rosângela, diretora da instituição, uma pessoa que inspirava nos alunos um misto de respeito e de medo de algum dia ter que frequentar a sua sala. Minha vida, não foi nada fácil lá, aquilo era uma ditadura extrema.

Vamos contar um pouco agora das minhas experiências no mundo esportivo. O futebol na minha infância sempre foi o meu primeiro esporte, nossa família sempre jogou futebol, não

tinha como não continuar o legado. Comecei a jogar desde muito novo, adorava o jogo e com 9 anos fui matriculado na escolinha de futebol do Vila Esporte Clube, lugar aonde meu tio Juscelino tinha feito uma carreira brilhante, onde meu pai foi treinador e conquistaram o inédito título de campeão regional de futebol amador e onde meu primo tinha sido uns dos melhores goleiros da sua geração, tranquilo o tamanho da responsabilidade que cheguei no clube.

Iniciei jogando no ataque, era centroavante, porém nunca tive o talento deles com a bola nos pés, mas não sei explicar qual a razão, mas sempre tive sorte para balançar as redes. A bola batia na canela, chutava de bico de coxa, mas a bola entrava. Sabia das minhas limitações, porém o professor Luiz Alberto gostava de mim, por que eu sempre ajudei muito defensivamente, sempre voltava para ajudar o time, não esperava para jogar só com a bola no pé. Tínhamos uma equipe muito trabalhadora e compensávamos com vontade a falta de talento. Minha carreira como goleador durou pouco, na final do campeonato regional do Alto Paranaíba, contra a escolinha Lindomar Botelho, a mais tradicional da cidade, aconteceu um fato inesperado, em um jogo duríssimo, ataque contra defesa, estávamos sendo sufocados pelo grande favorito ao título e nossa estratégia era jogar por uma bola, e a final era jogo único na casa do time de melhor campanha, no caso na casa deles. Nosso goleiro era o melhor jogador da partida, estava defendendo tudo, o garoto era um excelente jogador, tanto que no futuro viraria jogador profissional e jogaria em vários clubes do futebol brasileiro, conquistando alguns títulos, o nome dele é Gilberto. Cada tempo de jogo eram 20 minutos, o campo reduzido, os gols adaptados, por causa da nossa pequena idade e tudo estava indo bem, estávamos empatando o jogo e com isso a decisão seria por pênaltis, quando de repente, nosso goleiro, após uma linda defesa, cai de mal jeito e fratura na clavícula, 19 minutos do segundo tempo, faltando um minuto para acabar o tempo normal, já havíamos feito as três substituições possíveis, teríamos que colocar um jogador da linha no gol, veio a dúvida, quem seria esse jogador? Ninguém dos garotos queria se expor nessa situação, foi quando eu prontifiquei levantando a mão e disse para me dessem a camisa que eu iria. Nunca tinha jogado no gol a não ser nas peladinhos de rua. Felizmente nesse final não chutaram nenhuma bola no nosso gol. Final de jogo, vamos aos pênaltis. Cinco cobranças para cada lado. A preleção do técnico foi a seguinte: “vamos fazer todas as nossas cobranças e nosso goleiro vai defender um deles”, pensei comigo: “que goleiro ele está falando?”, era eu e encarei o desafio. Lembro de ouvir meu pai no alambrado dizendo para eu não sair antes, esperar o batedor tocar na bola, se ele pegar mal você pega, você vai pegar! Resumo das penalidades Vila 3 a 0, acertamos todas e o goleiro pegou duas cobranças e na terceira cobrança deles chutaram para fora. Mistura de choro, alegria e um sentimento de dever cumprido, aquele seria o primeiro título da escolinha da Vila Esporte

Clube, logo no primeiro ano de sua criação. Trinta anos depois e ainda existe nossa foto na parede do clube. Fizemos história, fomos campeões regionais do ano 1990.

Em 1991, foi um ano difícil, pois decidi que não voltaria a jogar na linha, optei por ter essa nova experiência no gol, mesmo sabendo que o meu amigo Gilberto era o “dono” da posição, foi um grande aprendizado, o ano em que mais trabalhei e me desenvolvi, treinei como nunca, para que o dia que a oportunidade chegasse, eu estivesse pronto. Sempre fui movido por desafios na minha vida. Meu pai e meu tio não gostaram muito da decisão, mas se era isso que eu queria, que eu trabalhasse para conquistar meu espaço. Fiquei praticamente o ano todo sem jogar, mas do lado de fora aprendi muito olhando o Gilberto jogar.

Como previsto, no ano de 1992, Gilberto recebeu uma proposta para se mudar para Belo Horizonte com toda sua família para jogar no Clube Atlético Mineiro, um dos grandes do Brasil. Nesse ano tivemos uma excelente jornada, se juntaram a nossa equipe quatro jogadores muito talentosos, nas posições do meio pra frente e com isso nos tornamos uma equipe muito competitiva, vencemos sem grandes dificuldades o campeonato regional sub 11, mas o grande objetivo do ano era o torneio internacional que aconteceria na minha cidade, com o patrocínio da Coca Cola. Eram dezesseis equipes, sendo o Olímpia do Paraguai, o Racing da Argentina, o Atlético Mineiro, o Cruzeiro, entre outros. O torneio aconteceu em dois de novembro de 1992. Duas semanas competindo, nunca pensamos em títulos, mas o objetivo era ir o mais longe possível. Combinado entre nós era “dar a vida” em cada jogo e não tirar o pé em nenhuma dividida. Dito e feito. Chegamos na semifinal contra o Cruzeiro de Belo Horizonte, foi um jogo duro, truncado e de muito contato físico, com poucas chances de gol para ambos os lados. Final do jogo 0 a 0, a decisão seria por pênaltis. Veio aquele frio na barriga novamente. Batedores muito precisos nas batidas, até o 4 a 4. O Vila Esporte Clube, azarão do campeonato, converte a quinta cobrança e agora seria a vez do Cruzeiro a sua última penalidade. Dessa vez mudei a estratégia, não escolhi o canto, fiquei parado e o jogador do Cruzeiro bateu justamente no meio do gol. Cai nas graças da torcida, fui carregado por eles no final da decisão de pênaltis. A defesa levou o Vila à final da Copinha Internacional da Coca Cola. Enquanto o Atlético na outra semifinal ganhou fácil do Olímpia do Paraguai, pelo placar de 3 a 0. A final seria entre os azarões da cidade contra o melhor time da competição. Me lembro que nessa noite anterior ao jogo não consegui dormir, ansioso pelo o que nos esperava na grande final. No vestiário, no outro dia de manhã antes do jogo todos calados, tensos, nosso treinador foi bem sensato em suas palavras, dizendo apenas “(...) entrem em campo e se divirtam, façam o seu melhor, hoje é o dia de saborearmos esse grande momento”.

Só dava Atlético, não conseguíamos passar do meio do campo, só no primeiro tempo chutaram 4 bolas na trave, e a bola deles insistia e não entrar. Primeiro tempo acabou 0 a 0, nunca vi 25 minutos demorar tanto para passar. Início do segundo tempo tivemos uma chance incrível de abrir o placar, mas o Gilberto fez uma defesa milagrosa evitando o nosso gol. Crescemos no jogo, começamos a dominar o meio campo. Quinze minutos do segundo tempo, a chuva começa a cair e estava muito forte, o campo molhado, quando aos 22 minutos do segundo tempo acontece uma falta para o Atlético Mineiro na frente da área. Fiz a barreira fechando o canto esquerdo e esperei a batida. O cobrador bateu a falta na minha direção, só que no meio do caminho ela desviou na barreira e foi no meu contrapé, ainda tentei voltar, mais com o campo molhado a bola quicou no chão, bateu no meu braço e entrou, 1 a 0 para o Atlético Mineiro e título para eles da copinha internacional sub 11. Os mesmos torcedores que me carregaram no dia anterior, foram os mesmo a me crucificar após a falha do gol. Aquilo me doeu no fundo da alma, acabando o jogo, cheguei em casa entreguei as luvas para o meu pai e disse que não queria mais, rasguei meus pôsteres do quarto com os melhores goleiros do mundo na época, que eram Taffarel, Zetti e Goycochea da Argentina, depois disso, nunca mais joguei futebol. Minha carreira no futebol se encerrou assim, curta, porém intensa, como tudo na minha vida. Mas foi bom enquanto durou. Aprendi com esta experiência, dizem que o que não te mata te fortalece.

Depois do término precoce da carreira no futebol, no ano seguinte, durante as aulas de Educação Física da sexta série, me apresentaram o basquete, nunca me diverti tanto como nessas aulas, mas no primeiro momento não levava o menor jeito para coisa. Que sofrimento para acertar a bola na cesta. Sinto que quando as coisas têm que acontecer, elas acontecem. Nas férias de julho daquele ano 1993, nossa escola foi convidada para participar no Patos Tênis Clube (PTC), do festival de minibasquete, fizemos vários jogos naquele dia, todos se divertiam, pais na torcida incentivavam ambos os times, e no final do festival ganhamos uma medalha, uma camiseta cinza de jogo e um picolé, na época lembro de pensar que esse era o lugar onde eu queria estar, que não largaria esse esporte nunca na vida. Em agosto, me matriculei nas escolinhas. A cada treino, cada dia que passava, eu gostava mais daquele esporte, ficava contando os dias para o próximo treino. E com isso, o meu desenvolvimento na modalidade só aumentava. Minha evolução como atleta de basquete, foi muito rápida, pois adorava jogar, me sentia diariamente mais fascinado pelo esporte.

Em 1994, fui inscrito na Federação Mineira de Basketball (FMB), disputaríamos a primeira competição oficial desta modalidade, na categoria sub 13. Ano difícil, cheio de aprendizado e muitas derrotas no primeiro turno da competição. Nossa equipe tinha muito

potencial, mas éramos muito inexperientes nesse nível de disputa, com o decorrer dos jogos e treino fomos evoluindo e terminamos a competição em terceiro lugar no regional e não nos classificamos para o campeonato estadual daquele ano.

No ano seguinte, mais maduros, tivemos uma longa conversa sobre os desafios da próxima temporada, pois não queríamos apenas participar do campeonato regional e sim, conquistarmos a vaga de ir para o torneio estadual, com os melhores times do estado. Trabalhamos muito, foi a geração mais dedicada que presenciei, era tão dedicada que passamos a treinar de segunda a sábado e aos domingos íamos para o clube jogar entre nós para aprimorarmos novas habilidades juntamente dos arremessos. Fomos surpreendentes no campeonato regional, o carrossel caipira patense, ganha o título regional, dentro do Uberlândia Tênis Clube (UTC), primeiro objetivo cumprido, estávamos no estadual sub 14 daquele ano. O clube, em parceria com a prefeitura, conseguiu trazer o campeonato para nossa cidade, sendo que entre os oito melhores times do estado, quatro eram do interior e quatro da capital. Era uma “guerra declarada”, estávamos longe de sermos favoritos, mas estávamos jogando em casa, no nosso ginásio não havíamos perdido nenhuma partida naquele ano. A torcida lotava o ginásio, fazia barulho, era difícil para todos jogar lá e não poderia existir motivação maior para aqueles garotos. Fizemos uma primeira fase sem sustos e passamos em primeiro da nossa chave, cruzaríamos na semifinal contra o Ginástico de Belo Horizonte, um time fortíssimo e favorito ao título. O jogo foi difícil no primeiro tempo, mas no segundo tempo deslanchamos. Estávamos na tão sonhada final do campeonato estadual, após o placar de 65x 50 para nós. A grande final seria contra o Minas Tênis Clube (MTC), o grande favorito ao título, era um time muito alto, com vários bons jogadores. |Lembro de pensar no dia jogo, que no time da capital todos usavam tênis da Nike e nós um mesclado de ki chute e bambas, mas felizmente o tênis não faz cesta. O combinado era marcar o Minas Tênis a quadra toda, não deixar eles chegarem próximo a nossa cesta com facilidade e o mais importante, naquele dia, a galera da capital não faria festa em nossa casa. Dito e feito, o jogo parecia Davi x Goliás, naquele dia não daria Minas Tênis, nunca jogamos tão bem, fomos impecáveis, perfeitos taticamente. Final de jogo PTC 70 x 66 MTC, fomos campeões estaduais invictos e ali nasceria uma grande rivalidade, conhecida pelos jecas x os playboys de Belo Horizonte. Tenho muitas lembranças dessa geração, além do título estadual sub 14, ainda ganharíamos o sub 15 e 16, consecutivamente. Além disso, metade dessa geração seria campeã brasileira de seleções por Minas Gerais sub 15, em uma final histórica contra São Paulo, realmente fizemos história. Nessa seleção foi a primeira vez que usamos um tênis Nike no pé, presente da FMB. Se com bambas e ki chute mandávamos bem, imagina com aquela preciosidade. Frustrante nessa seleção, foi que o técnico que era bicampeão estadual foi

assistente do técnico que foi duas vezes vice, situação que até hoje não entendo, Minas Gerais se sagrou campeão, com o time titular sendo todo do interior, o carrossel caipira com muito orgulho, mas no fundo nosso técnico sabia que jogávamos por ele.

Graças a essa geração tive a oportunidade de jogar em vários outros clubes, como na capital Belo Horizonte, e no interior de SP, no XV de Jaú, onde nos sagramos campeões Paulista e da Taça Brasil do ano de 1999.

Devido a uma grave lesão no pé direito, resultando em uma cirurgia e quatro parafusos para a reconstrução dos ligamentos, jogando pela equipe da Unutri de Uberlândia em 2005, encerrei minha carreira como atleta profissional, no basquete adulto, de uma maneira muito precoce, guardo dentro de mim a certeza de que tive a oportunidade de ter momentos inesquecíveis dentro das quatro linhas.

Como na minha família esporte e educação sempre andaram juntos, encerrei minha carreira de atleta, mas não parei os estudos e graças a esse incentivo familiar, eu tinha meu diploma na mão, estava licenciado pleno em Educação Física. Sempre fui um aluno muito dedicado na vida acadêmica. Como o meu plano A tinha dado errado como atleta profissional, me dediquei ao plano B, que seria o focar em ser treinador de basquetebol. Esse desejo se tornou uma obsessão.

Logo após me aposentar como atleta, recebi um convite para trabalhar em um grande clube na cidade de Uberlândia, por onde passaria quinze anos da minha vida, onde ocorreram muitos aprendizados, muitas conquistas e muitas realizações profissionais, um lugar onde fiz amizades que levarei por toda a vida. Como treinador desse clube de Uberlândia, comecei a me destacar com bons trabalhos na formação e desenvolvimentos de atletas, aplicando a pedagogia do esporte, aliada à iniciação esportiva universal juntamente com a escola da bola, método formativo muito usado na Argentina e Espanha, resultando assim de várias conquistas em âmbito regional, estadual e nacional, tanto com meninos, quanto com meninas. Com isso surgiram convocações para seleções mineiras de base, onde nos tornamos campeões brasileiros sub 15 invictos em 2012, depois de 25 anos da última conquista de Minas Gerais. A partir daí um grande sonho se realizou, fui convocado para seleções brasileiras de base, onde fomos bicampeões sul-americanos nos anos 2011 e 2013 nas categorias sub 15 e 17 e não existe nada mais gratificante que escutar o hino do seu país no lugar mais alto do pódio. Além de um vice-campeonato de Copa América sub 18, realizado em San Juan/Porto Rico em 2012, quando perdemos a final para as americanas na última bola, sendo o placar 80 a 78.

Sou muito grato ao que o basquete me proporcionou e proporciona, quantas histórias, quantas amizades, muitas risadas e vários choros. Quantas crianças, quantos jovens e quantos adultos tive a oportunidade de trabalhar, quão incrível foi esta jornada.

Nunca imaginei que ao sair de Patos de Minas eu chegaria tão longe. Sou muito grato a Deus por me permitir ter tantos sonhos realizados, pela oportunidade de trabalhar com o basquete de alto rendimento, onde trabalhei na equipe do Basquete Cearense, que disputou o principal campeonato nacional da modalidade, o NBB (Novo Basquete Brasil) e conquistou um honroso oitavo lugar, sendo que esse lugar foi pela primeira vez de um time do Nordeste, nos possibilitando uma classificação para o Torneio Internacional Interligas, entre clubes do Brasil e Argentina. Falando ainda de alto rendimento, tive a oportunidade de trabalhar no estado de São Paulo, na cidade de Sorocaba, ficando em sétimo lugar no campeonato paulista, além de conquistar a Copa São Paulo, os Jogos Regionais e os Abertos do estado de SP, o que me renderam muitas realizações pessoais e profissionais. Posso compartilhar com vocês que o esporte de alto rendimento nos esportes olímpicos no meu caso o basquetebol, é um meio muito difícil, muita pressão envolvida, cobranças e que nem sempre as prioridades são formar e transmitir valores e sim, a vitória a qualquer custo. O esporte deixa de ser esporte e se torna um negócio, bem diferente dos objetivos que ensinamos as nossas crianças e jovens na iniciação.

Como sou movido a desafios, com o passar dos anos tenho notado uma diminuição muito grande dos adolescentes nas categorias iniciais do basquetebol formativo de Minas Gerais, nas categorias sub 11 a sub 14 anos, em ambos os naipes, nas competições oficiais da Federação Mineira de basketball. Por qual motivos isso vem acontecendo? No primeiro momento vamos procurar apontar problemas que poderiam ser indicativos para que haja poucos jovens participando dos campeonatos ditos oficiais. No segundo momento entendendo que a participação é algo fundamental para utilização do esporte, enquanto fenômeno sociocultural de múltiplas possibilidades a pedagogia do esporte surge uma vez que, através da iniciação esportiva, realizada por crianças e adolescentes, aspectos pedagógicos do processo devem ser levados em consideração. No último momento, conhecidos os problemas da iniciação do basquete mineiro, como também a pedagogia do esporte, seu modo abrangente de entender os fenômenos esportivos e seus princípios, torna -se possível fazer algumas sugestões que terão como intenção, sinalizar para outros do basquetebol, visando aumentar o número de participantes desta modalidade em termos de iniciação, conseqüentemente aumentando o número de praticantes para categorias posteriores, até mesmo, da categoria adulta. Por isso comecei a estudar e refletir sobre estas dificuldades e o que está acontecendo na iniciação do basquete em nosso estado. E, com esse propósito, estou cursando o Mestrado da Universidade

de Uberaba-Uniube com o objetivo de aprimorar a minha formação e também apresentar uma contribuição contemplando algumas sugestões de mudanças para a iniciação em basquetebol no estado de Minas Gerais, abordando aspectos pedagógicos, com a intenção de apontar outros rumos para o mesmo. Pretendemos apresentar às entidades que administram esta modalidade, um meio de contribuir para que todos os participantes possam refletir sobre o momento atual do basquetebol, em termos de iniciação, para o desenvolvimento da mesma, como também, da sociedade, de modo geral, utilizando o fenômeno esportivo para fins educativos.

A PESQUISA

O problema gerador do estudo é a reduzida participação de crianças e adolescentes na iniciação em termos do basquetebol mineiro nas categorias iniciais de formação de sub 11 a sub14, em competições oficiais da F.M.B, no período entre 2005, quando ocorreu a criação da PNE (Política Nacional do Esporte) até o ano de 2020.

Além disso, por um resultado ilusório, o de querer ser campeão, logo na iniciação, os profissionais (professores e dirigentes de clubes) e colaboradores (pais e amigos dos atletas) que trabalham e acompanham as categorias em questão (sub11, sub 12, sub13 e sub14)¹ em ambos os sexos estabelecidas pela Federação Mineira de Basketball (FMB) e ligas regionais do interior do estado de Minas Gerais, visando tornar um ambiente educativo para o processo da iniciação no basquetebol mineiro.

Não existe por parte deste pesquisador iniciante nada contra a vitória, ou contra querer ser campeão; o problema está em saber lidar com a questão competição, entendendo que o resultado é importante no processo, mas não é o produto final. Importante, sim, é a educação e a formação de crianças e adolescentes, tanto para vida em sociedade, quanto para o futuro deles em relação ao basquetebol, pois trabalhar visando fins educativos não exclui a identificação de talentos.

Este estudo tem a intenção de realizar uma análise crítico-pedagógica sobre a iniciação em basquetebol no estado de Minas Gerais. Justifica-se esta escolha porque restou evidente no período entre 2005 (com a criação da PNE) até o ano de 2020 que menos crianças e adolescentes estão participando dos campeonatos organizados pela Federação Mineira de Basketball (FMB), nas categorias iniciais de sub11 a 14, considerando o potencial do estado com destaque para o

¹ Categoria sub11 para atletas de 10 e 11anos. Categoria Sub12 para atletas de 11 e 12 anos. Categoria Sub 13 para atletas de 12 e 13 anos. Categoria Sub 14 para atletas de 13 e 14 anos.

seu interior. Ao interesse deste estudo, temos que, em termos de iniciação, a pesquisa abrange as referidas categorias estabelecidas por esta entidade.

O recorte espacial se justifica porque o estado de Minas há muitos anos é um dos grandes centros de basquetebol do Brasil, principalmente, quando são analisadas as categorias menores desta modalidade, incluindo a iniciação, além de possuir uma grande quantidade de clubes, escolas públicas e particulares, praças esportivas e academias ou escolas de esportes que oferecem este tipo de atividade.

Concordamos com Gallati (2001), que o professor de esportes deve ser visto como um educador. Sua ação deve ser baseada em princípios críticos, pedagógicos e científicos, a fim de contribuir para o desenvolvimento integral das crianças e adolescentes, além disso, suas aulas devem apresentar um enfoque direcionado a conscientização crítica, tendo espaço para se discutir os valores e o que o esporte representa na sociedade.

De LIMA (2000), afirma que para o homem praticar o esporte durante a vida é necessário que na infância tenha adquirido o hábito e o prazer de praticá-lo.

Sendo assim, o desenvolvimento das ciências do esporte, em que o esporte é tratado como um fenômeno sociocultural com diferentes funções e à disposição de todos, incluindo sua utilização para fins educativos, fez com que alguns estudiosos pudessem trabalhar com uma linha de pensamento, conhecida como Pedagogia do Esporte.

De acordo com PAES (1998), no processo de ensino aprendizagem é preciso dar ao esporte um tratamento pedagógico. Nesse contexto é que devemos defender a diversificação de movimentos como uma proposta pedagógica para atribuir ao fenômeno esporte uma função educativa.

Terminada a graduação, os professores entram no mercado de trabalho e, em muitos casos, colocam a vida acadêmica e a produção de conhecimentos em segundo plano, não levando em consideração novos estudos que podem trazer benefícios para a renovação e desenvolvimento da sua prática profissional.

A apresentação deste estudo às entidades que administram esta modalidade no estado de Minas Gerais pode contribuir para que os participantes possam refletir sobre o momento atual do basquetebol, em termos de iniciação, refletindo sobre os desafios para o seu melhor desenvolvimento, como também, da sociedade, de um modo geral, se bem aproveitado este fenômeno esportivo para fins educativos.

OBJETIVOS DA PESQUISA

OBJETIVO GERAL

Produzir uma análise crítica sobre aspectos políticos pedagógicos da iniciação em basquete no Estado de Minas Gerais e seus potenciais vínculos com a redução da quantidade de crianças e adolescentes praticando o referido esporte, no período de 2005 a 2020.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- . Compreender que políticas públicas envolvem os esportes no Brasil e as categorias teóricas desenvolvidas pela pedagogia do esporte que podem problematizar a iniciação esportiva no país e, em particular, a iniciação relacionada ao basquete mineiro;
- . Analisar a Pedagogia do Esporte como um dos ramos de estudos das Ciências do Esporte, visando a sua utilização na iniciação esportiva, de modo geral, mas principalmente na iniciação relacionado ao basquetebol mineiro.
- . Identificar o que pode estar causando a reduzida participação de crianças e adolescentes na iniciação ao basquetebol mineiro, tanto aqueles que envolvem o esporte de competição como aqueles que se relacionam ao ensino e aprendizagem desta modalidade.
- . Apresentar propostas de intervenção para incentivar a iniciação de crianças e adolescentes em basquetebol no estado de Minas Gerais, abordando aspectos pedagógicos desta prática tanto em espaços escolares como não escolares.

CAMINHOS METODOLÓGICOS

Iniciamos o estudo realizando uma revisão de literatura, investindo neste período em análises e sínteses de informações disponibilizadas em diferentes meios que se relacionavam com o nosso conteúdo de pesquisa, na perspectiva de compreender o estado da arte do tema.

Essa modalidade de pesquisa é adotada, praticamente, em qualquer tipo de trabalho acadêmico-científico, uma vez que possibilita ao pesquisador ter acesso ao conhecimento já produzido sobre determinado assunto.

Nesse sentido, realizamos a revisão bibliográfica desta dissertação procurando abordar os autores que discutem; as definições sobre políticas públicas, dentre elas as aplicadas no

esporte, pedagogia do esporte, além da sua ação pedagógica, o fenômeno esporte e as relações entre pedagogia e esporte. Além de considerar o histórico do basquetebol, contemplando sua origem no Brasil, evolução e principais conquistas em nível internacional no decorrer do tempo.

A revisão bibliográfica referente ao estudo sobre iniciação ao basquetebol e pedagogia do esporte serve como justificativa para a pesquisa empreendida. Para tanto, utilizamos os termos: Políticas Públicas no esporte, Pedagogia do Esporte no Basquetebol e Iniciação em Basquetebol, conforme se observa no quadro abaixo.

Busca de artigos, dissertações e teses produzidas, seguidas da leitura dos títulos e palavras-chave.	Bases de dados	Descritores	Produções encontradas	Produções excluídas	Produções selecionadas
	BDTD (Teses e Dissertações)	Pedagogia do-Esporte	04	04	00
	Capes – Periódicos, Teses, Dissertações.	Políticas pub-No esporte	10	08	02
	Scielo (Artigos)	Iniciação ao-basquete	08	06	02
Total de trabalhos selecionados			22	18	04

Quadro 1: levantamento de teses, dissertações e artigos publicados entre o período de 2005-2020. **Fonte:** Elaborado pelo pesquisador

Verificamos que existem trabalhos sobre o tema com diferentes interpretações, alguns com visão mais crítica da realidade, enfatizando pedagogia da iniciação ao basquetebol e seu estado da arte, metodologias do ensino em diferentes fases, por meio da pedagogia do esporte, a busca de transcender a simples repetição de movimentos para iniciação e formação esportiva consciente, crítica e reflexiva, fundamentada sobre os pilares da diversidade, inclusão, cooperação e autonomia, sustentando sua práxis pedagógicas sobre o movimento humano, inteligências múltiplas, aspectos psicológicos, princípios filosóficos e aprendizagem social.

Analizamos trabalhos falando de estratégias e metodologias aplicados ao basquetebol, que estão condicionados a essencialidade complexa do jogo, em que o jogar somente se aprende jogando; a aprendizagem se dá por meio do jogo possível- atividades lúdicas, jogos pré-desportivos e brincadeiras populares, jogos reduzidos, jogos condicionados ou situacionais, constituído de um ambiente fascinante e estimulador.

Dentro das políticas públicas no esporte, analisamos estudos que introduzem o jogo político no interior do Ministério do Esporte e a pauta prioritária do governo brasileiro em receber megaeventos esportivos em nosso país. Pudemos observar, geral, que as bases da relação entre estado e esporte no Brasil, estabelecidas pelo Estado Novo, tem consequências até hoje na forma de se promover políticas públicas na área, que convivem, de maneira não muito harmoniosa, com novas demandas, como o esporte educacional e o reconhecimento do direito ao esporte.

Para embasar o referido estudo, recorreu-se à interpretação de teses, dissertações e artigos encontrados, respectivamente, no Catálogo de Teses e Dissertações da Capes, Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações – BDTD - e Scielo.

O período de tempo de busca compreendeu entre os anos de 2005 a 2020, na tentativa de observar como estão sendo desenvolvidas as pesquisas nesta área, relacionadas e iniciação ao basquetebol, políticas públicas esportivas e pedagogia do esporte. Nesse período, identificamos quatro produções que abordam o assunto estudado.

Depois de analisar as diferentes produções citadas anteriormente (trabalhos acadêmicos), excluimos 18 (dezoito) que, apesar de grande relevância, não condiziam com a finalidade dos objetivos propostos para esta pesquisa, e selecionamos 04 (quatro) que apresentam análises e resultados que podem contribuir com o desenvolvimento do texto em construção, pois, citam autores e ideias críticas e reflexivas relacionadas ao tema em estudo, além de analisar documentos com diversas identidades de tempos e espaços distintos.

Analisamos a dissertação de Gonçalves (2010), cujo trabalho teve por finalidade investigar a importância da iniciação esportiva no basquetebol e analisar os aspectos que os autores consideram importante para a iniciação esportiva. O objetivo geral é apresentar um levantamento teórico sobre a iniciação esportiva, onde iremos relacionar a iniciação com as fases de desenvolvimento motor, apresentando o que os autores da área falam sobre este assunto e também sobre a especialização esportiva precoce.

Filho (2018) contribuiu para demonstrar que dentro do esporte existe os esportes coletivos, portanto praticados em uma forma de jogo e requerem a participação de duas ou mais pessoas contra uma equipe adversária, podendo ser chamado também como esporte em grupo ou em equipe e necessita da utilização de um determinado objeto como bola, disco, bola ovoide, etc. Inserido nos esportes coletivos se tem a modalidade esportiva basquetebol, criada no ano de 1891 pelo professor de educação física do Springfield College James Naismith. Essa modalidade se apresenta como um esporte coletivo de invasão, oposição e cooperação

cujo objetivo é a realização da cesta. O objetivo principal do artigo foi identificar os mais variados métodos de ensino/aprendizagem/ treinamento aplicados ao basquetebol.

Galatti (2012), apresenta aspectos relevantes da formação do atleta de basquetebol é o motor, cujo desenvolvimento deve estar atrelado a outras dimensões, como a cognitiva, a afetiva e a social.

Nesta perspectiva, a partir da revisão bibliográfica, o estudo discute as contribuições dos métodos baseados no princípio analítico-sintético e no global-funcional para o desenvolvimento técnico do iniciante e jovem atleta de basquetebol.

Considerando vantagens e desvantagens dos dois princípios, indicamos o segundo com maiores possibilidades de contribuir com a formação do atleta, uma vez que respeita as características imprevisíveis do jogo e as características abertas de suas técnicas.

Demonstrou como objetivo geral do estudo, propor uma renovação nos métodos de ensino, vivência, aprendizagem e treinamento do basquetebol, em seus aspectos técnicos.

Para Bueno (2008), a tese se concentra, na evolução institucional do esporte dentro de Estado, significando a passagem do nível de secretaria para o de ministério. Por outro lado, o esforço legislativo para aprimorar a legislação, acentuadamente a favor da modernização do futebol e do esporte de alto rendimento.

É também o período em que a tese faz sua real contribuição ao abordar a distribuição desproporcional de recursos público e a representação no órgão de aconselhamento nacional do esporte entre as três categorias de manifestação esportiva.

Em função das evidências apresentadas, a tese conclui pelo fortalecimento e seu o efeito no aumento do predomínio do alto rendimento. Teve como objetivo geral a simples consideração do fenômeno esportivo nas últimas décadas e de como isto afetou e envolveu políticas governamentais específicas para o setor.

Interessado em investir a infância, a adolescência e a iniciação em basquetebol, além da do pedagogia do esporte destacamos os seguintes autores: Almeida (2007), Alves (2007), Barroso (2003), Bayer (1994), Bento (2000), Brotto (1999) Cellard (2012), Coelho (1988), Daiuto (1971), Daólio (1986), De Lima (2000), Faleiros (1980), Ferreira (1987), Freire (1992), Freire (1994), Frey (2000), Flick (2009), Galatti (2007, 2012), Gallahue (1995), Ghiraldelli JR (1991), Greco (1998), Guerra (2001), Jackson (1997), Krebs (2001), Kunz (1994), Lima (1988), Maingón (1992), Marques (1996), Marshall (1967), Mascarenhas (2012), Menezes (2014), Mota (2014), Montagner (1993), Oliveira (1997), Oliveira (2011), Orlick(1978), Paes (1998), Pastorini (2004), Pereira (2012), Rodrigues (2010), Rosseau (2003), Rossetto Junior (2017), Santin (1996), Santos (1989), Seurin (1984), Steigerwald

(2000), Starepravo (2021), Tassa (2014), Trivinos (1987), Tubino (2010), Vecchioli (2019), Weineck (1991), Zaluar (1994).

Nessa perspectiva teórica, também interessou a este trabalho, situado no contexto da pesquisa qualitativa e no campo da educação, conhecer as políticas públicas do esporte a partir da criação da Política Nacional do Esporte (PNE) em 2005, a iniciação no basquetebol mineiro, sua organização, além de aspectos administrativos da iniciação do basquetebol de Minas Gerais, seguido do jogo, esporte de competição e iniciação no basquetebol mineiro.

Para responder ao problema levantado, optou-se por desenvolver uma pesquisa com enfoque qualitativo, contemplando assim a revisão bibliográfica e a pesquisa documental. De acordo com Minayo (2009), este enfoque se ocupa com um nível de realidade que não pode ou não deveria ser quantificado, isto é, trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes.

Considerando a experiência profissional deste pesquisador iniciante e o acesso que possui a diversos documentos, entendemos que eles serão úteis quando analisados como “dispositivos comunicativos metodologicamente desenvolvidos na produção de versões sobre eventos”, orientados na perspectiva de Flick (2009, p. 234).

Pela mesma razão anunciada acima, acreditando que a experiência de anos de trabalho em meio aos locais em que o objeto da pesquisa se constituiu, enfatizamos que a abordagem do estudo seja qualitativa, pois, de um modo ou de outro, estaremos inseridos nos locais de investigação, estando, para tanto, amparados em Bogdan e Biklen (1994, p. 48).

Na área de educação, a abordagem qualitativa, de acordo com as ideias de Minayo (2009, p. 21), é utilizada em pesquisas que têm como objetivo principal elucidar a lógica que permeia a prática social que efetivamente ocorre na realidade, “[...] pois o ser humano se distingue não só por agir, mas por pensar sobre o que faz e por interpretar suas ações dentro e a partir da realidade vivida e partilhada com seus semelhantes”. Em outras palavras, a pesquisa qualitativa permite a compreensão de múltiplos aspectos da realidade, viabilizando a avaliação e assimilação da dinâmica interna de processos e atividades.

Além disso, a pesquisa qualitativa preocupa, sem dúvida, com a realidade social valorizando o ser humano como um todo. São características da pesquisa qualitativa:

Na investigação qualitativa a fonte direta de dados é o ambiente natural, constituindo o investigador o instrumento principal. Os investigadores introduzem-se e despendem de grandes quantidades de tempo em escolas, famílias, bairros e outros locais tentando elucidar questões educativas.

1- A investigação qualitativa é descritiva. Os dados recolhidos são em forma de palavras ou imagens e não de números.

2- Os investigadores qualitativos interessam-se mais pelo processo do que simplesmente pelos resultados ou produtos

3- Os investigadores qualitativos tendem a analisar os seus dados de forma indutiva. Não recolhem dados ou provas com o objetivo de confirmar ou infirmar hipóteses construídas previamente; ao invés disso, as abstrações são construídas medida que os dados particulares que foram recolhidos se vão agrupando.

4- O significado é de importância vital na abordagem qualitativa. Os investigadores que fazem uso deste tipo de abordagem estão interessados no modo como diferentes pessoas dão sentido às suas vidas. (BOGDAN; BIKLEN, 1994, p. 47 - 50).

Desta forma, os pesquisadores qualitativos estabelecem estratégias e procedimentos que lhes permitam tomar em consideração as experiências do ponto de vista do informador. O processo de condução de investigação qualitativa reflete uma espécie de diálogo entre os investigadores e os documentos.

A Revisão Bibliográfica ou Revisão de Literatura na pesquisa qualitativa:

A revisão bibliográfica ou revisão da literatura é, de forma geral, a revisão das pesquisas e das discussões de outros autores sobre o tema que será abordado em seu trabalho. Ou seja: é a contribuição das teorias de outros autores para a sua pesquisa. É uma análise metódica e ampla das publicações correntes em uma determinada área do conhecimento (Flick, 2009).

Refletindo sobre os resultados da revisão bibliográfica, percebemos muitas interpretações sobre o nosso objeto de estudo. Com certeza os livros, teses, dissertações, revistas selecionadas, ajudaram a investigar o objeto de estudo, oferecendo base teórica e resultados que serão retomados, confrontados ou agregados nas reflexões sobre os dados produzidos neste estudo. Assim, no decorrer deste texto retomaremos os resultados desta revisão, tendo como finalidade de auxiliar o esclarecimento das questões orientadas da investigação desenvolvidas enfatizando, prioritariamente a análise crítico-pedagógica sobre a iniciação em basquetebol no estado de Minas Gerais, no período de 2005 até o ano de 2020.

Após a revisão bibliográfica, encaminhamos para a realização de uma pesquisa documental, considerando o acesso a fontes primárias contendo dados e informações que ainda não foram tratados de modo analítico e crítico, considerando que "o documento permite acrescentar a dimensão do tempo à compreensão do social.", segundo Cellard (2012, p. 295).

Ao conhecer, caracterizar, analisar e elaborar sínteses sobre um objeto de pesquisa, o investigador dispõe atualmente de diversos instrumentos metodológicos. Sendo assim, o direcionamento do tipo de pesquisa que será empreendido dependerá de fatores como a natureza

do objeto, o problema de pesquisa e a corrente de pensamento que guia o pesquisador. Goldenberg (2002, p. 14) sintetiza esse pensamento: “o que determina como trabalhar é o problema que se quer trabalhar: só se escolhe o caminho quando se sabe aonde se quer chegar”.

O uso de documentos em pesquisa deve ser apreciado e valorizado. A riqueza de informações que deles podemos extrair e resgatar justifica o seu uso em várias áreas das Ciências Humanas e Sociais porque possibilita ampliar o entendimento de objetos cuja compreensão necessita de contextualização histórica e sociocultural. Por exemplo, na reconstrução de uma história vivida,

[...] o documento escrito constitui uma fonte extremamente preciosa para todo pesquisador nas ciências sociais. Ele é, evidentemente, insubstituível em qualquer reconstituição referente a um passado relativamente distante, pois não é raro que ele represente a quase totalidade dos vestígios da atividade humana em determinadas épocas. Além disso, muito frequentemente, ele permanece como o único testemunho de atividades particulares ocorridas num passado recente (CELLARD, 2008: 295).

O documento permite mostrar, provar algo. Podemos questionar quem o produziu, quando, onde, como, com quais interesses, quais os objetivos. A pesquisa documental cobre uma enorme variedade de fontes. Em relação à análise documental, ela se apresenta como uma técnica muito vantajosa, pois tem o potencial de complementar as informações obtidas em outras técnicas. Para tanto, o uso da análise documental revela aspectos não detectados de um determinado tema ou problema.

Segundo Cellard (2008, p. 301), “é importante assegurar a qualidade da informação transmitida” averiguando a autenticidade, observando a procedência do documento. Faz-se necessário também saber se os autores foram testemunhas diretas ou indiretas do que relatam. Segundo o autor, na autenticidade posso observar a confiabilidade, a verdade, a procedência, a natureza e a autenticidade (veracidade) do documento.

Tendo em vista essas formulações, a pesquisa documental foi desenvolvida e assumiu características que a distingue de concepções conservadoras, pois se propôs estudar e analisar as fontes documentais, sendo notas oficiais da Federação Mineira de Basketball (F.M.B), Liga Regional do Triângulo de basketball e Liga Regional do sul de Minas de Basquete observando, notas oficiais das competições realizadas nas categorias iniciais de formação no basquetebol de sub 11 a 14 anos em ambos os sexos. Queremos com isso dizer que os documentos foram analisados e interpretados a partir de uma visão crítica, considerando sua complexidade e contradições.

A etapa de análise dos documentos propõe-se a produzir ou reelaborar conhecimentos e criar novas formas de compreender os fenômenos. É condição necessária que os fatos devem ser mencionados, pois constituem os objetos da pesquisa, mas, por si mesmos, não explicam nada. O investigador deve interpretá-los, sintetizar as informações, determinar tendências e na medida do possível fazer a inferência. May (2004) diz que os documentos não existem isoladamente, mas precisam ser situados em uma estrutura teórica para que o seu conteúdo seja entendido.

Para Gil (1999, p. 66), a pesquisa documental tem muita semelhança com a pesquisa bibliográfica, mas o autor aponta que “a única diferença entre ambas está na natureza das fontes.” Isso significa que a pesquisa bibliográfica se utiliza principalmente das contribuições que são extraídas dos diversos autores tendo como base determinado assunto, enquanto que a pesquisa documental tem como ferramentas os materiais que ainda não receberam qualquer tipo de tratamento, ou que ainda podem ser feitas releituras de acordo com a proposta da pesquisa.

Ludke e André (1986, p. 38) caracterizam como documentos as “leis e regulamentos, normas, pareceres, cartas, memorandos, diários pessoais, autobiografias, jornais, revistas, discursos, roteiros de programas de rádio e televisão até livros, estatísticas e arquivos escolares.”

Enfim, para que a pesquisa seja de qualidade e os seus resultados tenham validade, Cellard (2008, p. 305) aponta que é necessário que se leve em consideração “a qualidade da informação, a diversidade das fontes utilizadas, das corroborações, das intersecções, que dão sua profundidade, sua riqueza e seu refinamento a uma análise.”

Tivemos acesso a documentos, com destaque para notas oficiais, regulamentos das competições e relatórios técnicos da Federação Mineira de Basketball FMB, Liga Regional de Basquete do Triângulo AEDEC e da Liga Regional de Basquetebol do Sul de Minas.

Optamos por selecionar documentos relacionados a quantidade de garotos e garotas jogando basquetebol na FMB no período de 2005 a 2020 nas categorias iniciais de formação no basquetebol. Nas ligas regionais, tanto da região do Triângulo Mineiro quanto a do sul de Minas, verificamos a quantidade de participantes em suas competições no período de 2011 a 2020. Em um segundo momento comparamos os anos 2011 (início das chancelas de autorização para os torneios das ligas regionais, feito pela FMB, e 2012 sendo seu segundo ano das competições comparando o aumento das crianças e adolescentes na prática do basquetebol em todos os naipes (masculino e feminino), juntamente com os campeonatos oficiais realizados pela Federação Mineira de Basquetebol.

Assim, o corpus da pesquisa constituído pelos seguintes documentos:

- 1- A Política Nacional do Esporte n. 157, de 16 de agosto de 2005.
- 2- O Regulamento Geral das competições da Federação Mineira de Basketball (FMB) de 2019.
- 3- O Relatório Técnico da Federação Mineira de Basketball (FMB) de 2015.
- 4- O Regulamento das categorias sub 12 e 13 dos campeonatos da Federação Mineira de Basketball de 2018.
- 5- O Regulamento dos Jogos da Juventude (JOJU), de 2015.
- 6- O Regulamento geral de competições da Liga Regional do Triângulo - AEDEC (Associação Educacional Esportivo e cultural), de 2018.
- 7- Notas oficiais da FMB, da Liga Regional do Triângulo AEDEC e da Liga Regional de Basketball do Sul de Minas, relatando a quantidade de meninos e meninas que participaram nas categorias iniciais de sub 11 a 14 dos torneios e campeonatos destas instituições no período de 2005 a 2020.

Feita a seleção e análise preliminar dos documentos, o pesquisador procederá à análise dos dados: “é o momento de reunir todas as partes – elementos da problemática ou do quadro teórico, contexto, autores, interesses, confiabilidade, natureza do texto, conceitos- chave” (CELLARD, 2008: 303). O pesquisador poderá, assim, fornecer uma interpretação coerente, tendo em conta a temática ou o questionamento inicial.

O processo de análise documental tem um desenvolvimento concatenado. Depois de obter um conjunto inicial de categorias, a próxima fase envolve um enriquecimento do sistema mediante um processo divergente, incluindo as seguintes estratégias: aprofundamento, ligação e ampliação. Baseado naquilo que já obteve, o pesquisador volta a examinar o material no intuito de aumentar o seu conhecimento, descobrir novos ângulos e aprofundar a sua visão. Pode também explorar as ligações existentes entre os vários itens, tentando estabelecer relações e associações e passando então a combiná-los, separá-los ou reorganizá-los. Finalmente, o investigador procurará ampliar o campo de informações identificando os elementos emergentes que precisam ser mais aprofundados (LUDKE e ANDRÉ, 1986).

A análise dos documentos constituiu-se de uma investigação para mostrar ou provar algo, analisando sua confiabilidade e autenticidade. Durante a análise dos documentos questionamos quem o produziu, quando, onde, como, com quais interesses, quais os objetivos e conceitos - chave. A pesquisa documental deve cobrir uma variedade de fontes revelando informações relevantes para compreensão de determinados fatos implicados na questão orientadora da pesquisa. Procuramos vincular as informações dos documentos ao nosso objeto de estudo (objetivo geral e específicos,) pensando a possibilidade de compor compreensões e

interpretações, tendo a análise desses documentos se ancorado nas elaborações de Cellard (2008) sobre análise documental.

Nessa perspectiva, primeiramente fizemos uma análise preliminar dos documentos citados anteriormente e depois um estudo mais próximo, reunindo e articulando resultados da análise preliminar, base teórica e questões orientadoras do estudo. Nesse processo foram elaborados eixos de análise mistos que nos ajudaram a melhor compreender e interpretar o documento e compor respostas para as questões orientadoras da pesquisa.

ORGANIZAÇÃO DO RELATÓRIO DA PESQUISA

A pesquisa resultou na produção de um relatório que, além desta introdução, segue estruturado em quatro seções assim dispostas:

Na seção 01, intitulada “As Políticas Públicas e Esporte no Brasil”, temos a intenção de abordar os conceitos de políticas públicas, seu ciclo ou estágios, a relação entre Estado e políticas públicas, a intervenção do Estado na educação e, ao interesse mais relevante para este estudo, as políticas públicas sociais e políticas públicas para o esporte.

Na seção 02, intitulada “Pedagogia do Esporte no Brasil”, a intenção de demonstrar alguns princípios da Pedagogia do Esporte, que poderiam influenciar na iniciação do basquetebol mineiro, como também, na iniciação esportiva, de modo geral. Esta seção se divide em três momentos: a) considerações sobre a ação pedagógica, relacionada aos professores, de modo geral, e, principalmente, aos professores da Educação Física escolar; b) considerações sobre o fenômeno Esporte e seus diferentes significados; e c) considerações sobre as relações entre a Pedagogia e o Esporte, fazendo com que se torne possível enxergar o processo da iniciação esportiva de modo abrangente, cumprindo com seus objetivos educativos.

Na seção 03, mais ampla, intitulada “A iniciação em Basquetebol no Estado de Minas Gerais: caminhos para uma formação educativa”, o interesse foi realizar uma análise crítica sobre a iniciação relacionada ao basquetebol mineiro, em diferentes momentos: de modo introdutório, será apresentada a modalidade basquetebol, sua origem e evolução, além de seu início no Brasil e suas principais conquistas em nível internacional no decorrer da história; na sequência a ênfase estará centrada na iniciação em basquetebol, caracterizada neste estudo pelas categorias u 11, u12, u13 e u14, contemplando crianças e adolescentes nestas idades, assim determinada pela Federação Mineira de Basketball (FMB) e ligas e associações regionais do interior deste estado. Como estamos falando de crianças e adolescentes, serão apresentados

alguns traços marcantes desta fase da vida, que devem ser considerados num processo de ensino e aprendizagem do basquetebol; e, após, será analisada a organização da iniciação no basquetebol mineiro.

Na seção 04 serão apresentadas algumas propostas de intervenção que incidam sobre a iniciação em basquetebol no estado de Minas Gerais, com a intenção de fazer com que os profissionais atuantes nesta área reflitam sobre o atual momento, sobre suas atitudes e sobre o contexto, de modo geral, visando ao desenvolvimento do basquetebol mineiro como um todo e à iniciação a este esporte em particular. Para isso, destacamos a princípio a intenção de transformar o enfoque dado à iniciação, passando de um contexto hoje direcionado para o esporte profissional, para um contexto que deve utilizar o esporte voltado para fins educativos; para tanto, na sequência, apresentamos propostas em uma perspectiva de ordem técnico-pedagógica, considerando os aspectos técnicos, táticos, físicos e psicológicos envolvidos na modalidade sob estudo. Após, interessou propor novas formas de se trabalhar com a iniciação, com o objetivo de explorar os princípios da Pedagogia do Esporte. Ao final, apresentamos as considerações finais da pesquisa, as referências e, em anexo, a proposta de intervenção sob a forma de uma Consultoria Online de Basquetebol intitulada *Brincando e aprendendo o Basquetebol: proposições para uma formação educativa*.

SEÇÃO 1. POLÍTICAS PÚBLICAS E ESPORTE NO BRASIL

Temos a intenção de abordar nesta seção os conceitos de políticas públicas, seu ciclo ou estágios, a relação entre Estado e políticas públicas, a intervenção do estado na educação, políticas públicas sociais e políticas públicas para o esporte.

1.1 Conceitos de Políticas Públicas

A função que o Estado desempenha em nossa sociedade sofreu inúmeras transformações ao passar do tempo. No século XVIII e XIX seu principal objetivo era a segurança pública e a defesa externa em caso de ataque inimigo. Entretanto, com o aprofundamento e expansão da democracia, as responsabilidades do Estado se diversificaram e, atualmente, é comum se afirmar que a função do Estado é promover o bem estar da sociedade.

Para tanto, ele necessita desenvolver uma série de ações e atuar diretamente em diferentes áreas, tais como saúde, educação, esportes, meio ambiente, etc. Para atingir resultados em diversas áreas e promover o bem-estar da sociedade, os governos se utilizam das políticas públicas que são “(...) um conjunto de ações e decisões do governo, voltadas para a solução (ou não) de problemas da sociedade (...)”

Dito de outra maneira, as políticas públicas são a totalidade de ações, metas e planos que os governos (nacionais, estaduais ou municipais) traçam para alcançar o bem-estar da sociedade e o interesse público. É certo que as ações que os dirigentes públicos (os governantes ou os tomadores de decisões) selecionam (suas prioridades) são aquelas que eles entendem serem as demandas ou expectativas da sociedade. Ou seja, o bem-estar da sociedade é definido pelo governo e não pela sociedade. Isto ocorre porque a sociedade não consegue se expressar de forma integral. Ela faz solicitações (pedidos ou demandas) para os seus representantes (deputados, senadores e vereadores) e estes mobilizam os membros do Poder Executivo, que também foram eleitos (tais como prefeitos, governadores e inclusive o próprio Presidente da República) para que atendam as demandas da população.

As demandas da sociedade são apresentadas aos dirigentes públicos por meio de grupos organizados, no que se denomina de Sociedade Civil Organizada (SCO), a qual inclui, conforme apontado acima, sindicatos, entidades de representação empresarial, associação de moradores, associações patronais e Organizações Não Governamentais (ONGs) em geral.

As sociedades contemporâneas se caracterizam por sua diversidade, tanto em termos de idade, religião, etnia, língua, renda, profissão, como de ideais, valores, interesses e aspirações. No entanto, os recursos para atender às demandas da sociedade e seus diversos grupos (a SCO)

são limitados ou escassos. Como consequência, os bens e serviços públicos desejados pelos diversos indivíduos se transformam em motivo de disputa. Assim, para aumentar as possibilidades de êxito na competição, indivíduos que têm os mesmos objetivos tendem a se unir, formando grupos.

Assim, o interesse público – o qual, por sua vez, reflete as demandas e expectativas da sociedade – se forma a partir da atuação dos diversos grupos. Durante a apresentação de suas reivindicações, os grupos tentam obter apoio de outros grupos, mas também sofrem oposição daqueles que têm outras reivindicações contrárias. O interesse público se forma, portanto, por meio da disputa de todos os grupos da Sociedade Civil Organizada (SCO).

Compreendidas as diversas demandas e expectativas da sociedade, ocorre a seleção de prioridades para, em seguida, ocorrer a avaliação das respostas. As respostas nunca atenderão às expectativas de todos os grupos. Alguns grupos serão contemplados, outros não. Para os grupos contemplados o governo terá de formular e desenvolver ações para buscar atender suas expectativas, integral ou parcialmente. Quando o governo busca atender as principais (na sua percepção) demandas recebidas, diz-se que ele está voltado para o interesse público (ou seja, para o interesse da sociedade). Ao atuar na direção do interesse público, o governo busca maximizar o bem estar social.

Em outras palavras, as políticas públicas são o resultado da competição entre os diversos grupos ou segmentos da sociedade que buscam defender (ou garantir) seus interesses. Tais interesses podem ser específicos – como a construção de uma estrada ou um sistema de captação das águas da chuva em determinada região – ou gerais – como demandas por segurança pública e melhores condições de saúde.

É importante ressaltar, entretanto, que a existência de grupos e setores da sociedade apresentando reivindicações e demandas não significa que estas serão atendidas, pois antes disso é necessário que as reivindicações sejam reconhecidas e ganhem força ao ponto de chamar a atenção das autoridades do Poder Executivo, Legislativo e Judiciário.

1.2 As fases das políticas públicas (o ciclo ou estágios das políticas públicas)

O processo de formulação de Políticas Públicas, também chamado de Ciclo das Políticas Públicas, apresenta diversas fases: Formação da Agenda (Seleção das Prioridades); Formulação de Políticas (Apresentação de Soluções ou Alternativas); Processo de Tomada de Decisão (Escolha das Ações); Implementação (ou Execução das Ações); e Avaliação. A seguir consideramos brevemente estas fases.

É impossível para os atores públicos concentrarem suas atenções e atenderem a todos os problemas existentes em uma sociedade, dado que estes são abundantes e os recursos necessários para solucioná-los, escassos. Por isso, é necessário que se estabeleçam quais questões serão tratadas pelo governo. O processo de definição da lista de principais problemas da sociedade é chamado de Formação da Agenda. Tal processo envolve a emergência, o reconhecimento e a definição das questões que serão tratadas e, como consequência, quais serão deixadas de lado.

Existe uma série de elementos que contribuem para que determinado problema se insira na Agenda Governamental, dentre os quais podemos citar, a título ilustrativo: a existência de indicadores, que são uma série de dados que mostram a condição de determinada situação. Se esses indicadores apresentarem uma situação problemática, ela poderá ser inserida na Agenda Governamental para sofrer interferência do poder público. Um exemplo seria uma alta taxa de mortalidade de micro e pequenas empresas nos primeiros meses de sua existência, o que poderia resultar em uma política pública voltada para esse segmento.

Também podem ocorrer eventos simbólicos, situações que, pela repercussão social que causam, chamam a atenção para determinados problemas, como casos de crimes violentos que, pela comoção na população, podem dar início a ações do governo que busquem evitar que outros crimes parecidos ocorram. Destaca-se, ainda, o feedback das ações governamentais, que são os resultados obtidos com programas anteriores, encerrados ou não, que apontam falhas nas medidas adotadas pelo referido programa avaliado ou outros problemas que até então não recebiam atenção governamental, em geral, são frutos de avaliações das políticas.

Os processos institucionais também desempenham um relevante papel na definição da Agenda. A rotina administrativa e as regras do sistema político produzem uma dinâmica que influi na inclusão de determinado tema. Como exemplo, podemos citar o fato de que os períodos de transição de governos são apontados como aqueles nos quais a agenda muda com maior facilidade, o que também demonstra a importância da visão dos políticos sobre quais temas devem receber maior atenção.

Porém, cabe ressaltarmos que, mesmo que uma questão se insira na Agenda Governamental, isso não significará que ela será considerada prioritária. Isso só ocorre quando diversos fatores se juntam, tais como vontade política, mobilização popular e a percepção de que os custos de não resolver o problema serão maiores que os custos de resolvê-los.

Na sequência, a partir do momento em que uma situação é vista como problema e, por isso, se insere na Agenda Governamental, é necessário definir as linhas de ação que serão adotadas para solucioná-los.

Este processo, no entanto, não ocorre de maneira pacífica, uma vez que geralmente alguns grupos considerarão determinadas formas de ação favorável a eles, enquanto outros a considerarão prejudicial, iniciando-se assim um embate político. Esse é o momento no qual onde deve ser definido qual é o objetivo da política, quais serão os programas desenvolvidos e as metas almejadas, o que significa a rejeição de várias propostas de ação.

Certamente essa escolha, além de se preocupar com o posicionamento dos grupos sociais, necessita ser feita ouvindo o corpo técnico da administração pública, inclusive no que se refere aos recursos – materiais, econômicos, técnicos, pessoais, dentre outros – disponíveis.

De forma geral, podemos definir os seguintes passos como necessários a um bom processo de elaboração de Políticas Públicas: a conversão de estatísticas em informação relevante para o problema; a análise das preferências dos grupos que integram o sistema político, apresentando reivindicações ou executando ações, que serão transformadas em políticas públicas, denominamos de Atores; e a ação baseada no conhecimento adquirido.

Com o objetivo de facilitar a formulação de propostas, o responsável pela elaboração da política pública deve se reunir com os atores envolvidos no contexto (área ou setor) em que ela irá ser implantada e pedir a eles uma proposta sobre qual seria a melhor forma de se proceder e, em caso de inviabilidade desta, qual seria a melhor alternativa. Assim, a autoridade terá em suas mãos uma série de opiniões que servirão como uma fonte de ideias, as quais poderão apontar o caminho desejado de cada segmento social, auxiliando na escolha e contribuindo com a legitimidade da mesma.

As opiniões dos grupos precisam ser analisadas de maneira objetiva, considerando-se a viabilidade técnica, legal, financeira, política, dentre outras. Outra análise importante se refere aos riscos que cada alternativa traz, desenvolvendo uma forma de compará-las e de medir qual é mais eficaz e eficiente para atender ao objetivo e aos interesses sociais.

Em uma terceira fase, considerando que durante todo o ciclo de políticas públicas é necessário se tomar decisões. Entretanto, a fase de tomada de decisões pode ser definida como o momento onde se escolhe alternativas de ação/intervenção em resposta aos problemas definidos na agenda. É o momento em que se define, por exemplo, os recursos e o prazo temporal de ação da política. As escolhas feitas nesse momento são expressas em leis, decretos, normas, resoluções, dentre outros atos da administração pública.

Outro passo importante, nessa fase, é se definir como se dará o processo de tomada de decisões, ou seja, qual o procedimento que se deve seguir antes de se decidir algo. Primeiramente deverá se decidir quem participará do processo, se este será aberto fechado.

Estudiosos em políticas públicas desenvolveram vários modelos para explicar o processo de tomada de decisão. Tais modelos, cujo objetivo é descrever o que acontece, podem ser uma ajuda valiosa para aqueles formuladores de políticas que não desenvolveram ainda conhecimento prático, permitindo que eles aprendam se poupando de alguns erros.

Assim, os atores são as próprias organizações que concorrem em termos de poder e influência para promover a sua perspectiva e interpretação dos problemas tratados. Sob este enfoque, explicam-se as decisões basicamente como o resultado de interações políticas entre as organizações burocráticas. As soluções ajustam-se aos procedimentos operacionais padronizados, ou seja, às rotinas organizacionais.

Segundo esse modelo, uma boa decisão seria aquela que permitisse a efetiva acomodação de todos os pontos de conflito envolvidos naquela política pública. Os principais atores, ou seja, aqueles que têm condições efetivas de inviabilizar uma política pública devem ter a convicção de que saíram ganhando. Na pior hipótese, nenhum deles deve se sentir completamente prejudicado. Na prática, isso requer que os atores que podem impedir a execução devem sentir que poderão não ter ganhos reais, mas ao menos, não terão prejuízos com a política proposta.

Na quarta fase é o momento onde o planejamento e a escolha são transformados em atos, tendo o corpo administrativo como responsável pela execução da política. Cabe a eles a chamada ação direta, ou seja, a aplicação, o controle e o monitoramento das medidas definidas. Durante esse período, a política pode sofrer modificações drásticas dependendo da postura do corpo administrativo.

Estudiosos apresentam dois modelos de implementação das políticas públicas; o de Cima para Baixo (que é a aplicação descendente ou, em outras palavras, do governo para a população) e o de Baixo para Cima (que é a aplicação ascendente ou da população para o governo).

O modelo de Cima para Baixo representa um modelo centralizado, em que apenas um número muito pequeno de funcionários participa das decisões e opina na forma da implementação das políticas. Ele reflete uma concepção hierárquica da administração pública, segundo a qual a decisão tomada pela administração pública seja acatada e cumprida pelos demais envolvidos, sem questionamentos.

Já o modelo de Baixo para Cima é caracterizado pela descentralização. Ou seja, ele supõe a participação dos beneficiários ou do usuário final das políticas em questão. Ele representa uma perspectiva participativa das Políticas Públicas, o que é possível pelo contato

direto do cidadão com o aparato da administração pública. Os beneficiários são chamados a participar.

Durante a fase de implementação, é possível se perceber alguns fatores que podem comprometer a eficácia das políticas. Podemos citar como exemplo as disputas de poder entre as organizações, bem como fatores internos e os fatores externos que afetam o desempenho das instituições, tais como suas estruturas e a preparação formal e treinamento do quadro administrativo encarregado da execução de políticas.

Dentre os fatores de disputas entre as organizações, destacam-se a quantidade de agências ou organizações envolvidas no acompanhamento e controle das políticas e o grau de cooperação ou lealdade entre elas. Quanto maior o número de organizações envolvidas na execução de uma política, maior será o número de comandos ou ordens que tem de ser expedidas e, conseqüentemente, o tempo demandado para a realização das tarefas. A extensão da cadeia de comando mede-se pelo número de decisões que é necessário adotar para que o programa funcione.

A extensão de comando afeta o grau de cooperação entre as organizações, tornando o controle e monitoração do processo de implementação mais complexo e difícil. Dessa forma, quanto mais elos – agências e organizações da administração pública envolvidas na execução de tarefas – tiver a cadeia de comando – canais de transmissão das ordens para execução das tarefas – mais sujeita a deficiências estará a implementação de políticas.

Dentre os fatores internos que afetam as organizações, podemos enumerar, em primeiro lugar, as características estruturais das agências burocráticas – recursos humanos, financeiros e materiais – e a relação entre quantidade de mudanças exigidas por uma política e extensão do consenso sobre seus objetivos e metas.

As características das agências abrangem aspectos objetivos – como tamanho, hierarquia, autonomia, sistemas de comunicação e de controle – e qualitativos – como a competência da equipe e a vitalidade de seus membros. Essas características estruturais são responsáveis não apenas pela eficácia na execução das tarefas como também pela compreensão mais ou menos precisa dos implementadores acerca da política e pela abertura ou adaptabilidade da organização às mudanças. Quanto ao segundo fator interno, cabe destacar a existência de consenso dentro da burocracia. Com efeito, a relação entre a quantidade de mudanças exigidas afeta inversamente o consenso sobre a política, ou seja, quanto mais mudanças no padrão de interação dos atores ou nas estruturas forem necessárias, menor será o consenso sobre como atingi-las.

Isso afeta negativamente o grau de cooperação entre as organizações e a lealdade da burocracia aos formuladores, provocando deficiências e deturpações na implementação das Políticas Públicas.

Os fatores externos, por fim, também afetam as políticas públicas. Com efeito, a opinião pública, a disposição das elites, as condições econômicas e sociais da população e a posição de grupos privados podem tornar problemática a execução das políticas. A indiferença e descaso gerais, a resistência passiva ou a mobilização intensa contra as medidas podem configurar uma conjuntura negativa que prejudique a aplicação dos objetivos e metas propostas na política.

A quinta e última fase seria a avaliação, sendo um elemento crucial para as políticas públicas. O fato de ser apresentada como última etapa não significa que ela seja uma ferramenta para ser utilizada apenas quando o tempo de atuação da política pública acaba. Muito pelo contrário, a avaliação pode ser feita em todos os momentos do ciclo, contribuindo para o sucesso da ação governamental e a maximização dos resultados obtidos com os recursos destinados. Além disso, a avaliação também é uma fonte de aprendizado que permite ao gestor perceber quais ações tendem a produzir melhores resultados.

A avaliação permite à administração gerar informações úteis para futuras Políticas Públicas, prestar contas de seus atos, justificar as ações e explicar as decisões, corrigir e prevenir falhas, responder se os recursos, que são escassos, estão produzindo os resultados esperados e da forma mais eficiente possível, identificar as barreiras que impedem o sucesso de um programa, promover o diálogo entre os vários atores individuais e coletivos envolvidos e fomentar a coordenação e a cooperação entre esses atores.

De maneira geral, o processo de avaliação de uma política leva em conta seus impactos e as funções cumpridas. Além disso, busca determinar sua relevância, analisar a eficiência, eficácia e sustentabilidade das ações desenvolvidas, bem como servir como um meio de aprendizado para os atores públicos.

Os impactos se referem aos efeitos que uma política pública provoca nas capacidades dos atores e grupos sociais, por meio da redistribuição de recursos e valores, afetando interesses e suas estruturas de preferências. A avaliação de impacto analisa as modificações na distribuição de recursos, a magnitude dessas modificações, os segmentos afetados, as contribuições dos componentes da política na consecução de seus objetivos.

A avaliação de uma política também deve focar os efeitos que esses impactos provocam e que se traduzem em novas demandas de decisão por parte das autoridades, com o objetivo de anular ou reforçar a execução da medida. Também é importante analisar se a política

produziu algum impacto importante não previsto inicialmente, bem como determinar quais são os maiores obstáculos para o seu sucesso.

Quanto às funções cumpridas pela política, a avaliação deve comparar em que medida a política, nos termos em que foi formulada e implementada, cumpre os requisitos de uma boa política.

Idealmente, uma boa política deve cumprir as seguintes funções: promover e melhorar os níveis de cooperação entre os atores envolvidos; constituir-se num programa factível, isto é, implementável; reduzir a incerteza sobre as consequências das escolhas feitas; evitar o deslocamento da solução de um problema político por meio da transferência ou adiamento para outra arena, momento ou grupo; e ampliar as opções políticas futuras e não presumir valores dominantes e interesses futuros nem predizer a evolução dos conhecimentos. Uma boa política deveria evitar fechar possíveis alternativas de ação.

Para se determinar a relevância de uma política deve se perguntar se as ações desenvolvidas por ela são apropriadas para o problema enfrentado.

Para se analisar a eficácia e eficiência de um programa, uma avaliação deve buscar responder se os produtos alcançados são gerados em tempo hábil, se o custo para tais produtos são os menores possíveis e se esses produtos atendem aos objetivos da política. Quanto à sustentabilidade, uma política deve ser capaz de que seus efeitos positivos se mantenham após o término das ações governamentais na área foco da Política Pública avaliada.

Por fim, é importante se apreender, dentre outras coisas, quais seriam outras alternativas de ações que poderiam ter sido adotadas – e que poderão ser em intervenções futuras – e quais lições se tirar da experiência – tanto daquilo que deu certo como do que deu errado.

1.3 A relação entre Estado, Políticas Públicas Sociais e Políticas Públicas

A convivência social requer ferramentas que venham a proteger direitos e promover a convivência entre os indivíduos em uma coletividade, além do reconhecimento territorial nacional diante de outros povos. Nesse prisma o Estado se estrutura sob o fundamento de manter a coesão social, garantir a propriedade privada e outros direitos coletivos – que com o amadurecimento do Estado, surge a ideia e prática de um Estado voltado ao bem estar social, o qual busca satisfazer a população através de políticas públicas focalizadas e universais – as quais buscam tratar com isonomia os iguais e os desiguais, na medida em que se desigalam, conforme a formação histórica de cada sociedade. Segundo Cardoso:

O enfoque latino-americano de políticas dá a ênfase indispensável às políticas universais, como educação e saúde, sem deixar de dirigir esforços para beneficiar os segmentos mais vulneráveis da população, sobretudo quando eles são numerosos. Na tradição social-democrática europeia o bem-estar foi promovido por políticas públicas que reforçaram o acesso à educação, à saúde e à previdência social (CARDOSO, 2010, p. 195).

O Estado se apresenta como uma unidade básica social com território definido e com uma nação constituída pela coletividade que habita determinada localidade, genericamente entendida como um povo. Atualmente, a principal forma de organização política dá-se por meio do Estado Moderno. A sociedade civil, legitimadora e financiadora do Estado, o credencia a administrar as questões mais importantes do convívio social e, em nome da ordem, concede também a ele o direito de ser a única instituição a poder fazer o uso legítimo da força física conforme destacou Max Weber (ALBINO, 2016).

Por Governo, entende-se o conjunto de indivíduos que ocupam, na cúpula do Estado, posições de decisão administrativa e política e que orientam os rumos da sociedade (RODRIGUES, 2010). Ao participar do governo, os indivíduos participam do ciclo das políticas públicas – definição da agenda política, elaboração, implementação e avaliação. Sendo assim, escolhem dentre diversas alternativas quais serão as políticas e as ações a serem praticadas pelo governo para o alcance de objetivos preestabelecidos. Tratando-se de um governo democrático, as preferências e interesses passam a ser constantemente negociadas, e envolve os interesses de diversos atores que compõem o aparato estatal.

As políticas públicas podem ser entendidas como a maneira pela qual o Estado atua para amenizar os conflitos e desigualdades sociais. Elas são desenhadas a partir do relacionamento e dos interesses existentes entre várias camadas da sociedade.

Nesse processo, os atores políticos possuem importante participação para a focalização e destinação de recursos públicos para determinada política pública. Além disso, é importante salientar que a implementação das políticas públicas nas sociedades capitalistas também está sujeita a interferência de cenários macroeconômicos de crise ou estabilidade (MOTA, 2014).

Durante o ciclo das políticas públicas, atores públicos, compreendidos como os gestores públicos, juízes, burocratas, políticos e outras instituições do Governo, referem-se aos que de fato podem decidir sobre o encaminhamento das políticas. Atores privados, por exemplo, consumidores, empresários, trabalhadores, corporações, centrais sindicais, mídia, entidades do terceiro setor, dentre outros, são aqueles que têm poder para direcionar a formatação das políticas e exercer influências sobre os agentes públicos.

A composição do conjunto de regras que forma a noção de Estado é estabelecida pela aglutinação de sociedades, as quais, situadas em determinado território, visando à proteção da propriedade privada e a regulação de atribuições gerais e coletivas, se submetem a regras e acordos comuns. Para BONAVIDES, (2000) o termo sociedade envolve o conjunto de relações mediante as quais os indivíduos vivem e atuam solidariamente capaz de formar uma entidade nova e superior. Não se detendo sobre teorias organicistas – que se concentram no valor da sociedade – ou conforme teorias mecanicistas – aqueles que enxergam na sociedade apenas a mera soma de partes –, partindo da premissa de que o homem é um ser social, o Estado passa a desenvolver funções distintas e necessárias à manutenção da vida da coletividade.

Rousseau (2003) afirmava que a liberdade natural do homem, seu bem-estar e sua segurança seriam preservados através do contrato social. Rousseau foi um importante ator para se pensar na figura de um Estado incumbido de organizar a sociedade civil. A ideia de um contrato social surge para proteger a propriedade privada, a qual segundo Rousseau seria a origem das desigualdades entre os homens, a ponto de envolverem-se em usurpações de uns contra outros. Sendo assim, o contrato social, que muito influenciou a criação do Estado como conhecemos, faz com que o povo seja, ao mesmo tempo, parte ativa e passiva nessa relação. Constitui-se em um acordo legítimo, o qual a vontade individual é subjugada em prol da vontade de todos.

Desta forma, considerando a faixa temporal, a sociedade surge primeiro e o Estado depois. O conjunto de regras que forma o Estado caracteriza-se por um contrato social, conforme expresso por Rousseau. Neste sentido, Bonavides (2000) assevera que:

A burguesia triunfante abraça-se acariciadora a esse conceito que faz do Estado a ordem jurídica, o corpo normativo, a máquina do poder político, exterior à Sociedade, compreendida esta como esfera mais dilatada, de substrato materialmente econômico, onde os indivíduos dinamizam sua ação e expandem seu trabalho (BONAVIDES, 2000, p. 70).

Logo, o Estado passa a ser o conjunto de regras que visa proteger e atender a vontade geral. Composto pela heterogenia entre o ordenamento jurídico e suas normas, o Estado passa a ser dotado de capacidade decisiva, possuindo o poder sobre o uso coercitivo da força. Nessa macroinstituição denominada Estado, concentra-se a soma de interesses e claros poderes, os quais, em uma sociedade democrática, viabilizarão sua auto regulação, os freios e os contrapesos – *check and balances*.

No tocante à moderna utilização do termo “Estado”, seu emprego pode ser associado e remonta-se à obra de Maquiavel, intitulada “O Príncipe”, na qual ele relaciona o conceito de

Estado com o império e autoridade sobre os homens. Há, porém, conceituações filosóficas e jurídicas a respeito do termo Estado, podendo receber entendimentos que fazem referência à moral e à ética, ou como a uma série de leis e regras às quais os homens se submetem. Bonavides (2000) faz uma separação conceitual entre Estado e sociedade ao caracterizar Estado como o laço jurídico ou político, e sociedade como a pluralidade de laços. Desta assertiva, infere-se, dentre outras possíveis interpretações, a dinamicidade de interesses individuais que constituem a formação do Estado, as lutas de classes, os movimentos sociais, as batalhas fiscais e as disputas pelo poder político.

A federação brasileira possui descentralização política e no que tange a organização político-administrativa do Brasil, a União, os Estados, o Distrito Federal e os Municípios são caracterizados como entidades autônomas – autonomia que garante equilíbrio. Nesse sentido, sendo a União a soma de estados e municípios inseridos neste arcabouço federativo, a garantia da estabilidade institucional é promovida por meio da Constituição Federal brasileira de 1988, a qual visa garantir a distribuição de competências e demonstração de coesão entre todos os entes federados, conforme expressa o princípio da indissolubilidade do vínculo federativo, registrado no artigo 1º da Constituição Federal de 1988 (BRASIL, 1988).

Tratando-se do Brasil, e diante da constitucional divisão de responsabilidades entre as instituições e da influência exercida pela sociedade – agente financiador e usuário dos bens e serviços públicos – no Estado, a obra intitulada “A cabeça do brasileiro” de Almeida (2007) indica que o nível de escolaridade é um fator determinante para a absorção de noções de democracia e igualdade. No entanto, apesar da presença de problemas sociais que retardam a existência de comportamentos democráticos, fundamentados a partir do aumento do nível de escolaridade dos brasileiros, observa-se que o sentimento paciente de Estado provedor é ainda complementado pela alta carga tributária do país, acentuando e intensificando o discurso de que “para os brasileiros, o Estado deve predominar na justiça, na previdência social, na saúde, na educação, no saneamento básico, no fornecimento de água, nas estradas e rodovias, no recolhimento de lixo, na produção de energia elétrica e nos bancos” (ALMEIDA, 2007, p. 178).

Tal compreensão sobre o papel do Estado na sociedade reforça as características de um Estado protetor, paternalista, o qual muito é demandado pela sociedade para satisfazer e suprir lacunas institucionais, sociais e organizacionais – provocadas desde a formação histórica do país. Assim, sob a égide legítima da sociedade, o Estado desenvolve seus processos de manifestação de poder. A democracia, o direito ao voto, à proteção da propriedade, dentre outras características, faz com que esse contrato social entre a sociedade e a instituição Estado,

transforme-se em benefício da coletividade e do bem-comum, ao decidir sobre diversas áreas da vida dos cidadãos.

O funcionamento da máquina pública de forma eficaz e eficiente envolve a análise da governança – termo que para Pereira (2012) traduz-se na capacidade que os governos têm de elaborar e implementar políticas públicas. O alcance de altos níveis de desempenho da máquina do Estado também implica na administração dos mecanismos que constituem a *policy arena* – expressão que Frey (2000) conceitua relacionando-se aos processos de conflito e de consenso dentro das diversas áreas de política. A necessidade de controle dos conflitos de interesses entre os diversos atores presentes no ciclo das políticas públicas apresenta-se como um elevado desafio ao sucesso das políticas e a viabilização da promoção do Estado de bem-estar social, fundamentado, portanto, na geração de *accountability* (transparência na utilização dos recursos públicos) e nos princípios da eficiência e da eficácia na formulação, implementação, avaliação e continuidade das políticas públicas bem sucedidas, às quais o Estado necessita.

A partir das transformações do capitalismo, surge o que podemos chamar de política social, construída por meio das mobilizações das classes operárias advindas das revoluções industriais no século XIX. A política social foi, então, entendida como estratégia de intervenção do governo nas relações sociais originadas no mundo da produção, ou seja, foi relacionada a um processo de mediação, como estratégia estatal entre interesses conflitivos. O processo de globalização que está em curso provoca profundas mudanças em vários setores da sociedade em um movimento acelerado de reorganização e reordenação social, cultural e institucional subordinado em linhas gerais à economia.

Um dos maiores desafios a ser enfrentado nesse processo está na identificação dos papéis a ser desenvolvido pelo Estado-nação, pois esse tem perdido gradativamente algumas de suas prerrogativas – tanto econômicas políticas e culturais quanto sociais.

As políticas sociais passam a serem discutidas em espaços transnacionais, cujos acordos são impostos e aceitos a ponto de modificarem e influírem na execução e definição das políticas nacionais.

As políticas sociais instituídas no Brasil abrangem diferentes áreas e segmentos como a: transferência de renda, saúde, previdência/assistência social, habitação/urbanismo, saneamento básico, trabalho e renda, educação, desenvolvimento rural), bem como políticas sociais focalizadas conforme idade, gênero, etnia, grupos identitários, considerando o contexto brasileiro e internacional.

A principal característica das políticas sociais é a sua transversalidade, por exemplo: a construção de uma estrada rural é, em princípio, uma obra de engenharia e de infraestrutura,

porém, vista por outro ângulo ela vai permitir o acesso das crianças locais à escola, melhorando o nível educacional do lugar, como pode, também, facilitar a assistência médica e a circulação da produção com melhoria da renda. Ou seja, melhorando o nível geral das condições de vida da população, fim último de qualquer política social.

É praxe nas ciências sociais, é necessário demarcar os conceitos com mais precisão, para fins didáticos e operacionais. Desta forma a contribuição aos interessados no tema, recorrendo às citações de alguns autores consagrados que, com muito mais respeitabilidade, se dedicaram à tentativa de construir um significado para as políticas sociais.

Para Santos (1989)

(...) Política Social é aquela que ordena escolhas trágicas segundo um princípio de justiça consistente e coerente. Sendo assim, a política social é em realidade uma ordem superior, meta política que justifica o ordenamento de quaisquer outras políticas. (p.48).

De acordo com Maingón (1992), há um consenso de que a realidade da América Latina exige a racionalização das decisões públicas, com o intuito de executar uma distribuição de recursos de forma menos injusta. Daí propõe uma discussão teórica conceitual que busca responder, em primeiro lugar, o que se entende pelo termo “política”: “(...) procesos, tanto sociales, políticos, como económicos, que conducen a la toma y ejecución de decisiones a través de las cuales se adoptan o se asignan valores a una parte de o a toda La sociedad”.

Em seguida Maingón (1992) propõe que a política social.

(...) és una desición política construída socialmente y por lo tanto és un resultado de la dinámica de processo competitivos os cooperativos entre demandas de distintos grupos y atores com diferentes intereses y valores acerca de lo que disse ser la sociedade (Maingón, 1992.p.45).

Se concordamos com esta conceituação, a formulação de uma política social deveria ser analisada a partir da lógica do processo político no qual está inserida. Podemos afirmar, então, que as políticas sociais possuem duas partes que se complementam: uma de tipo valorativo, filosófico, ético e moral que tende a definir os objetivos a alcançar; e outra de tipo empírico, prático, que mostra de que maneira se podem alcançar os objetivos estabelecidos.

A política social é uma política própria das formações econômico-sociais capitalistas contemporâneas, de ação e controle sobre as necessidades sociais básicas das pessoas não satisfeitas pelo modo capitalista de produção. É uma política de mediação entre as necessidades de valorização e acumulação do capital e as necessidades de manutenção da força de trabalho

disponível para o mesmo. Nesta perspectiva, a política social é uma gestão estatal da força de trabalho e do preço da força de trabalho.

Quando se focaliza as políticas sociais (usualmente entendidas como as de educação, saúde, previdência, habitação, saneamento etc.), os fatores envolvidos para a aferição de seu “sucesso” ou “fracasso” são complexos, variados, e exigem grande esforço de análise. Estes diferentes aspectos devem estar sempre referidos a um contorno de Estado no interior do qual eles se movimentam.

Torna-se importante ressaltar a diferenciação entre Estado e governo. Para se adotar uma compreensão sintética compatível com os objetivos deste texto, é possível se considerar Estado como o conjunto de instituições permanentes – como órgãos legislativos, tribunais, exército e outras que não formam um bloco monolítico necessariamente – que possibilitam a ação do governo; e Governo, como o conjunto de programas e projetos que parte da sociedade (políticos, técnicos, organismos da sociedade civil e outros) propõe para a sociedade como um todo, configurando-se a orientação política de um determinado governo que assume e desempenha as funções de Estado por um determinado período.

As políticas sociais – e a educação – se situam no interior de um tipo particular de Estado, são formas de interferência do Estado, visando a manutenção das relações sociais de determinada formação social, estando situadas no interior de um tipo particular de Estado configurando em formas de interferência visando a manutenção das relações sociais de determinação social.

As políticas sociais no Brasil estão relacionadas diretamente às condições vivenciadas pelo País em níveis econômico, político e social. São vistas como mecanismos de manutenção da força de trabalho, em alguns momentos, em outros como conquistas dos trabalhadores, ou como doação das elites dominantes, e ainda como instrumento de garantia do aumento da riqueza ou dos direitos do cidadão (Faleiros, 1991, p.8). Historicamente, o estudo das políticas sociais deve ser marcado pela necessidade de pensar as políticas sociais como “concessões ou conquistas”, na perspectiva marxista (Pastorini, 1997, p.85), a partir de uma ótica da totalidade. Dessa forma, as políticas sociais são entendidas como fruto da dinâmica social, da inter-relação entre os diversos atores, em seus diferentes espaços e a partir dos diversos interesses e relações de força. Surgem como “[...] instrumentos de legitimação e consolidação hegemônica que, contraditoriamente, são permeadas por conquistas da classe trabalhadora” (Montaño, 2007, p.39).

Segundo Faleiros (1991, p.45 e 80), “as políticas sociais devem ser entendidas como produto histórico concreto a partir do contexto da estrutura capitalista; com isso: As políticas

sociais são formas de manutenção da força de trabalho econômica e politicamente articuladas para não afetar o processo de exploração capitalista e dentro do processo de hegemonia e contra hegemonia da luta de classes. [...] as políticas sociais, apesar de aparecerem como compensações isoladas para cada caso, constituem um sistema político de mediações que visam à articulação de diferentes formas de reprodução das relações de exploração e dominação da força de trabalho entre si, com o processo de acumulação e com as forças políticas em presença”.

A política social brasileira compõe-se e recompõe-se, conservando em sua execução o caráter fragmentário, setorial e emergencial, sempre sustentada pela imperiosa necessidade de dar legitimidade aos governos que buscam bases sociais para manter-se e aceitam seletivamente as reivindicações e até as pressões da sociedade.

Dessa forma podemos verificar como a necessidade da política social, portanto, apresentam claro e inequívoco conteúdo de classe social, e respondem, em última instância, aos interesses das classes dominantes. Isto não significa que se deve, neste momento histórico, negar uma ou outra – ou ambas. O que é fundamental é o fortalecimento daqueles que se encontram fora dos processos decisórios que se dão, em última instância, no âmbito político. Os espaços políticos já existentes – sindicatos, associações, conselhos – e a busca incessante de criação de novos espaços de participação, podem se constituir em um caminho possível de fortalecimento dos indivíduos para que reconheçam sujeito coletivo e imponham mudanças importantes em ambas as políticas, mudanças estas que venham a favorecer a maioria da população.

1.4 Políticas Públicas para o esporte no Brasil

O esporte é importante para uma nação, traz diversas melhorias, favorece a saúde e socialização, podendo resultar em “promoção da qualidade de vida e longevidade saudável” (OLIVEIRA; DUTRA; SALES; ASANO; SOTERO; CUNHA, 2011, p.1). No Brasil há leis de fomento ao desporto, fundamentais para a realização de ações para o bem comum da população, devendo o esporte ser tratado como política pública, que necessita de atenção especial.

De acordo com Rossetto Junior e Borin (2017, p.2), as “políticas públicas” apresentam diversas definições, aplicadas, historicamente, nas diferentes sociedades, portanto não há um conceito unânime. No século XVIII e na primeira metade do XIX, “eram focadas na segurança pública e na defesa externa de ataque inimigo”. Em seguida, “as responsabilidades do Estado se ampliaram” e uma vez criadas, as políticas devem ser implementadas, executadas, fiscalizadas, monitoradas e avaliadas.

Segundo Rossetto Junior e Borin (2017, p. 3), a Constituição Federal de 1988, a partir das demandas de atores, tanto da sociedade civil organizada, quanto de estatais, influenciada pela UNESCO por meio da “Carta Internacional de Educação Física e Esporte”, determinou que o esporte é um direito social de todo cidadão, especificamente no artigo 217: “É dever do Estado fomentar práticas desportivas formais e não-formais, como direito de cada um” (BRASIL, 1988).

Na década de 1990, no âmbito das reformas educacionais, foram aprovadas a LDB, Lei 9394/1996, e a Lei Pelé, Lei 9615/1998, que regulamentaram a garantia desse direito. Assim, a Constituição de 1988, como marco jurídico normativo da nação, fomentou e viabilizou a implementação de políticas públicas de esporte no país.

Em 2003 foi criado o Ministério do Esporte e desde então, ocorreram diversas mudanças na política nacional para essa área. De acordo com a página da Secretaria Especial do Esporte do governo federal, em 2021: "A história institucional do esporte no Brasil teve início em 1937", quando foi criada a “Divisão de Educação Física” do Ministério da Educação e Cultura, por intermédio da Lei nº 378 de 13/03/37. "Em 1970, a divisão foi transformada em Departamento de Educação Física e Desportos, ainda vinculada ao Ministério da Educação e Cultura". Em 1978, “o departamento foi transformado em Secretaria de Educação Física e Desporto, ainda ligado ao Ministério da Educação".

Em 1990, foi extinta a secretaria ligada ao Ministério da Educação e, criada a Secretaria de Desportos da Presidência da República. Em 1992, "o esporte voltou a ser vinculado ao Ministério da Educação, com a Secretaria de Desportos". Em 1995, foi criado o Ministério de Estado Extraordinário do Esporte e, a partir desse momento, “o esporte começa a ser mais priorizado". O apoio técnico administrativo era prestado pela Secretaria de Desportos do Ministério da Educação. No mês de março, ainda no mesmo ano, "a secretaria é transformada no INDESP - Instituto Nacional de Desenvolvimento do Desporto, desvinculado do MEC e subordinado ao Ministério Extraordinário do Esporte". No final de dezembro de 1998, "foi criado o Ministério do Esporte e Turismo, pela Medida Provisória nº 1.794-8". O INDESP passou a ser vinculado a este órgão. No mês de outubro, em 2000, "o INDESP foi extinto e substituído pela Secretaria Nacional de Esporte". Em janeiro de 2003, as pastas foram separadas, e o esporte ficou com um ministério próprio.

O Ministério do Esporte foi criado, em 2003, na gestão 2003-2006, para desenvolver as seguintes competências: Política nacional de desenvolvimento da prática dos esportes; Intercâmbio com organismos públicos e privados, nacionais, internacionais e estrangeiros, voltados à promoção do esporte; Estímulo às iniciativas públicas e privadas de incentivo às

atividades esportivas; Planejamento, coordenação, supervisão e avaliação dos planos e programas de incentivo aos esportes e de ações de democratização da prática esportiva e inclusão social por intermédio do esporte. (BRASIL, 2003, s/p).

De acordo com Rosseto Júnior e Borin (2017), quando criado, era o Ministério com menor orçamento de todos. Em suas propostas o foco era a democratização do esporte, e não as disputas internacionais ou realização de eventos. Os megaeventos esportivos, segundo os autores, comercializam o esporte como mercadoria a quem as consome, gerando acúmulo de capital para quem promove, sem, necessariamente, a preocupação com a formação de novos praticantes. Com a criação do Ministério, portanto, havia expectativa de não favorecimento do esporte espetáculo em detrimento do esporte e lazer como direitos sociais.

De acordo com Alves e Pieranti (2007, s/p), o esporte, reconhecido como fundamental para o desenvolvimento humano, se aproxima dos campos da educação e saúde, pois, “ajuda a prevenir doenças, a evitar a evasão escolar, o uso de drogas e a criminalidade e a aumentar a autoestima, a cooperação, a solidariedade e a inclusão social”. Como atividade pública sugerida à toda sociedade, “abre-se espaço para a discussão e para a formatação de uma política nacional de esporte”.

O Ministério do Esporte, então criado, tinha como estratégia a criação de projetos para massificar a prática esportiva. No intuito de garantir o Artigo 217 da Constituição, o Conselho Nacional do Esporte aprovou em 2005, a “Política Nacional de Esporte” (PNE), que se pauta em oito diretrizes de ação: Universalização do acesso e promoção da inclusão social; Desenvolvimento humano; Ciência e tecnologia do esporte; Ciência e tecnologia do esporte; Paz e desenvolvimento da nação; Desenvolvimento econômico; Gestão Democrática: participação e controle social; Descentralização da política esportiva e de lazer. (BRASIL, 2005, p.131)

A implementação da PNE trouxe reconhecimento pela “Organização das Nações Unidas” (ONU), e destaque internacional às políticas públicas brasileiras. O documento inclui o combate de todas as formas de discriminação, como descrito a seguir:

A prática do esporte deve ter como objetivo o combate a todas as formas de discriminação, aqui incluindo também as questões relativas às pessoas com necessidades especiais, às pessoas com deficiência, aos menos favorecidos economicamente e aos que são tidos como menos hábeis para a prática. As atividades esportivas, especialmente as que não visam o alto rendimento, devem ter como princípio básico a integração de seus praticantes. Precisa-se criar a igualdade de oportunidades, principalmente para aqueles que enfrentam preconceitos por parte da sociedade - negros, índios, deficientes e mulheres das camadas mais pobres -, e favorecer sua integração social. (BRASIL, 2005, p.130).

Segundo Rossetto Junior e Borin (2017, p.5), as diretrizes da polícia nacional “têm caráter democrático, entendimento do esporte como fator de educação, saúde e desenvolvimento e reconhece o direito de todos os cidadãos às práticas esportivas”. O Ministério passou a desenvolver “ações e políticas esportivas”, criou o Programa Segundo Tempo (2003) para democratizar a prática dos esportes para jovens, crianças e adolescentes, principalmente nas áreas de vulnerabilidade social, na intenção de promover cidadania e qualidade de vida. Além disso implementaram outros programas de menor investimento e abrangência, como o Pintando a Cidadania (2003) e o Recreio nas Férias (2010).

Em 2004, aconteceu a I Conferência Nacional do Esporte, norteada por princípios voltados para o esporte e lazer como dever do Estado e direito de todos, alinhados à Constituição Federal, para garantir a democratização e a gestão pública, contemplando a inclusão social e esportiva. Em 2006, foi realizada a II Conferência Nacional do Esporte para uma discussão mais profunda sobre a implementação da política de esporte no país.

Rossetto Junior e Borin (2017, p.8) ressaltam que no período de 2004 a 2007, não obstante as Conferências apresentarem propostas para democratização do esporte, na prática, a distribuição de verbas pelo Ministério do Esporte evidenciou a priorização dos “Jogos Panamericanos no Rio”, em 2007, evento que recebeu mais recursos que o esporte educacional em quatro anos. Assim, a distribuição de recursos foi realizada, no entender dos autores, “desrespeitando as determinações das duas Conferências e da própria Constituição Federal”.

O fato se repetiu quando das candidaturas à Copa do Mundo, FIFA 2014 e as Olimpíadas Rio 2016. Rossetto Junior e Borin (2017, p.9) enfatizam que a análise dos gastos em esporte, no período de 2004 a 2010 demonstraram “priorização dos megaeventos esportivos e esporte espetáculo em detrimento ao esporte educacional [...] descaso aos programas de acesso e democratização do esporte, com caráter e objetivos educacionais e sociais”.

A III Conferência Nacional do Esporte foi realizada em 2010 e, diferentemente das outras que focavam na democratização do esporte, dedicou-se à perspectiva de alto rendimento e aos megaeventos esportivos, buscando colocar o país entre as dez maiores potências de esporte do mundo em 10 anos (BRASIL, 2010).

De acordo com Rossetto Junior e Borin (2017, p. 12), “as resoluções das Conferências Nacionais de Esporte são registradas e legalizadas em algumas leis, documentos e, até no texto da Política Nacional do Esporte”, mas não são revertidas na garantia de direitos, nem no investimento para democratização das práticas. Enquanto muitos não têm incentivo, material,

docentes ou estrutura para a prática esportiva, os mais habilidosos e superiores fisicamente são privilegiados pelo Estado.

As Conferências Nacionais (2004, 2006 e 2010) foram precedidas de etapas municipais, regionais e estaduais até chegar às nacionais e tinham como proposta democratizar a elaboração da Política Nacional do Esporte e Lazer e seus planos subsequentes. Tassa e Lovato (2014) alertam ainda para o fato de que, além de priorizar o esporte de rendimento, as políticas são mais voltadas para os grandes centros (urbanos), sendo pouquíssimas, direcionadas para municípios de pequeno porte.

Com o passar do tempo, desde a implantação da PNE em 2005, de acordo com Rossetto Junior e Borin (2017), ficaram evidentes as políticas de investimento em atletas, em detrimento dos projetos de democratização esportiva, como por exemplo, alterações no Bolsa-Atleta e programas como o Atleta Pódio que passaram a receber, recursos, enquanto decresceu o investimento em programas como o “Segundo Tempo”.

Rossetto Junior e Borin (2017, p. 16) consideram que “as políticas esportivas brasileiras na esfera federal [...] apresentam caráter funcional, instrumental, mercadológico”, subsidiam práticas esportivas “seletivas, excludentes e hipercompetitivas”, para formar atletas para “competições de altíssimo rendimento”.

Como sede de megaeventos (jogos panamericanos, copa do mundo, jogos olímpicos), o Ministério do Esporte direcionou as políticas públicas da área aos que têm maior poder político e capital econômico, servindo voluntariamente às grandes instituições como o Comitê Olímpico Brasileiro (COB) e a Confederação Brasileira de Futebol (CBF).

Rossetto Junior e Borin (2017) afirmam que os megaeventos no Brasil foram mais resultados de interesses dos governos e de alguns grupos, do que da articulação dos envolvidos com a área esportiva. O Ministério do Esporte se submeteu a entidades como a Federação Internacional de Futebol (FIFA), o Comitê Olímpico Internacional (COI), à CBF, ao COB e aos empresários próximos ao poder público. Nesse sentido, Mascarenhas (2012) ressalta que, assim, o Estado favorece frações da classe dominante com interesses socioeconômicos, em detrimento das outras frações.

Nota-se, portanto, que, o Ministério do Esporte foi criado em 2003 com o objetivo de democratizar o acesso às práticas esportivas, mas no decorrer das gestões federais, as políticas públicas foram alteradas com mudanças consideráveis, fomentando megaeventos sediados no país, priorizando resultados no alto rendimento ao invés da busca pela universalização do esporte, contrariando seus princípios de estruturação. A população não foi consultada sobre a

realização da Copa do Mundo (2014) e as Olimpíadas (2016) (ROSSETO JUNIOR, BORIN, 2017).

Lima (2018) corrobora a compreensão de que, apesar da “grande onda” de esportes no Brasil, da realização de grandes eventos esportivos (Jogos Panamericanos 2007, Jogos Mundiais Militares em 2011, Copa das Confederações em 2013, Copa do Mundo 2014, Jogos Olímpicos e Paralímpicos em 2016), e do alto investimento, a promessa de um grande legado, tanto para a Educação Física, quanto para o esporte brasileiro, não se concretizou.

Ao que parece, as políticas públicas tanto estaduais e nacionais não estão priorizando o esporte de formação em nosso país, em especial o basquetebol através da educação física escolar. Pensar em programas esportivos sociais remete, em última instância, à discussão sobre possibilidades de oferta e garantia de acesso a crianças e adolescentes ao esporte educacional de qualidade, considerando ser direito de todos. Toda essa discussão busca formar profissionais mais atentos ao direito ao esporte e lazer e suas possibilidades por meio de programas esportivos-sociais, sendo tarefa que muito ainda tem que se desenvolver pelo país. (STAREPRAVO 2021).

Portanto, levantamos a hipótese de serem necessárias mudanças das diretrizes de base para a educação física e políticas públicas que beneficiem o esporte de formação em nosso país, o que poderia melhorar este quadro de decadência na iniciação esportiva a partir do momento em que as escolas, juntamente com uma melhor capacitação dos profissionais de educação física, trabalhassem a inclusão, tendo a participação de todos no processo, oportunizando às crianças e adolescentes a apresentação de uma prática esportiva de qualidade e essencialmente educativa.

No ano de 2019, com a mudança da Presidência da República, no mês de janeiro, o Ministério do Esporte perdeu o status de Ministério e foi transformado em Secretaria Especial do Esporte, dentro da estrutura do Ministério da Cidadania. Vecchioli (2019) avalia que, com as mudanças, o esporte perdeu espaço nas políticas públicas nacionais. Vários estados seguiram o governo federal e extinguiram as Secretarias de Esportes. As poucas que restaram foram usadas como instrumento de negociação política. Ordonhes, Zaniol, Hercules e Vecchioli (2019) assinalam que, em levantamentos feitos numa rede social, a mudança está em desacordo com a maioria das manifestações populares.

O Ministro da Cidadania que tomou posse em 2019 garantiu que a mudança não traria retrocesso ao setor. Entretanto, pouco mais de um ano após sua posse, foi substituído, fato frequente em vários ministérios, na gestão 2019-2022. Até o momento que este trabalho foi escrito, o Ministério da Cidadania estava em seu terceiro representante. A constante troca de

lideranças pode prejudicar a continuidade da formulação e implementação das políticas. Em 2021, segundo o Portal público do Ministério da Cidadania, a Secretaria Especial do Esporte “desenvolve e implementa ações de inclusão social por meio do esporte, com a perspectiva de garantir à população o acesso gratuito a atividades físicas, qualidade de vida e desenvolvimento humano” e “é dever da secretaria especial garantir o desenvolvimento de políticas e incentivos para o esporte de alto rendimento.

Houve também outros programas que merecem menção. O Bolsa Atleta, um dos maiores programas de incentivo direto ao atleta do mundo. O governo brasileiro mantém desde 2005, um dos maiores programas de patrocínio individual de atletas no mundo. O público beneficiário são atletas do alto rendimento que obtêm bons resultados em competições nacionais e internacionais de sua modalidade. A Lei de Incentivo ao Esporte, (LIE) n 11.438/06 permite que recursos provenientes de renúncia fiscal sejam aplicados em projetos das diversas manifestações esportivas e paradesportivas distribuídos por todo o território nacional. Além do programa Segundo Tempo, é uma proposta de iniciação esportiva que consiste em organizar campeonatos esportivos interescolares em nível estadual onde os campeões participarão da fase em nível nacional. O Forças no Esporte, que é um desdobramento do programa Segundo tempo. Realizado em parceria entre Secretaria Especial do Esporte e o Ministério da Defesa, tendo por finalidade reduzir riscos sociais e fortalecer a cidadania, a inclusão e integração social dos beneficiados. Além da gestão do legado olímpico e o controle de dopagem estão entre os projetos e atribuições mais conhecidos da pasta”.

SEÇÃO 2. PEDAGOGIA DO ESPORTE NO BRASIL

O desenvolvimento das Ciências do Esporte, quando o esporte é tratado como um fenômeno sociocultural com diferentes funções e a disposição de todos, incluindo sua utilização para fins educativos, fez com que alguns estudiosos pudessem trabalhar com uma linha de pensamento, a Pedagogia do Esporte.

Considerando a experiência do autor dessa dissertação, levantamos a hipótese de que atualmente na escola estamos priorizando atividades recreativas e não as de iniciação esportiva, o que, entendemos, seria apresentar o esporte às crianças e adolescentes através das aulas de educação física, o que repercute em embates entre aqueles defensores de educação física escolar voltada à cultura corporal de movimentos e aqueles que se vinculam à pedagogia do esporte fundada na linha do aprender jogando.

Com a intenção de demonstrar alguns princípios da Pedagogia do Esporte, que poderiam influenciar na iniciação do basquetebol mineiro, como também, na iniciação esportiva, de modo geral, esta seção se dividiu em três momentos, abordando, em síntese, a ação pedagógica, relacionada aos professores, de modo geral, e, principalmente, aos professores da Educação Física escolar, o fenômeno Esporte e seus diferentes significados e as relações entre a Pedagogia e o Esporte, fazendo com que se torne possível enxergar o processo da iniciação esportiva de modo abrangente, cumprindo integralmente seus objetivos educativos.

Por fim, destacamos a necessidade de a comunidade acadêmica dedicada à pedagogia do esporte divulgar mais estudos relativos aos processos de ensino, vivência e aprendizagem esportivas, estabelecendo interface entre a prática didática e a produção científica.

2.1 A ação pedagógica

Segundo o dicionário da Língua Portuguesa, escrito por Ferreira, Pedagogia é:

1. Teoria e ciência da educação e do ensino.
2. Conjunto de doutrinas, princípios e métodos de educação e instrumentos que tendem a um objetivo prático.
3. O estudo dos ideais da educação, segundo uma determinada concepção de vida e dos meios (processos e técnicas) mais eficientes para efetivar estes ideais.
4. Profissão ou prática de ensinar. (Ferreira, 1986, p.41).

A ação pedagógica se caracteriza pelo ato de ensinar, podendo ocorrer em qualquer relação que haja uma transmissão de conhecimentos, tais como, na família, na escola, nas comunidades religiosas, nos clubes, nas praças esportivas e de lazer.

Para Marques (1996), a transmissão de conhecimentos sofre a influência do meio ambiente e da cultura estabelecida na vida em sociedade, a qual possui regras a serem

respeitadas e transformadas, a partir do momento que novos conhecimentos são adquiridos, sendo que esta relação é chamada de educação. Segundo o autor:

[...] A educação, assim, não é senão a forma como os grupos sociais concretos e diferenciados organizam e conduzem suas vidas e suas lutas no âmbito da sociedade abrangente que entendem deva ser organizada e conduzida como horizonte ampliado e como determinante das situações que enfrentam. E entender as situações históricas em que vivem para organizá-las e a elas imprimir os rumos de sua escolha é o próprio desafio da educação como forma de vida e de inserção histórica dos grupos humanos, inserção política no processo de organização e condução da sociedade. (Marques, 1996, p.68).

Em geral, a intenção da educação é ajudar cada criança e adolescente a desenvolver seu potencial da melhor maneira possível. O movimento bem orientado é de fundamental importância para o desenvolvimento de todas as potencialidades dos jovens num todo integrado (GUERRA 2001).

Para Marques (1996), quando o processo educativo deixa de ocorrer naturalmente, passando a ser planejado e organizado, tomando uma ação proposital de um grupo humano sobre si mesmo e sobre a continuidade das gerações, tem-se então a prática pedagógica. A relação entre a teoria e a prática são fundamentais para a Pedagogia, não podendo ser apontado se uma antecede a outra. "[...] Desta forma, a ciência da educação constitui-se na análise e reflexão do processo pedagógico enquanto explicitação das práticas educativas e das teorias que, em reciprocidade, constroem -se" (Marques, 1996).

Sendo assim, a educação está relacionada com a transmissão de conhecimentos existentes numa vida em sociedade e a ação pedagógica serve para estruturar esta relação de ensino e aprendizagem, que acontecem em diferentes ambientes. Porém, a escola é o local onde a transmissão de conhecimentos é bem demarcada, com diferentes graus de dificuldade, sendo que a relação professor/aluno se faz presente.

Deste modo, a questão da educação tem na escola um dos seus pilares de sustentação, sendo que as políticas educacionais estabelecidas pelos governantes influenciam na ação pedagógica dos professores, segundo alguns estudiosos da Pedagogia, entre eles Ghiraldelli Júnior (1991), Freire (1992) e Bento (2000), e particularmente, da Educação Física, tais como, Betti (1991), Bracht (1992), Freire (1994) e Brotto (1999).

Para Ghiraldelli Júnior:

Originalmente, pedagogia está ligada ao ato de condução ao saber. E, de fato, a pedagogia tem, até hoje, a preocupação com os meios, com as formas e maneiras de levar o indivíduo ao conhecimento. Assim, a pedagogia vincula-se aos problemas metodológicos relativos ao como ensinar, a o que ensinar e,

também, ao quando ensinar e para quem ensinar. (Ghiraldelli Júnior, 1991, p.34).

O autor faz um questionamento, perguntando se a escola deve ser um ambiente de "preparação para a vida", ou deve apenas se preocupar em formar mão-de-obra para o mercado de trabalho? O ensino deve centrar-se na atividade do professor ou, ao contrário, considerar o aluno como o centro do processo educativo?

Ao interesse no objetivo desse trabalho, que visa ampliar a formação educativa dos sujeitos que praticam a iniciação em basquetebol no estado de Minas Gerais, entendemos que é importante investir na autonomia desse sujeito, investir no desenvolvimento cognitivo desse educando, porque a se manter as práticas meramente repetitivas tais metas não serão alcançadas.

A conscientização é também um evento subjetivo, de modo que cada sujeito é agente da sua própria libertação, em ação compartilhada por múltiplas consciências esclarecidas que decidiram lutar juntas. Não se admite que haja apenas uma parcela da coletividade que porte a consciência da totalidade, cabendo aos demais atuar, durante o processo de libertação, como força ainda não esclarecida, como sustenta Adorno (1995).

A educação emancipatória como projeto de um viver em comum não pode se sustentar na instrumentalização dos sujeitos, no uso de mecanismos discursivos descompromissados com o respeito ético às pessoas. Desse modo, por ser incompatível com esse projeto, recusa-se todo tipo de doutrinação ou manipulação das consciências.

Segundo Adorno (1995), entretanto, sabe-se que a educação tradicional vigente, em certo sentido, não efetiva substancialmente a transformação no âmbito educacional e social, apesar dos avanços tecnológicos utilizados na aprendizagem do educando. Ao mesmo tempo, fica explícita a necessidade de uma consciência crítica libertadora para desarticular a opressão incorporada à formação dos sujeitos.

De acordo com Freire (1987), pode-se dizer que, no entendimento freiriano, a educação tem como missão precípua possibilitar a libertação do sujeito a fim de que ele seja cidadão e agente de transformação, tanto no âmbito educacional como no contexto social. De acordo com o pensamento freiriano, o sujeito deve ser o protagonista de sua história social e cultural. Também deve ter como objetivo atingir o patamar intelectual e cognitivo de saída do estado de minoridade; para isso, deve insurgir-se e desinstalar-se da estreita e intransitiva consciência mágica – coisificada e subjugada – para uma consciência libertadora, crítica, pensante e problematizadora, que permita o enfrentamento da realidade opressora.

Como parte fundamental do ato pedagógico libertador, apresenta-se a necessidade de desobstrução do itinerário intelectual do educando que produz a emancipação cognitiva, a

capacidade de pensar criticamente, que é indispensável à orientação das ações na vida prática, nas decisões de ordem ético-políticas, ainda segundo Adorno (1995).

Essa preocupação acontece pelo fato da ação pedagógica, da atuação do professor estar historicamente vinculada a políticas educacionais, organizadas com propósito de distinguir classe dominante de classe dominada.

O autor faz uma discussão sobre pedagogias dominantes e não-dominantes, onde a primeira possui uma teoria educacional que não leva em consideração os interesses de classes, fato não aceito pela outra. Por último, Ghiraldelli Jr.(1991) acredita numa Pedagogia Progressista, que deveria trabalhar com a questão dos conteúdos, da autoridade, não do autoritarismo, da coerção e da automatização.

Sendo assim, o exercício da função de professor, possui um significado amplo, onde através da transmissão dos conteúdos, independente de qual seja a disciplina, toma-se necessário um conhecimento sobre políticas educacionais, tentando assim passar uma visão democrática, não alienadora e, principalmente, criativa para os alunos, estimulando-os a participarem ativamente no processo de desenvolvimento da cidadania.

A atuação pedagógica deve ser encarada com responsabilidade, visto que o professor tem o poder de modificar o comportamento dos alunos, influenciar nas atitudes dos mesmos, tomando-o um cidadão importante no contexto sociocultural de uma nação.

Freire (1992) acredita que o educando deveria ser uma figura participativa no processo, não somente um receptor de informações, as quais são transmitidas pelo educador. Assim,

Os anos distantes de minhas experiências no SESI, de meu aprendizado intenso com pescadores, com camponeses e trabalhadores urbanos, nos morros e nos córregos do Recife, me haviam vacinado contra a arrogância elitista. Minha experiência vinha me ensinando que o educando precisa de se assumir como tal, mas, assumir-se como educando significa reconhecer-se como sujeito que é capaz de conhecer e que quer conhecer em relação com outro sujeito igualmente capaz de conhecer, o educador e, entre os dois, possibilitando a tarefa de ambos, o objeto de conhecimento. Ensinar e aprender são assim momentos de um processo maior - o de conhecer, que implica reconhecer. No fundo, o que eu quero dizer é que o educando se torna realmente educando quando e na medida em que conhece, ou vai conhecendo os conteúdos, os objetos cognoscíveis, e não na medida em que o educador vai depositando nele a descrição dos objetos, ou dos conteúdos. (Freire, 1992, p.81).

Para o autor, é preciso respeitar o conhecimento adquirido pelo educando antes deste chegar à escola. O educador deve transmitir seus conteúdos, posicionando-se a favor deles, porém respeitando possíveis discursos contrários, não podendo ser autoritário. A educação, por

sua própria natureza é diretiva e política; os conteúdos devem ser compreendidos no seu momento histórico-social e cultural e as posições antagônicas devem ser respeitadas, jamais manipuladas.

Atualmente, com o desenvolvimento da tecnologia, dos meios de comunicação, os novos conhecimentos e as informações estão à disposição da população, de um modo mais rápido que alguns anos atrás. As crianças e os adolescentes, pelo menos nos países desenvolvidos ou em desenvolvimento, através da Internet, têm acesso a uma gama de informações, sendo impossível desprezar este saber. Cabe ao professor trabalhar com os alunos, através dos seus conteúdos, os verdadeiros significados das informações transmitidas, de modo democrático, para que os futuros cidadãos tenham uma visão crítica do processo de desenvolvimento de uma nação e, o único meio de se conseguir fazer com que as camadas populares obtenham tal visão crítica é através da educação.

Bento (2000), analisa que as ciências não são um local para saudosistas do passado e para os desatentos. Renovando as suas perspectivas e teorias, elas estarão sempre participando da renovação da realidade, sendo que esta questão deve fazer parte do campo educativo, ou seja, a Pedagogia precisa buscar sempre algo novo.

Segundo Bento:

Se transportarmos estes axiomas para o campo educativo, poderemos especificar que não existem princípios estruturantes com validade supratemporal, nem normas e objetivos da educação com pretensão de eternidade. A lei da mudança aplica-se aqui inteiramente. Pelo que a Pedagogia precisa ser constantemente escrita, renovada, repensada reformulada nos seus princípios, orientações, ensaios e modelos (Bento, 2000, p.64).

Dito de outro modo, não há progresso científico linear que conduza a modelos sempre mais perfeitos. A construção, dissolução e reconstrução de modelos pedagógicos e didáticos estão permanentemente na forja. Isto é, conservadorismo é mal conselheiro de um pensamento pedagógico didático que se queira ser interveniente e não ficar arredado da interpretação e da participação na feitura da realidade. Mais ainda e por outras palavras, a mentalidade conservadora e a dificuldade ou falta de disponibilidade para a mudança constituem obstáculos de monta para a participação na construção e projeção das realidades educativas e pedagógicas.

Mudanças na educação pública ao nível federal, estadual e municipal são fatores preponderantes no sistema de ensino formal brasileiro, desde a valorização dos educadores até a própria estrutura física das escolas. Investir na educação, significaria melhorar a formação dos futuros cidadãos, conseqüentemente, aumentaria as chances de construção de um país

desenvolvido e verdadeiramente democrático, com mais oportunidades para todos os que convivem na sociedade brasileira.

Com relação à Educação Física escolar, esta disciplina parece ter sido influenciada historicamente pelas políticas públicas educacionais, as quais serviam aos interesses da classe dominante.

Baseado em Betti (1991), o aparecimento da Educação Física escolar se confunde com a ascensão da burguesia ao poder e a criação das escolas públicas no século XIX. Esse fato ocorreu na Europa, possuindo dois pilares de sustentação. O primeiro seriam os sistemas ginásticos originários da Alemanha, Dinamarca, Suécia e França, vinculados aos processos de afirmação da nacionalidade nestes países e a constante preocupação de preparação para a guerra. Já o segundo seria o movimento esportivo ocorrido na Inglaterra, que com as transformações ocorridas com a Revolução Industrial, ganhou impulso e se proliferou para outras camadas sociais.

O crescimento e desenvolvimento de vários jogos esportivos, criados principalmente pela classe média, com regras e valores pré-determinados, despertou na classe dominante inglesa, o interesse em tratar o Esporte como meio de educação, porém com uma curiosidade, em relação à Educação Física escolar, conforme descreve Betti:

Contudo, foi apenas ao final do século XIX e início do século XX que o governo inglês adotou uma política de apoio a Educação Física nas escolas mantidas pelo Estado. Após o Ato de Educação de 1870, o Departamento de Educação efetivou o acordo com o Gabinete militar para que os sargentos ministrassem instrução em Educação Física nas escolas. E curiosamente, o sistema imposto às escolas não foi o modelo esportivo das Escolas Públicas, mas o sistema ginástico de Per H. Ling, que fora introduzido na Inglaterra entre 1840 e 1850 por graduados do Instituto Central de Ginástica da Suécia. Em 1904, o sistema sueco foi adotado oficialmente nas escolas, o que gerou uma dualidade de sistemas na Educação Física inglesa: jogos organizados na Escola Pública e ginástica na escola primária, objetivando segundo Daring (1984), a formação de bons chefes de empreendimento e bons oficiais de primeira, e através da disciplina e dos efeitos fisiológicos do exercício sistemático, bons operários e soldados na segunda. (Betti, 1991, p.72).

Conforme o que foi exposto, a Educação Física realizada nas escolas e o Esporte possuem trajetórias diferentes em suas histórias, não podendo ser dito que um é o mesmo que o outro. Nasceram praticamente no mesmo período, porém, em países diferentes, sendo que, o primeiro se baseava em ginástica e o segundo em jogos com regras pré-determinadas.

Bracht (1992) afirma que a Educação Física escolar brasileira nasceu desse contexto histórico e até a década de 1980 ela possuiu esses dois pilares de sustentação, a Instituição Militar e a Instituição Esporte:

Se analisarmos através da literatura específica a forma cultural do movimento corporal que tem sido objeto da Educação Física no Brasil, veremos que inicialmente (pelo menos até a década de 40 deste século), havia o predomínio do exercício ginástico - principalmente de orientação militarista- que a partir de então cede lugar progressivamente ao movimento na forma cultural de esporte. É lógico que outras expressões da cultura corporal ou de movimento, estiveram/estão presentes ou são tematizados na Educação Física, como a dança, jogos e brincadeiras populares. Parece-me, no entanto, que essas expressões constituem minoria, e que podemos falar de ginástica e posteriormente esporte, como as atividades, nos respectivos momentos históricos, que se apresentam como hegemônicos na Educação Física (Bracht, 1992, p.59).

O autor expõe que, no primeiro momento, influenciado pelo militarismo, o professor era conhecido como instrutor e sua ação era baseada na apresentação de exercícios e na manutenção da ordem, cabendo ao aluno a repetição dos gestos e a aceitação da hierarquia e disciplina. No segundo momento, não havia diferenciação entre treinador e professor, sendo que os alunos eram tratados como atletas, onde os mais aptos momentaneamente eram favorecidos, tomando a Educação Física escolar, uma área pouco preocupada com projetos de caráter social.

Bracht (1992) propõe uma pedagogia crítica para a Educação Física escolar, expondo que esta deveria sair de uma visão burguesa para uma visão social, servindo também aos interesses da classe trabalhadora e não somente à classe dominante, descrevendo alguns princípios, entre eles, a visualização que o movimento é humano, não somente ligado as habilidades motoras, que o processo de desenvolvimento da criança deve ser encarado a partir de sua condição social. Deste modo, o uso que os indivíduos farão do movimento não será determinado pela condição física ou outras habilidades e sim pela condição econômica e isto deve ser compreendido pelos professores de Educação Física. O ensino das modalidades esportivas não poderia mais ser "adestrante", pois os objetivos das aulas deveriam ser discutidos e compreendidos por professor e alunos, mutuamente.

O professor é um profissional, entre outros, bastante indicado a transmissão do conhecimento e a sua intervenção deve ter como objetivo principal o crescimento e desenvolvimento do campo de conhecimentos de seus alunos. Porém, o ato de ensinar, possui uma amplitude mais significativa do que a luta por interesses de uma classe social seja ela dominante ou dominada. O professor deve proporcionar aos seus alunos, através dos conteúdos de sua disciplina, uma oportunidade de compreensão e reflexão crítica da realidade, independentemente de sua condição econômica.

Pode ser notado, pelas descrições de Bracht (1992), que a Educação Física escolar brasileira num determinado momento histórico, utilizou e atualmente ainda utiliza o ensino e

aprendizagem das modalidades esportivas em suas aulas. Ora, quando o tema é o esporte, o mesmo significa jogos, onde o aspecto competitivo está presente, como visto anteriormente, havendo sempre um vencedor e um vencido. Porém, trabalhando o esporte com fins educativos, torna-se possível fazer com que todos os participantes possam sair vencedores, explorando os valores positivos do mesmo.

Para Brotto:

Através dos Jogos e Esportes temos a oportunidade de ensinar, aprender e aperfeiçoar não somente gestos motores, técnicas e táticas, nem somente, habilidades de desempenho que nos capacitam para jogar melhor. Isto é importante e é bom que seja muito bem feito. Contudo, a principal vocação da Educação Física e das Ciências do Esporte, neste momento, é promover a co-aprendizagem e o aperfeiçoamento de Habilidades Humanas Essenciais, como: criatividade, confiança mútua, autoestima, respeito e aceitação uns pelos outros, paz-ciência, espírito de grupo, bom humor, compartilhar sucessos e fracassos e aprender a jogar uns com os outros, ao invés de uns contra os outros ... para vencer juntos (Brotto, 1999, p.67).

Este conhecimento e está compreensão sobre o Esporte podem ter faltado para os profissionais da Educação Física escolar. Entendendo e trabalhando estes valores positivos presentes nas atividades esportivas, estas podem se tornar educativas.

A iniciação esportiva com fins educativos pode ser trabalhada tanto no âmbito da escola, quanto nos clubes, praças esportivas e academias, pois estas diferentes agências de ensino trabalham com a mesma faixa etária, crianças e adolescentes.

Outro autor que critica os caminhos seguidos pela Educação Física escolar brasileira é Freire:

Na verdade, a Educação Física que as pessoas do meto educacional conhecem e a sociedade em geral conhecem é essa que todos cursamos um dia, rígida, militarista, discriminadora. Quantos dos menos hábeis da classe, colocados à margem da Educação Física, não assumiram postos de direção no sistema, contribuindo para perpetuar o menosprezo por essa disciplina? Mesmo reconhecendo que é necessário ter Educação Física nas escolas, essa que todos conhecemos não serve mais. Ora, se se exige que todas as disciplinas cumpram um papel educativo definido no programa escolar, por que não o exigir da Educação Física? (Freire, 1994, p.95).

Este descaso com a Educação Física escolar somente terminará quando os profissionais da área se conscientizarem do momento ruim que a mesma está enfrentando, tentando encontrar meios para a superação desta fase. Aumentar o leque de conhecimentos, mantendo-se atualizado com as novidades de uma área tão abrangente, procurando sempre ser criativo na transmissão dos conteúdos desta disciplina aos alunos, parece ser um meio bastante significativo.

Outro ponto pertinente é que essa crise passada pela Educação Física realizada nas escolas, a qual não é considerada nem disciplina obrigatória e sim, uma atividade

extracurricular, não é exclusividade dela, pois, atualmente, várias profissões estão se remodelando ou até desaparecendo do mercado de trabalho com o avanço da ciência, tecnologia e a globalização.

Enxergando por um prisma positivo, a Educação Física escolar brasileira bem estruturada, com o desenvolvimento dos cursos de pós-graduação, que ainda são novos nas faculdades de Educação Física do país, pouco mais de quarenta anos aproximadamente, com vários estudos sendo realizados nas áreas da Educação Motora e Ciências do Esporte, alguns apresentados neste estudo (Tani et al (1988), Betti(1991), Bracht (1992), Freire (1994), Kunz (1994), Paes (1996) e Brotto (1999), questionando e propondo novos caminhos para esta atividade, pode ser novamente, num futuro bem próximo, um bom campo de trabalho para os profissionais da Educação Física, até mesmo nas escolas públicas, já que a qualidade de vida e a promoção da saúde estão intimamente ligados com a prática de uma atividade física.

Para Freire (1994), o ato pedagógico deve ser criativo, onde o professor ao propor as atividades, provoque nos alunos um desequilíbrio compatível com seu desenvolvimento:

Uma proposta pedagógica não pode estar nem aquém nem além do nível de desenvolvimento da criança. Uma boa proposta, que facilite esse conhecimento, é aquela em que a criança vacila diante das dificuldades, mas se sente motivada, com seus recursos atuais, a superá-las, garantindo as estruturas necessárias para níveis mais elevados de conhecimento (Freire, 1994, p.86).

Na iniciação esportiva, quanto mais diversificadas, criativas e motivadoras forem as atividades, aumentam as possibilidades do desenvolvimento motor, cognitivo, afetivo e social das crianças e adolescentes terem uma melhora significativa, proporcionando melhores respostas a novas situações que possam aparecer.

Por isso defendemos que o esporte precisa voltar a ser apresentado na escola com suas potencialidades. Entendemos o quanto é importante utilizarmos as possibilidades do esporte em uma perspectiva pedagógica, seja no âmbito escolar, seja no âmbito do clube. Sabemos hoje que o esporte no Brasil vem sendo feito há bastante tempo dentro dos clubes, o que indica nas décadas recentes que há uma exclusão de vários talentos que não possuem uma condição econômica de frequentá-lo em outros espaços sociais, o que, ao final, limita a possibilidade de uma criança e/ou adolescente conhecer algum esporte.

A ação pedagógica deve ser precedida de uma visão crítica sobre o contexto na qual ela está inserida. O acesso à educação é um direito de todo e qualquer cidadão. Elevar os alunos a um patamar onde eles possam ter consciência da realidade, refletindo sobre suas atitudes, pode

ser considerado como um dever do educador, respeitando as virtudes e as limitações de cada um.

2.2 - O fenômeno Esporte

Conhecer e compreender o Esporte como um fenômeno abrangente, com diferentes significados, pode ser de grande valia para os profissionais da área da Educação Física e do Esporte, de modo geral.

Este assunto é complexo, devido à importância do Esporte na vida das pessoas, pois este fenômeno pode ser utilizado de várias formas pelas mesmas. Exemplificando, existem as pessoas que o utilizam de modo profissional (atletas, técnicos, dirigentes, entre outros), ou somente para a ocupação do tempo livre, podendo serem participantes ativos ou passivos de algum tipo de atividade relacionada ao Esporte, ou seja, praticando a atividade ou apenas assistindo à mesma, no próprio local do evento ou pelos meios de comunicação, televisão ou rádio.

O esporte participa direta ou indiretamente das nossas vidas, possui espaço garantido em todos os jornais, em horários nobres da tv, estando presente nas atividades de lazer, em competições de alto nível, nos clubes, escolas, entre outros. Segundo Santin (1996), os esportes são reproduções de valores de uma cultura de uma determinada ordem social em que se encontram inseridos e tem como objetivo introduzir seus praticantes nestas ordens socioculturais, ficando evidente seu valor educativo.

Durante toda a sua evolução o esporte refletiu valores da sociedade. Foi assim nos Jogos esportivos gregos da antiguidade, na Idade Média, ou no seu momento capitalista. Foram percebidas inúmeras modificações no esporte da modernidade e uma dessas mudanças foi a perda da essência lúdica. Krebs (1992), defende que o esporte tem que ter ar de festa, ser uma maneira alegre e divertida de viver e, acima de tudo, manter o lúdico.

A adoção de políticas públicas voltadas para a utilização do Esporte como meio de educação, saúde, lazer, turismo, são comuns em alguns países, aumentando o leque de possibilidades, fazendo com que este fenômeno supere a visão simplista de enxergá-lo somente em forma de jogos, torneios e campeonatos, onde o aspecto competitivo tem prioridade, sendo premiado somente os melhores de cada modalidade.

É possível enxergar no Esporte, pontos positivos e negativos, dependendo do meio que tal fenômeno pode ser utilizado. Devido a este fato, existem autores, entre eles, Betti (1991),

Kunz (1994), Paes (1996) Tani (1996) e Montagner (2000) que criticam algumas formas de sua utilização, apresentam suas diferentes possibilidades, reconhecendo sua importância.

Como visto anteriormente, o movimento esportivo moderno nasceu na Inglaterra, no final do século XIX, ganhando um grande impulso quando a classe média daquele país o incorporou e começou a criar novos jogos com regras, organização, técnicas e padrões de condutas definidos. Além desse fato, a população industrial e urbana inglesa também tiveram acesso ao movimento. Com a já citada utilização do Esporte como meio de educação e a exportação para outros países, esse novo fenômeno mundial começou a nascer (Betti, 1991).

Historicamente, outro fato que popularizou o Esporte e o tornou um meio de confraternização entre os povos, como também, um meio de utilização política e de alguns conflitos, foi a criação dos Jogos Olímpicos, onde Betti afirma:

Sem dúvida, os Jogos Olímpicos foram decisivos para a universalização da instituição esportiva, na medida em que difundiram um modelo esportivo, padrões de funcionamento, regras e normas de conduta. Por outro lado, o seu grande crescimento gerou conflitos internos. Passou a interessar cada vez mais a um maior número de nações um bom desempenho nos Jogos Olímpicos, que agora são palco de confronto entre as grandes potências esportivas (e econômicas) mundiais. Isto levou o desenvolvimento das "Ciências do Esporte", a especialização e o treinamento atlético a níveis nunca vistos antes. Mais importante, porém, foi o fato de ter levado as nações à elaboração de políticas esportivas, ou seja, a partir do momento em que os Jogos Olímpicos e o esporte em geral tornaram-se um espetáculo cosmopolita, tornaram-se também uma razão de Estado (Betti, 1991, p.49).

O Esporte, visto como o grande fenômeno sociocultural do final do Século XX, tem uma linguagem universal, compreendida em todos os continentes. Os Jogos Olímpicos e a Copa do Mundo de Futebol, a cada edição, eleva o número de espectadores, chegando a possuir bilhões de pessoas que acompanham esses eventos, através dos meios de comunicação existentes (TV, Rádios, Jornais e outros).

As críticas do autor estão relacionadas a uma visão social do fenômeno, ou seja, a utilização do Esporte para interesses políticos e econômicos, sendo colocado em segundo plano, o simples prazer de participar ou assistir a um jogo, onde a melhor equipe naquele momento será a vencedora por méritos próprios.

Betti, faz uma análise crítica sobre o que representa o atleta no ambiente esportivo:

Para os críticos sociais o atleta é apenas uma engrenagem da "máquina esportiva". A organização esportiva tomou-se uma superestrutura cujas finalidades não são controladas pelo atleta, o qual está cada vez mais submetido à burocracia. Sua atividade está controlada por regulamentos e leis que restringem sua liberdade esportiva e civil: não pode mudar de clube à sua vontade, não pode escolher as competições de que deseja participar. O

esportista encontra-se alienado também com relação ao seu treinador, totalmente submetido à sua autoridade, a quem pertence seu corpo. A própria atividade do esportista é alienada, pois não é própria, livre e espontânea, mas é a atividade da lógica esportiva (Betti, 1991, p.51).

O Esporte é um fenômeno acessível a boa parte da população, podendo ser utilizado de várias formas. Exemplificando, o jogo de futebol visto nas praças esportivas ou mesmo nas ruas, principalmente no Brasil, pode ter um valor igual ou superior a uma final de Copa do Mundo, dependendo de quem participa ou assiste a esses jogos. Ou seja, cada um faz do Esporte o que achar mais interessante. Ele pode ser encarado como uma simples atividade construtiva, para fins recreativos, buscando a integração e benefícios para a saúde dos participantes, ou como uma atividade destrutiva, onde o perdedor encara a atividade com frustração e o vencedor, como uma forma de se valorizar e subestimar o adversário.

Alguns fatos históricos, como o boicote dos Estados Unidos da América à Olimpíada de Moscou, devido à guerra fria, em 1980, podem comprovar a existência de atitudes com objetivo de manipular o Esporte e o atleta na sua essência, ou seja, a busca diária pela superação de recordes e conquista de títulos. Porém, existem outros fatores que conduzem este fenômeno a superar esta análise negativa.

Outro ponto importante a ser destacado, é que o fenômeno Esporte possui múltiplas possibilidades, sendo que o esporte de alto rendimento (ou profissional), aparece como um desses caminhos.

Os atletas do sexo masculino, independentemente da modalidade esportiva, possuem atualmente alguns dos melhores salários do mercado de trabalho, além de serem conscientes que uma boa performance significa melhores recompensas financeiras, tomando-os vulneráveis em relação à estrutura esportiva profissional, mas não alienados.

Sendo assim, as críticas podem ser pertinentes, enxergando-as por um prisma humanístico, mas quem vive do esporte profissional, está num ambiente que possui os seus problemas, assim como qualquer outra profissão.

Kunz também faz críticas ao esporte profissional, relacionadas às questões políticas e econômicas envolvidas neste contexto, expondo:

O esporte é atualmente um produto cultural altamente valorizado em todo mundo, pelo menos no sentido econômico. São investidas somas extraordinárias para que resultados cada vez melhores sejam alcançados. E a ciência que está a sua disposição não é uma ciência com interesse no humano ou na sua dimensão social, mas com interesse tecnológico e de rendimento. Esta ciência toma os indivíduos praticantes deste esporte, como objetos de manipulação, objetos à sua disposição, para "trabalhá-los" de uma forma externa a eles próprios, ou seja, sem a sua participação efetiva na busca de

soluções para o aperfeiçoamento físico-técnico. A participação subjetiva dos praticantes do esporte de alta performance fica cada vez mais reduzida aos atletas de elite, provocado, exatamente, por estas "fábricas de campeões", que são os modernos centros de treinamento esportivo. Alguns técnicos, inclusive, reconhecem que está "produção industrial" do atleta a longo prazo traz prejuízos também para o rendimento de alguns atletas (Kunz, 1994, p.22).

Os casos de doping e fraudes ocorridos no meio profissional esportivo justificam a explanação de Kunz (1994), pois, alguns atletas, em busca de medalhas e bons patrocínios, acabam aceitando essas condições, não condizentes com o fenômeno esportivo.

É preciso salientar que esse esporte citado por Kunz (1994), é o chamado profissional, onde o atleta é um trabalhador como outro qualquer, buscando melhores salários, somente conseguidos com a obtenção de melhores resultados, tendo consciência da exploração de sua imagem pelos patrocinadores, para obtenção de lucro dos mesmos.

Sobre as múltiplas possibilidades do fenômeno esportivo, Paes faz análise positiva:

Hoje o esporte não possibilita somente a participação de uma elite esportiva, mas sim a participação de diferentes profissionais que constituem as ciências do esporte e a participação de um ilimitado número de espectadores. Além disso, toma-se uma rica fonte geradora de empregos, bem como uma opção de lazer e turismo, permitindo aos espectadores a ocupação de seu tempo livre de diferentes formas. Para nós, os problemas ocorridos com os profissionais não são privilégio somente dessa profissão e, em uma análise otimista, o esporte moderno trouxe benefícios que ainda não conseguimos perceber (Paes, 1996, p.69).

O atual estágio desse fenômeno, com programas de esportes diários nos canais de TV abertos e nas rádios, redes sociais, streaming, além de canais de TV fechados transmitindo inúmeras modalidades olímpicas ou não durante as 24 horas do dia, cadernos de esportes nos jornais e o grande consumo de roupas, materiais esportivos, como também a exploração da própria imagem dos atletas, são indícios que determinam esse otimismo demonstrado pelo autor. Enxergando-o como mercadoria de consumo, Paes ainda afirma:

O esporte moderno tomou-se um produto de grande aceitação no mercado. Algumas modalidades, por sua beleza plástica, tiveram notável encaixe na televisão, configurando-se como uma excelente estratégia de marketing, ou seja, o esporte sendo utilizado como um agente possibilitador de vendas. Entendemos que o esporte proporciona espetáculos em função de algumas características que, para nós, são básicas. A incerteza gerada pela competição existente nesse fenômeno: a busca da vitória e a tentativa de superação (quebra de recordes) são fatores que interferem significativamente na qualidade do espetáculo. Nessa perspectiva, o espetáculo esportivo nunca se repete. O crescimento da indústria esportiva é atribuído à boa qualidade dos eventos esportivos; o esporte moderno é quase que uma garantia de lucro (Paes, 1996, p.67).

Atualmente, os grandes eventos esportivos no Brasil e no mundo estão sempre acompanhados de inúmeros patrocinadores, fazendo com que os organizadores sejam obrigados a se adaptarem às exigências feitas pelos mesmos. Exemplo disso são os horários e dias dos jogos de futebol, que há muito tempo deixaram de ser somente as quartas-feiras à noite e aos domingos à tarde e as mudanças nas regras do voleibol, encurtando o seu tempo de jogo, podendo assim serem transmitidos pelos canais de TV (abertos ou fechados), além dos jogos da NBA (Liga Profissional Americana de Basketball), que vem crescendo muito no mercado brasileiro ano após ano.

Outro fator importante em relação ao marketing esportivo, como visto anteriormente, são as parcerias entre os clubes e associações esportivas com as empresas, determinando o fim do amadorismo, com os profissionais (atletas, comissão técnica e dirigentes) sendo bem remunerados e trabalhando período integral em suas equipes, elevando o nível das competições, conquistando mais público, fato este visto no Voleibol, Basquetebol e Futsal nos últimos quinze anos, obtendo como consequência, uma maior exposição de marcas e produtos específicos.

Para Montagner:

[...] o esporte tornou-se uma grande fonte de comunicação, com ilimitadas e inesgotáveis formas e ferramentas de marketing que muitas vezes a linguagem verbal ou outras ferramentas não conseguem alcançar com a mesma facilidade de linguagem (Montagner, 2000, p. 405).

Porém, como já foi exposto anteriormente, a entrada do marketing esportivo no basquetebol parece ter encarecido o mesmo, fazendo com que equipes tradicionais acabassem e que somente alguns fossem beneficiados, em detrimento de uma maioria, que ficou sem oportunidade de participar desta modalidade, de modo profissional. Sobre esta situação, Montagner afirma:

Uma discussão necessária é a de que no atual modelo de gestão do esporte-espetáculo, as equipes, atletas e clubes, enfim, os "fazedores" do esporte, ficaram "reféns dos patrocinadores" e de um sistema onde a cada ano se repete as buscas por recursos para viabilizar a participação esportiva. Não é incomum encontrarmos atletas e dirigentes esportivos de clubes "mendigando" alguns trocados para a manutenção de projetos esportivos e escolas tradicionais do esporte brasileiro "fecharem as portas" por falta de recursos (Montagner, 2000, p. 405).

O marketing esportivo, em uma análise superficial, pode trazer vantagens e desvantagens para os participantes do ambiente esportivo competitivo, por isso, é preciso que estes tenham cautela e maior conhecimento em relação a este tema, principalmente, quando existe uma tendência de se repetir, de modo equivocado, o esporte profissional num esporte que

deveria voltado para fins educativos, como é o caso da iniciação esportiva para crianças e adolescentes.

Completando o que foi descrito anteriormente sobre o esporte profissional e apontando-o como outra possibilidade do fenômeno Esporte, Paes sintetiza:

O objetivo do esporte profissional é chegar a um meio de sobrevivência. Um atleta pratica o esporte como profissão e, como profissional convive com as implicações inerentes ao seu trabalho. No caso do atleta, uma melhor performance pode significar melhor salário, e esta busca por melhores salários pode ser observada em todas as profissões; portanto, isso não é privilégio do esporte profissional, nem mesmo deveria ter tanto destaque nos trabalhos que tratam da Educação Física escolar. Alguns termos utilizados em diferentes estudos que também tratam do esporte, entre outros, esporte-espetáculo, alto nível, alto rendimento, mercadoria, performance, podem simplesmente ser compreendidos como referentes ao esporte profissional, cujo objetivo é obter lucros. Entretanto, a obtenção de lucros não o desqualifica como esporte, sua legitimidade e dignidade devem ser respeitada (Paes, 1996, p. 74).

Paes entende como outro caminho para o Esporte, a sua utilização como conteúdo das aulas de Educação Física escolar no ensino fundamental, justificando que a profissionalização do esporte não foi um problema e sim uma solução para melhor compreensão do mesmo, podendo assim ser definido com clareza os objetivos de cada um (esporte profissional e esporte como meio educacional), afirmando:

É com essa intenção que defendemos uma reformulação do esporte na escola, pois, como conteúdo de uma área de conhecimento, seu aprendizado poderá ocorrer através de uma pedagogia em que o jogo terá fundamental importância sobre todo o processo. O aprendizado do esporte na escola poderá ocorrer privilegiando seu caráter lúdico, proporcionando aos alunos a oportunidade de conhecer, aprender, tomar gosto, manter interesse pela ação esportiva e ainda contribuir para a consolidação da Educação Física escolar como uma disciplina. Tudo isso com objetivos pedagógicos que transcendam os objetivos do esporte com um fim em sua prática (Paes, 1996, p. 75).

Sendo assim, não se pode simplesmente reproduzir um sistema de organização esportiva voltado para adultos, com intenções de trabalho profissional, para ambientes que se utilizam da iniciação esportiva para fins educativos, nos quais os participantes principais são crianças e adolescentes, como são os casos da Educação Física escolar e das escolas de esportes realizadas em clubes, praças esportivas e academias.

Tani (1996) também diferencia esporte profissional, o qual é chamado pelo autor de esporte rendimento, do esporte para fins educativos, que é analisado pelo mesmo, como conteúdo da Educação Física.

Para Tani:

O esporte rendimento caracteriza-se, entre outras coisas, pelos seguintes aspectos: ele objetiva o máximo em termos de rendimento pois visa a competição; ocupa-se com o talento e, portanto, preocupasse essencialmente com o potencial das pessoas; submete pessoas a treinamento com orientação para a especificidade, ou seja, uma modalidade específica; enfatiza o produto e resulta em constante inovação. O interesse principal do esporte de rendimento é a perpetuação do sistema de autopreservação e o sistema só se perpetua com recordes. Os motivos desse interesse podem ser culturais, econômicos, políticos e ideológicos (Tani, 1996, p. 35)

Quanto ao esporte para fins educativos, afirma:

O Esporte como conteúdo da Educação Física tem as seguintes características: objetiva o ótimo rendimento, respeitando as características individuais, as expectativas e as aspirações das pessoas; ocupa-se com a pessoa comum, preocupando-se não apenas com o seu potencial mas também com a sua limitação; visa à aprendizagem e portanto submete pessoas à prática vista como um processo de problemas motores; orienta-se para a generalidade, dando oportunidades de acesso a diferentes modalidades; enfatiza o processo e não o produto em forma de rendimentos ou recordes, e essa orientação resulta na difusão do esporte como um patrimônio cultural (Tani, 1996, p. 35-36).

Estão explícitas nos dizeres do autor as diferenças entre o esporte profissional e esporte que deve ser trabalhado na iniciação, com crianças e adolescentes. Basta aos professores, dirigentes, pais e amigos dos mesmos, entenderem estas diferenças, não tomando o ambiente competitivo da iniciação exacerbado.

Paes (1996) acredita que uma pedagogia do esporte deve ter como objetivo a participação de todos. Sendo assim, o Esporte pode ser utilizado como ocupação do tempo livre, relacionado à área de Recreação e Lazer, outro ramo ligado à Educação Física.

Nessa perspectiva, tanto os participantes dos jogos envolvendo as modalidades esportivas, campeonatos não oficiais, minimaratonas e inúmeras atividades próprias do Esporte, nas quais o objetivo não é financeiro e sim a qualidade de vida, como também, os indivíduos que assistem os eventos esportivos em casa ou nos estádios e ginásios, utilizam-se desse fenômeno para ocupar algumas horas de folga do seu trabalho, demonstrando outro ponto positivo do mesmo.

A Educação Física adaptada é outro ramo dessa área de conhecimento utilizadora do Esporte, visto que, as atividades esportivas têm sido bastante recomendadas pelos médicos no tratamento de doenças respiratórias, cardíacas, da obesidade, como também, para os indivíduos da terceira idade e os portadores de algum tipo de deficiência. Portanto, é mais uma possibilidade do fenômeno esportivo.

2.3 As relações entre a pedagogia e o esporte

A ação pedagógica está relacionada com o ato de ensinar, enquanto o Esporte é um fenômeno de múltiplas possibilidades. Articulando-os, chega-se à Pedagogia do Esporte. Vários autores escrevem sobre o tema, entre eles, Coelho (1988), Kunz (1994), Paes (1996) Freire (1998), Bento (2000) e Scaglia (2003).

Kunz argumenta que:

Se o esporte de alto rendimento, ou de competição, com seus valores, normas e exigências é o esporte aceito de forma evidente e inquestionável em todas as instâncias onde ele possa ser praticado sem que se altere a sua estrutura básica para atender interesses compatíveis com os praticantes, isto ainda não garante que os "interesses reais" destes praticantes estejam na prática deste esporte, pelo menos da mesma forma como ele se apresenta para os que treinam diariamente (Kunz, 1994, p. 25).

O autor acredita num esporte onde a performance deixa de ser o ponto principal do mesmo, para isso propõe que os alunos devam ser instrumentalizados de forma a compreender este fenômeno para além de suas capacidades e conhecimentos da simples prática esportiva.

Ainda para Kunz:

Um esporte que não necessariamente precisa ser tematizado na forma tradicional, com vistas ao rendimento, mas com vistas ao desenvolvimento do aluno em relação a determinadas competências imprescindíveis na formação de sujeitos livres e emancipados. Refiro-me as competências da autonomia, da interação social e da competência objetiva, as quais tentarei elucidar mais adiante. Para tanto, exige-se uma compreensão do fenômeno esporte que deve ir além de sua efetividade prática, como pretende os teóricos da nova tendência da Educação Física brasileira, embora ainda não se saiba como. O fenômeno social do esporte para poder ser transformado uma atividade de "interesse real" a todos os participantes, deve ser compreendido na sua dimensão polissêmica. Isto significa, que compreender o esporte nesta dimensão deve abranger também, conforme Brodtmann/ Trebels (1979): 1. Ter a capacidade de saber se colocar na situação de outros participantes no esporte, especialmente daqueles que não possuem aquelas "devidas" competências ou habilidades para a modalidade em questão; 2. Ser capaz de visualizar componentes sociais que influenciam todas as ações socioculturais no campo esportivo (a mercadorização do esporte, por exemplo); 3. Saber questionar o verdadeiro sentido do esporte e por intermédio desta visão crítica poder avaliá-lo (Kunz, 1994, p.28).

A iniciação esportiva tendencialmente parece estar voltada para a revelação de talentos em qualquer que seja o esporte. Além disso, o principal recurso utilizado para motivar o interesse dos alunos é a competição, privilegiando os mais aptos momentaneamente.

Os profissionais, que trabalham com a faixa etária em questão, devem entender que os adolescentes possuem os mesmos direitos e deveres. Além disso, o crescimento, desenvolvimento e a maturação são próprios de cada aluno, podendo ser precoce em alguns e

tardia em outros, onde os menos aptos num determinado momento podem se superar, e conseguir futuramente melhores performances, colocando-os em igualdade aos mais aptos inicialmente.

A iniciação esportiva deve possuir um ambiente prazeroso, onde a participação é prioridade e a relação professor/aluno ocorra de forma coerente, proporcionando a todos um melhor conhecimento de suas possibilidades como participante desse fenômeno. O importante é que todos tenham consciência do alcance social do Esporte, podendo assim, utilizá-lo da melhor forma possível explorando suas múltiplas possibilidades.

O trabalho com as atividades esportivas para crianças e adolescentes deve ser voltado para fins educativos, tendo como objetivos, a educação e formação de futuros cidadãos e a identificação de talentos para as categorias posteriores.

Paes (1996) entende como necessário para a Pedagogia do Esporte, que está respeite uma sequência adequada ao processo de desenvolvimento das crianças e adolescentes, propondo a utilização do "Jogo Possível" como um recurso facilitador importante, mas não o único.

Paes explica o "Jogo Possível":

Para nós, o jogo possível possibilita o resgate da cultura infantil no processo pedagógico de ensino do esporte, tornando seu aprendizado uma atividade prazerosa e eficiente no que diz respeito à aquisição das habilidades básicas e específicas. Nossa experiência no trabalho com iniciação esportiva possibilitou algumas descobertas e adaptações em jogos ou brincadeiras já conhecidas, porém, direcionamos essas atividades buscando o aprendizado coletivo (Paes, 1996, p. 113).

Scaglia (2003), acrescenta que nessa proposta apresentam-se os jogos/brincadeiras como meio viável para o ensino- aprendizagem pela compreensão, entendidos como uma unidade complexa, ou seja, partes que detém a essência do todo, permitindo a transferência dinâmica organizacional a unidade complexa do jogo formal. Dessa forma, coabita o universo lúdico da criança e do ambiente, prazeroso e diversificado, proporcionado pelo jogo/brincadeira, com o fazer sistematizado e objetivado; o ensinar, por meio do jogo.

Para Scaglia, o professor/técnico deverá ser o agente estimulador desse processo, propondo atividades coesas com o nível e habilidades dos indivíduos (alunos) e também com a responsabilidade de propor atividades desafiadoras que possibilitem aos alunos construir de forma gradativa sua inteligência para o jogo. O professor, que tem por função desequilibrar o aprendiz, ou seja, propor dificuldades constantes e graduais que, instigando-o a ir além, superar novos desafios, levando-o a esta descoberta.

A partir do desenvolvimento da inteligência do jogador para o jogo, possibilita-se ao aluno ser capaz de ler o jogo e, em meio a diversidade de soluções, resolver diversos problemas decorrentes do ambiente de jogo.

O autor referido escolheu algumas modalidades coletivas (Voleibol, Basquetebol, Futebol e Handebol), que possuem fundamentos básicos em comum, além de conhecidos da cultura esportiva brasileira, facilitando o desenvolvimento de alguns valores presentes, como o trabalho em grupo, organizando uma proposta para a Educação Física escolar do ensino fundamental. Paes complementa:

A construção desta pedagogia de esporte partirá de um pressuposto que diz respeito à importância de elegermos elementos comuns às quatro modalidades. A partir de uma delimitação do desenvolvimento desses elementos, caminharemos na direção de trabalharmos os fundamentos específicos de cada modalidade, situações de jogo e sistemas (1996, p. 111).

O autor acredita na diversificação no processo de aprendizagem do esporte, argumentando que este procedimento possibilita o conhecimento de diferentes modalidades, como também, amplia o leque de respostas motoras as inúmeras situações imprevisíveis decorrentes do jogo. Paes (1996) aponta algumas características que a Pedagogia do Esporte deve se pautar, entre elas: levar em consideração as múltiplas possibilidades do Esporte, compreendendo diferentes significados; ter a participação como princípio. Negar a especialização precoce; pautar-se pela diversificação de modalidades; ter o jogo como recurso pedagógico importante, porém não o único; e instrumentalizar o aluno para conviver com este fenômeno que é o Esporte Moderno.

Esta proposta apresenta pontos interessantes, partindo do pressuposto que o jogo é um fator motivador, tendo inúmeros elementos importantes para a convivência em sociedade, onde os alunos começam a perceber suas limitações e, através da cooperação e da competição, tornam o jogo possível.

A diversificação dos movimentos, respeitando as características individuais, pode contribuir para o desenvolvimento de seu praticante em todos os aspectos. Além disso, aumenta o leque de oportunidades, tornando possível para cada aluno, a descoberta de forma natural, da modalidade que ele mais se identifica com os fundamentos básicos, fato que pode trazer consequências positivas, pensando num futuro esportivo.

Coelho (1988) também aponta algumas vantagens no trabalho com a iniciação esportiva, levando em consideração os aspectos pedagógicos. Entre elas, podem ser destacadas a oportunidade de aprender a cooperar e competir, respeitar os companheiros de grupo, como também das outras equipes; autoconhecimento de suas possibilidades e limitações; ampliação

da autoestima e autoimagem positivas, através do melhor domínio de técnicas e da parte física e autoafirmação perante os adultos, contribuindo para desenvolver personalidades fortes, estáveis e independentes.

Para que essas oportunidades se concretizem, toma-se necessário uma adequada orientação por parte dos professores. Sobre esta orientação, Coelho expõe que:

a) responda as necessidades, interesses e motivações das crianças e jovens - Necessidade de movimento e de dispendir energia; - Necessidade de expressar o seu comportamento lúdico e de dar largas à sua criatividade; -Necessidade de êxito, sucesso, reconhecimento e aprovação; - Necessidade de expressar as suas tendências sociais, de pertencer a um grupo, participar nesse grupo e contribuir para ele. b) que atenda às diferenças individuais de maturação, capacidade e personalidade e às etapas de desenvolvimento do indivíduo (Coelho, 1988, p. 74).

O autor afirma que grande parte dos insucessos vêm da falta de conhecimento da natureza psicológica e pedagógica por parte dos responsáveis pelo ensino e aprendizagem da prática desportiva, incluindo não só os professores e treinadores, mas também, os pais, dirigentes, árbitros e o público em geral nessa lista.

Para Coelho:

Antes de se prepararem atletas preparem-se pessoas; os praticantes, especialmente crianças e jovens, são facilmente influenciados pelos adultos nos seus hábitos, atitudes e comportamentos; a componente psicopedagógica é indispensável a uma efetiva formação dos praticantes; as características que devem "marcar" os praticantes adultos de nível só se "constroem" durante o período da respectiva formação e com uma intervenção psicopedagógica adequada e correta. Sendo assim, a forma como perspectivam a sua participação e a das crianças e jovens na prática desportiva, é o suporte a partir do qual os agentes esportivos constroem o seu comportamento concreto: a forma como intervêm, como transmitem conhecimentos, como reagem às situações e como se relacionam com todos os intervenientes no fenómeno esportivo (1988, p.11).

Deste modo, a importância dos professores no processo de formação das crianças e adolescentes, através do ensino e aprendizagem dos esportes é algo significativo. A ação pedagógica deve ser encarada com responsabilidade, onde é necessário estar atento ao contexto, de modo geral, não somente ao que acontece dentro das quadras, no momento das aulas e dos Jogos.

O professor deve criar um bom relacionamento com as pessoas que o cercam de forma indireta, ou seja, pais, amigos, dirigentes e árbitros, conseguindo o apoio dos mesmos, aumentando a confiança no seu trabalho, conseqüentemente, melhorando a qualidade de suas aulas.

Coelho (1988) apresenta e defende a importância de dois momentos distintos no processo de iniciação ao esporte. Para o autor, a aprendizagem esportiva deve considerar duas fases, uma de Formação, durando até o final da puberdade, onde o principal é o desenvolvimento e o secundário o rendimento e outra de Especialização, após o fim da puberdade, onde o rendimento passa a ter prioridade sobre o desenvolvimento.

Sendo assim, Coelho completa:

Torna-se claro que a orientação do processo de formação desportiva deve distinguir-se da orientação do processo de especialização com implicações diretas sobre o dimensionamento e as características essenciais do desporto infantil e juvenil; o tipo de intervenção dos adultos; a natureza das atividades a se realizar. A iniciação e a orientação desportivas devem, por isso, estar subordinadas às necessidades do crescimento das crianças e jovens entre 10 e os 16 anos, atender aos seus interesses e ajustar -se ao seu perfil etário (Coelho, 1988, p. 66).

Esta divisão por fases poderia direcionar os trabalhos que envolvem a iniciação esportiva, pois obedece a uma sequência pedagógica, partindo de atividades gerais, num primeiro momento, caminhando para atividades específicas, num segundo momento.

Deste modo, a utilização de jogos, onde a cooperação e a competição estão presentes, torna-se um dos recursos utilizados no processo de formação, deixando para o processo de especialização, a organização de campeonatos, torneios, que têm por objetivo apontar os melhores. Assim, num primeiro momento, a participação seria algo fundamental, dando oportunidades para mais crianças e adolescentes se utilizarem da iniciação esportiva, podendo ter chances de realizar seus sonhos. Após esta fase, poderia então iniciar o processo de seleção, com dois pontos importantes. Com mais oportunidades, os próprios alunos acabam descobrindo suas virtudes e limitações, fazendo com que naturalmente os mesmos acabem se autoavaliando sobre suas reais possibilidades num futuro como esportista e, ainda, aumentaria o número de possíveis participantes do processo seletivo.

Freire (1998) faz uma análise sobre a Pedagogia do Esporte, enxergando o fenômeno sociocultural de forma abrangente, onde o processo de ensino supera as questões voltadas somente à aprendizagem de gestos esportivos. Para o autor, é preciso ensinar Esporte a todos, pois está diretamente comprometido com o conhecimento, aprendido e, portanto, independente do conhecimento já estabelecido.

Segundo Freire (2003), o ensinar esporte a todos deverá estar orientado tanto para aquele que joga, sendo que, para este, deverá proporcionar o aprender ainda mais, aprender a jogar melhor; e para o que não sabe jogar, se responsabilizando por fazer que este possa aprender o mínimo suficiente para poder jogar- praticar o esporte. E, se entendemos o jogo/esporte como

um conhecimento que se desenvolveu culturalmente, também devemos compreendê-lo como “um direito humano que deve ser estendido a todos os cidadãos, não a um pequeno grupo de privilegiados” (Freire, 2000, p. 94).

Importante ensinar bem esportes a todos: ou seja, “não basta ensinar; é preciso ensinar bem” (Freire, 2003, p. 9). Além de ser direito humano a ser estendido a todos os homens, também deverá estar comprometido a ensinar bem a todos, ou seja, um ensinar comprometido com o indivíduo estabelecido dentro do processo pedagógico.

Ainda, ensinar mais que esporte a todos: “não pensamos só no craque; pensamos, mais que isso, na sua condição humana” (Freire, 2003, p. 10), ou seja, para ensinar esporte, o professor deve estar ciente de sua tarefa educacional. O ensinar uma ação intencional, portanto sistematizada, deverá estar compromissado com os princípios éticos, morais, afetivos, sociais etc. e, de forma autônoma, levar os indivíduos a compreender suas próprias ações.

E, também, ensinar a gostar do esporte: para quem não se limite a fazer somente na escola de esporte ou aulas de educação física, mas que o esporte possa ser reproduzido, praticado no momento de lazer e recreação. Para isso, Freire (2003, p. 10) diz que, “antes de qualquer ensinamento, o aluno precisa aprender a gostar do que faz”.

Deste modo, a Pedagogia do Esporte possui uma matriz teórica que pode dar respaldo para as atividades práticas. Sendo assim, os objetivos da iniciação esportiva poderiam ser cumpridos de modo integral, a educação e formação de futuros cidadãos e a identificação de talentos para as categorias posteriores das diversas modalidades, no caso, o basquetebol.

Para Bento:

[...] a Pedagogia do esporte tem que ser uma pedagogia da palavra nova e alta, aberta, aumentativa, crescida e substantiva. Uma pedagogia contra a palavra pequena, deprimente, envergonhada, fechada, baixa, rasteira e banal. Uma pedagogia da essencialidade contra a banalidade, da profundidade contra a superficialidade, da autenticidade contra a intensidade. Uma pedagogia da palavra viva, desafiadora, encorajadora e contagiante, contra a palavra da negação, do silenciamento e morte da nossa condição de humanos. Uma pedagogia que entenda o desporto como um meio de dar a palavra ao homem, de o retirar da vergonha do silêncio. Uma pedagogia da qualidade e de palavras de qualidade sobre o desporto, sobre as suas práticas e sobre os praticantes. Uma pedagogia das razões de educar o homem no e pelo desporto (2000, p.15).

Finalizando este capítulo, serão apresentadas algumas características das agências de ensino que podem trabalhar com a iniciação esportiva, baseada na Pedagogia de Esporte, ou seja, escolas, públicas e particulares, clubes, praças esportivas municipais e academias ou escolas de esportes.

Todas as agências citadas trabalham com um público alvo semelhante, crianças e adolescentes. Deste modo, a Pedagogia do Esporte poderia ser utilizada como referencial teórico e prático para as atividades esportivas realizadas nas mesmas.

Com relação à escola, existe duas diferentes possibilidades.

As escolas públicas, divididas nas redes municipal e estadual. As escolas municipais têm em seus currículos, as aulas de Educação Física da 1ª a 9ºano (ensino fundamental), realizadas com os professores desta disciplina, enquanto que as escolas estaduais, iniciam as aulas com professores específicos da área, somente a partir da 6ºano. Até a 5º ano, existem as atividades físicas e esportivas, porém organizadas pelo professor chamado de polivalente, visto que, este profissional é responsável pela transmissão de conhecimentos em várias disciplinas.

E as escolas particulares, por serem entidades privadas, têm suas próprias normas de ação. As aulas de Educação Física ocorrem na maioria delas, porém algumas estão terceirizando este serviço, fazendo parcerias com academias. Além disso, várias escolas particulares estão organizando os chamados clubes de esportes em suas próprias dependências, ou seja, o aluno pode escolher algumas modalidades de seu interesse, praticando-as com professores específicos para cada uma delas.

Uma vez que a maioria dos estados e municípios brasileiros passam por uma crise financeira, toma-se possível uma análise até certo ponto negativa sobre o atual momento da Educação Física nas escolas públicas, com poucos investimentos, tendo materiais e instalações, em vários casos, em estado precário, dificultando a realização de trabalhos competentes nesta disciplina.

Algumas atividades esportivas são realizadas para os alunos das escolas públicas, tais como, campeonatos escolares, olimpíadas estudantis, jogos escolares brasileiros, entre outros. Porém, com a deterioração do ensino público, estes eventos perderam um pouco de sua importância, já que as federações específicas de cada modalidade dão importância quase que exclusiva para os trabalhos realizados nos clubes. Uma postura até certo ponto equivocada, pois, com toda certeza, é nas escolas públicas municipais ou estaduais que se concentram a maioria da população de crianças e adolescentes, podendo ser realizado o processo de democratização do Esporte.

Nas escolas particulares, toma-se possível uma análise contrária à das escolas públicas, isto porque, estas entidades vêm descobrindo e investindo no Esporte, enquanto fenômeno sociocultural, explorando a sua grandiosidade e suas múltiplas possibilidades.

Estas possibilidades podem ocorrer de forma direta, utilizando a estrutura dos clubes de esportes, ou de forma indireta, através de parcerias entre as escolas com os clubes, onde

geralmente são cedidas algumas bolsas de estudos para os jogadores, em troca da utilização dos espaços para propaganda nestes locais e a representação em eventos esportivos escolares. Ainda sobre a escola, colocados juntos os alunos das escolas públicas e os das escolas particulares, praticamente toda a população de crianças e adolescentes estariam inseridas neste processo, fato que deveria despertar o interesse das autoridades, visando a construção de uma política educacional esportiva com o objetivo de democratizar o mesmo, explorando seus valores positivos.

Nos clubes, não existe uma política esportiva padrão para todos, ou seja, cada um faz do modo mais interessante para aquele momento. Mudando a diretoria, pode-se mudar tudo. Geralmente, o cargo de diretor de esportes está nas mãos de algum pai, que tem filhos ainda criança ou adolescente.

Atualmente, existem duas possibilidades de análise relacionadas aos clubes. A primeira, relacionada aos clubes sócio-esportivos tradicionais, nas quais os associados compram os títulos e frequentam suas dependências e as atividades promovidas pelos mesmos, mantendo sua mensalidade em dia. Estas entidades normalmente realizam trabalhos com a iniciação esportiva, participando de campeonatos e eventos organizados por federações e ligas regionais, sendo responsável pela maior parte dos indivíduos que tem acesso aos ambientes esportivos na faixa etária em questão.

Já a segunda, conhecida como os clubes fictícios, que geralmente não possuem sede social e esportiva próprias, utilizando dependências municipais para formação de equipes esportivas profissionais e amadoras, representativas dos municípios. Ou seja, como as federações exigem que as equipes sejam ligadas a alguma entidade regulamentada, não permitindo a participação das prefeituras no processo de forma isolada, torna-se viável a parceria entre estes clubes e as mesmas.

Neste processo, geralmente também é envolvida uma empresa patrocinadora das equipes esportivas, ocorrendo então a entrada do marketing nos ambientes esportivos, onde tomou-se comum, encontrar ginásios municipais pintados nas cores do produto que dá nome às equipes. Poucas são as entidades organizadas deste modo que se preocupam concretamente com trabalhos de iniciação esportiva. Quando isto acontece, deve-se ao fato das federações, na maioria das vezes, obrigarem as equipes profissionais a organizarem equipes nas categorias menores. Outro fato frequente neste tipo de relação, passa pela questão que o patrocinador expõe seu produto no mercado, utilizando a via esportiva, obtendo resultados significativos na venda do mesmo, perdendo o interesse pelo patrocínio na próxima temporada ou até mesmo,

no próximo campeonato, não havendo continuidade dos trabalhos, causando a incerteza dos participantes diretos deste processo, técnicos, atletas, dirigentes e grupos de apoio.

As academias, também conhecidas como escola de esportes, que trabalham com ensino e aprendizagem das modalidades esportivas com crianças e adolescentes, prioritariamente parecem pretender a estabilização financeira, o que significa estar buscando diferentes formas de conseguir aumentar seu público. Devido ao fator financeiro, os alunos deste tipo de agência de ensino têm influência pequena na população participante da iniciação esportiva.

Portanto, unindo todos os participantes que praticam alguma modalidade esportiva nas agências de ensino citadas, obviamente aumentaria o leque de oportunidades para que mais crianças e adolescentes pudessem se utilizar do Esporte, sendo que, este fenômeno poderia auxiliar na educação destes indivíduos, conseqüentemente na formação dos futuros cidadãos. Além disso, aumentaria o número de jogadores que poderiam participar das categorias posteriores à da iniciação esportiva.

SEÇÃO 3. BASQUETEBOL E SUA INICIAÇÃO EM MINAS GERAIS

Nesta seção, em sua primeira parte, será realizada uma análise crítica sobre a iniciação relacionada ao basquetebol mineiro, com três diferentes momentos. No primeiro, de modo introdutório, será apresentada a modalidade basquetebol, sua origem, evolução, seu início no Brasil e suas principais conquistas em nível internacional no decorrer da história. No segundo momento, a ênfase estará centrada na iniciação em basquetebol, caracterizada neste estudo pelas categorias u 11, u12, u13 e u14, contemplando crianças e adolescentes nestas idades, assim determinada pela Federação Mineira de Basketball (FMB) e ligas e associações regionais do interior deste estado. E, como já apontado, se estamos falando de crianças e adolescentes, importante apresentar alguns traços marcantes desta fase da vida, que devem ser considerados num processo de ensino e aprendizagem do basquetebol. Após, no terceiro momento desta primeira parte desta seção, será analisada a organização da iniciação no basquetebol mineiro, com ênfase na questão do número de participantes da mesma.

Na segunda parte desta seção, serão apresentadas algumas alternativas para a iniciação em basquetebol no estado de Minas Gerais, com a intenção de fazer com que os profissionais atuantes nesta área reflitam sobre o atual momento, sobre suas atitudes e sobre o contexto, de modo geral, visando a melhora do basquetebol mineiro como um todo. Para isso, a abordagem também se dará em três momentos. No primeiro, a intenção é transformar o enfoque dado à iniciação, passando de um contexto direcionado para o esporte profissional, para um contexto que deve utilizar o esporte voltado para fins educativos. Em um segundo momento, de ordem técnico-pedagógica, serão apresentadas algumas sugestões de atividades, levando em consideração os aspectos técnicos, táticos, físicos e psicológicos do jogo de basquetebol. Por último, de ordem organizacional, a intenção é propor novas formas de se trabalhar com a iniciação, com o objetivo de explorar os princípios da Pedagogia do Esporte.

3.1 Origem, evolução e conquistas do basquetebol

O rigoroso inverno de 1891, no estado de Massachussetts, Estados Unidos, tinha enclausurado os jovens do colégio internacional da Associação Cristã de Moços (ACM), na cidade de Springfield. A neve caía sem parar, cobria todo o pátio, e a prática de atletismo, natação, futebol e rúgbi estavam suspensas. A escola correu atrás de uma alternativa para as entediadas aulas de ginástica, que estimulava poucos os alunos. O professor canadense James Naismith de 30 anos foi incumbido pelo diretor Luther Halsey Gullick de criar um esporte: jogo

sem violência, que estimulasse seus alunos durante o inverno, mas que pudesse também ser praticado no verão em áreas abertas.

Depois de algumas reuniões com outros professores de Educação física da região, James Naismith chegou a pensar em desistir da missão. Mas seu espírito empreendedor o impedia. Refletindo bastante, chegou à conclusão de que o jogo deveria ter um alvo fixo, com algum grau de dificuldade. Sem dúvida deveria ser jogado com uma bola, maior que a de futebol e que chegasse com regularidade. Mas o jogo não poderia ser tão agressivo quanto o futebol americano, para evitar conflitos entre os alunos, e deveria ter um sentido coletivo. Havia um outro problema, se a bola fosse jogada com os pés, a possibilidade de choque ainda existiria. Naismith decidiu então que o jogo deveria ser jogado com as mãos, mas a bola não poderia ficar retida muito tempo e nem ser batida com o punho fechado, para evitar socos acidentais nas disputas dos lances.

A preocupação seguinte do professor era quanto o alvo que seria atingido pela bola, imaginou primeiramente colocá-lo no chão, mas já havia outros esportes assim como o hóquei e o futebol.

A solução surgiu como um relâmpago: o alvo deveria ficar a 3,5 m de altura, onde imaginava que nenhum jogador de defesa seria capaz de parar a bola que fosse arremessada ao alvo. Tamanha altura também dava um certo grau de dificuldade ao jogo, como Naismith desejava desde o início, mas qual seria o melhor lugar para fixar o alvo? Como ele seria? Encontrado o zelador do colégio, Naismith perguntou se ele não dispunha de duas caixas com abertura de cerca de 8 polegadas quadradas (45, 72 cm). O zelador foi ao depósito e voltou trazendo dois velhos cestos de pêssego, com um martelo e alguns pregos, Naismith prendeu os cestos na parte superior de duas pilastras, que ele pensava ter mais de 3,0 metros, uma de cada lado do ginásio, mediu a altura, os exatos 3,05 m, altura está que permanece até hoje.

Nascia a cesta de basquete. James Naismith escreveu rapidamente as primeiras regras do esporte, contendo 13 itens. Elas estavam tão claras em sua cabeça que foram colocadas no papel em menos de uma hora. Em síntese, 1) a bola pode ser arremessada em qualquer direção com uma ou com ambas as mãos; 2) a bola pode ser tapeada para qualquer direção com uma ou com ambas as mãos (nunca usando os punhos); 3) um jogador não pode correr com a bola. O jogador deve arremessá-la do ponto onde pegá-la. A exceção será feita ao jogador que receba a bola quando estiver correndo a uma boa velocidade; 4) a bola deve ser segura nas mãos ou entre as mãos. Os braços ou corpo não podem ser usados para tal propósito; 5) Não será permitido sob hipótese alguma puxar, empurrar, segurar ou derrubar um adversário. A primeira infração desta regra contará como uma falta, a segunda desqualificará o jogador até que nova cesta seja

convertida e, se houver intenção evidente de machucar o jogador pelo resto do jogo, não será permitida a substituição do infrator; 6) uma falta consiste em bater na bola com o punho ou em uma violação das regras 3, 4 e 5; 7) se um dos lados fizer três faltas consecutivas, será marcado um ponto a mais para o adversário (Consecutivo significa sem que o adversário faça falta neste intervalo entre as faltas); 8) um ponto é marcado quando a bola é arremessada ou tapeada para dentro da cesta e lá permanece, não sendo permitido que nenhum defensor toque na cesta. Se a bola estiver na borda e um adversário move a cesta, o ponto será marcado para o lado que a arremessou; 9) quando a bola sai da quadra, deve ser jogada de volta à quadra pelo jogador que primeiro a tocou. Em caso de disputa, o fiscal deve jogá-la diretamente de volta à quadra. O arremesso da bola de volta à quadra é permitido do tempo máximo de 5 segundos. Se demorar mais do que isto, a bola passará para o adversário. Se algum dos lados insistir em retardar o jogo, o fiscal poderá marcar uma falta contra ele; 10) o fiscal deve ser o juiz dos jogadores e deverá observar as faltas e avisar ao árbitro quando três faltas consecutivas forem marcadas. Ele deve ter o poder de desqualificar jogadores, de acordo com a regra 5; 11) o árbitro deve ser o juiz da bola e deve decidir quando a bola está em jogo, a que lado pertence sua posse e deve controlar o tempo. Deve decidir quando um ponto foi marcado e controlar os pontos já marcados, além dos poderes normalmente utilizados por um árbitro; 12) o tempo de jogo deve ser de dois meio-tempos de 15 minutos cada, com 5 minutos de descanso entre eles; e, por fim, 13) a equipe que marcar mais pontos dentro deste tempo será declarada vencedora. Em caso de empate, o jogo pode, mediante acordo entre os capitães, ser continuado até que outro ponto seja marcado.

O criativo professor levou as regras para a aula, afixando-as em um dos quadros de aviso do ginásio. Comunicou a seus alunos que tinha um novo jogo e se pôs a explicar as instruções e organizar as equipes. Havia 18 alunos na aula, Naismith selecionou dois capitães (Eugene Lilley e Duncan Patton) e pediu-lhes que escolhessem os lados da quadra e seus companheiros de equipe. Escolheu dois dos jogadores mais altos e jogou a bola para o alto, era o início do primeiro jogo de basquete. Curioso, no entanto é que nem Naismith, nem os seus alunos tomaram o cuidado de registrar esta data, de modo que não se pode afirmar com precisão em que dia o primeiro jogo de basquete foi realizado, sabe-se apenas que foi em dezembro de 1891, pouco antes do natal.

Como foi esperado, o primeiro jogo foi marcado por muitas faltas, que eram punidas colocando-se seu autor na linha lateral da quadra até que a primeira cesta fosse feita. Outra limitação dizia respeito a própria cesta: a cada vez que um arremesso era cometido, um jogador

tinha que subir até a cesta para apanhar a bola, a solução encontrada, alguns meses depois, foi cortar a base do cesto, o que permitia a rápida continuação do jogo.

Após a aprovação da diretoria de Springfield College, a primeira partida do esporte recém-criado foi realizada no ginásio Armory Hill, no dia 11 de março de 1892, e os alunos venceram os professores por 5 a 1, com a presença de 200 pessoas.

A primeira bola de basquete foi feita pela A.C. Spalding e Brothers, de Chicopee Falls (Massachusetts) ainda em 1891, e seu diâmetro era ligeiramente maior que uma bola de futebol.

As primeiras cestas sem fundo foram desenhadas por Leu Allen, de Connecticut, em 1892, e consistiam em cilindros de madeira com bordas de metal, no ano seguinte, a Narraganset Machine e CO, teve a ideia de fazer um anel metálico com uma rede nele pendurada, que tinha o fundo amarrado com uma corda que poderia ser aberta simplesmente puxando esta última, logo depois, tal corda foi abolida e a bola passaria a cair livremente após a conversão dos arremessos. Em 1895, as tabelas foram oficialmente introduzidas.

Naismith não poderia imaginar a extensão do sucesso alcançado pelo esporte que inventará, seu momento de glória veio quando o basquete foi incluído nos jogos olímpicos de Berlin, em 1936, e ele lançou ao alto a bola que iniciou o jogo de basquete nas olimpíadas. O basquetebol feminino em termos de Jogos Olímpicos, começou a ser disputado em 1976, em Montreal (Canadá).

Atualmente, o esporte é praticado por mais de 300 milhões de pessoas no mundo inteiro, nos mais de 170 países filiados a FIBA (federação internacional de basquetebol).

No Brasil a "bola ao cesto" começou a ser jogado em 1896, pelas mãos do professor norte americano Augusto Shaw, nascido na cidade Claryville, região de Nova York, completou seus estudos na Universidade de Yalle, onde em 1892 graduou se como bacharel em artes e onde Shaw tomou contato pela primeira vez com o basquete.

Dois anos depois, recebeu um convite para lecionar no tradicional Mackenzie College, em São Paulo, na bagagem, trouxe mais do que livros sobre a história da arte, havia também uma bola de basquete, porém demorou um pouco até que o professor pudesse concretizar o desejo de ver o esporte criado por James Naismith adotado no Brasil, nosso país foi um dos primeiros a conhecer a novidade.

A nova modalidade foi apresentada e aprovada imediatamente pelas mulheres, isso atrapalhou a difusão do basquete entre os rapazes, movidos pelo forte machismo da época. Para provar, havia a forte concorrência do futebol trazido em 1894 por Charles Miller, e que se

tornou a grande coqueluche da época entre os homens; pois neste esporte se desenvolvia muito físico e força, características valorizadas nessa época.

Aos poucos o persistente Augusto Shaw foi convencendo seus alunos de que o basquete não era jogo de mulheres, quebrada a resistência ele conseguiu montar a primeira equipe do Mackenzie College, ainda em 1896. Uma foto que foi enviada ao instituto Mackenzie nos Estados Unidos, mostra o que seria a primeira equipe organizada no Brasil, juntamente por Shaw. Estão identificados Horácio Nogueira, Edgar de Barroy, Pedro Sartunino, Augusto Marques Guerra, Theodoro Joyce, José Almeida e Mário Eppinghaus.

Shaw viveu no Brasil até 1914 e teve a chance de acompanhar a difusão do basquete no país, superando o preconceito, e o número de praticantes cresciam a cada ano nas escolas e universidades. Faleceu em 1939, nos Estados Unidos.

A aceitação nacional do novo esporte veio através do professor Oscar Thompson, na escola nacional de São Paulo e Henry J. Sins, então diretor de educação física da Associação Crista de Moços (ACM), do Rio de Janeiro.

Em 1912, no ginásio da rua Quitanda nº 47, no centro do Rio de Janeiro, aconteceram os primeiros torneios de basquete. Em 1913, quando da visita da seleção chilena de futebol a convite do América Futebol Clube, seus integrantes, membros da (ACM) de Santiago, passaram a frequentar o ginásio da rua Quitanda. Henry Sins, convenceu os dirigentes do América a introduzir o basquete no clube da rua Campos Salles, no bairro da Tijuca. Para animá-los, arranjou um jogo contra os chilenos oferecendo uma equipe da ACM, com o uniforme do América que triunfou por 5 a 4, o plano vingou e o América foi o primeiro clube carioca a adotar o basquete.

As regras do esporte foram traduzidas para o português pela primeira vez em 1915. Nesse ano a ACM realizou o primeiro torneio da América do Sul, com a participação de seis equipes, o sucesso foi tão grande que a liga metropolitana de Sports Athetics, responsável pelos esportes terrestres do Rio de Janeiro, resolveu adotar o basquete em 1916, o primeiro campeonato oficializado pela liga foi em 1919, com vitória do Flamengo.

Em 1922 foi convocada pela primeira vez a seleção brasileira, quando da comemoração do centenário do Brasil nos Jogos latino-americanos, um torneio continental, em dois turnos, entre as seleções do Brasil, Argentina e Uruguai. O Brasil consagrou-se campeão sob a direção do treinador Fred Brow. Em 1930 com a participação do Brasil, foi realizado em Montevideu, o primeiro campeonato sul americano de basquete.

Em 1933 houve uma cisão no esporte nacional, quando os clubes adotaram o profissionalismo de futebol e criaram entidades especializadas em vários desportos, nasceu

assim a Federação Brasileira de Basketball, fundada em 25 de dezembro de 1933, no Rio de Janeiro. Em assembleia, aprovado no dia 26 de dezembro de 1941, passou ao nome atual, Confederação Brasileira de Basketball (CBB).

As regras foram várias vezes modificadas, sempre com o objetivo de melhorar o nível do espetáculo, proporcionando a incerteza do resultado, aumentando a motivação e a ansiedade dos participantes com relação ao término do jogo e a descoberta do vencedor.

Uma regra atual e importante, que mudou até certo ponto, as características do jogo de basquetebol, é a demarcação da linha dos três pontos, promulgada em 1984, por ocasião da Olimpíada de Los Angeles (EUA), e posta em prática em 1985; se o jogador arremessar antes da linha, localizada a 6,25 metros do aro, a cesta valerá três pontos, podendo mudar de um modo mais rápido o resultado da partida (Vidal, 1991).

Atualmente, o basquetebol possui uma intensa cobertura mundial, é bastante explorado pela mídia internacional, e está num local de destaque entre as modalidades esportivas mais conhecidas devido a National Basketball Association (NBA), liga norte-americana profissional masculina, da qual participam os melhores jogadores do mundo e que movimenta bilhões de dólares por temporada. Assim, “A NBA foi fundada em 1949/50, nos EUA, devido a necessidade de se estruturar as ligas do chamado Basquetebol Profissional norte-americano, iniciando com dezessete equipes, classificadas em três divisões, a Leste, Oeste e Centro” (Daiuto, 1991).

Nos dias atuais, a NBA cresceu muito, possui também uma equipe canadense, tem duas conferências, a Leste e a Oeste, que possuem suas divisões.

O All Star Game, jogo das estrelas, acontece no meio da temporada, quando os melhores jogadores de cada conferência, escolhidos pelo público do mundo inteiro via Internet, se enfrentam. Além disso, neste evento, são realizados campeonatos de enterradas e de arremessos da linha dos três pontos. Todos estes atrativos são transmitidos pelos meios de comunicação, havendo cobertura de quase todos os países do mundo.

Outro importante acontecimento da NBA são os chamados Play-Offs, nos quais as oito melhores equipes de cada conferência na fase de classificação, jogam entre si, até se obterem as campeãs, que se enfrentam na grande final da liga, evento que a cada temporada atrai um maior número de telespectadores e um maior volume de dólares também.

Em 1997 foi criada a WNBA, basquetebol profissional feminino, seguindo os moldes da NBA, sem possuir, no entanto, o mesmo alcance. Em todas as suas edições até o momento, 12 atletas brasileiras tiveram participação, como é o caso de Janeth, jogadora da equipe denominada Houston Comets, vencedora das quatro temporadas iniciais realizadas por esta liga.

As principais competições internacionais do basquetebol são os Jogos Olímpicos e os Campeonatos Mundiais. Nos Jogos Olímpicos, em termos de masculino, historicamente existe a supremacia dos EUA em relação aos demais, com as extintas União Soviética e Iugoslávia, aparecendo também como destaques, no feminino, a União Soviética venceu em 1976 e 1980, ocorrendo a supremacia norte-americana desde 1984 até os dias atuais.

No Brasil, em termos de Jogos Olímpicos, o país conquistou três medalhas de bronze no masculino (1948, 1960 e 1964), uma medalha de prata (1996) e uma de bronze (2000) no feminino.

Sabe-se que o Brasil, em relação aos Mundiais (atualmente Copa do Mundo), tem uma história marcante, tendo conquistado dois títulos no masculino (1959 e 1963) e um título no feminino (1994), além de outras importantes colocações no decorrer da história.

A situação do basquetebol brasileiro é, em uma palavra, trágica. Em um país de dimensões tão grandes como o nosso, essa atividade praticamente se restringe a pouquíssimos estados. A prática desse esporte em Minas Gerais é grande, se comparada à de outros estados, mas é muito pequena tendo em vista a potencialidade desse estado, sem dúvida um dos mais desenvolvidos e populoso do país. Nos outros, a situação é bem pior, inexistindo basquetebol em diversos deles ou então sua prática é tão reduzida que sua presença não se faz sentir.

Durante todo este estudo, a questão do número de participantes que praticam o basquetebol, como também, os que não praticam, mas gostariam de praticar, de modo formal, ou seja, participando de campeonatos oficiais, organizados pela Federação Mineira de Basketball (FMB) e ligas e associações do interior do estado de Minas Gerais, terá fundamental importância para a análise crítico-pedagógica sobre a iniciação em basquetebol.

Não é possível afirmar que o aumento do número de participantes no basquetebol, desde a iniciação até o adulto, melhoraria os resultados internacionais das seleções brasileiras, em todas as categorias, pois vários fatores influenciam no processo competitivo, além disso, como já foi colocado anteriormente, o basquetebol feminino no Brasil, no início do século 21, conseguiu resultados expressivos, com um número reduzido de atletas profissionais, ou seja, não se pode afirmar que somente quando se tem "quantidade" tira-se "qualidade", porém, existe naturalmente uma tendência para que esta relação seja verdadeira.

Na questão da iniciação, a qual será analisada a seguir, a participação é algo fundamental, quando se visualiza a prática de atividades esportivas para fins educativos.

3.2 A infância, a adolescência e a iniciação esportiva no basquetebol

Neste estudo, a iniciação em basquetebol está caracterizada pelas categorias u11, 12, 13 e u14, estipuladas pela Federação Mineira de Basketball, como também pelas ligas e associações do interior do estado de Minas Gerais, englobando participantes na faixa etária de 11 a 14 anos.

Essa delimitação é fundamental, visto que qualquer algo novo na vida das pessoas pode ser chamado de iniciação. Deste modo, um adulto pode começar a praticar basquetebol, sem maiores problemas. A intenção, ao se delimitar a faixa etária do estudo, parte do princípio de abordar as categorias menores do basquetebol, que são consideradas como categorias formativas de base e daí para as demais categorias.

A etapa de iniciação em basquetebol é um período que abrange desde o momento em que crianças se iniciam na prática, até a decisão pela especialização. Desta maneira, no início do treinamento especializado com os jovens, sugerimos propostas para o ensino dos conteúdos do basquetebol com bases pedagógicas de forma orientada, desde as fases iniciais até o treinamento especializado. Os conteúdos devem ser ensinados respeitando-se cada fase do desenvolvimento das crianças e dos pré-adolescentes.

Optamos assim, de acordo com Oliveira (2012), por dividir a etapa de iniciação em três fases de desenvolvimento: a) fase de iniciação 1; b) fase de iniciação 2; e c) fase de iniciação 3. Sendo que cada fase possui objetivos específicos para o ensino formal e está de acordo com as idades biológicas, escolar, cronológica e com as categorias disputadas nos campeonatos regionais e estaduais, diferenciando-se seus conteúdos.

Assim sendo, Paes (1989) explica que a fase de conhecer o jogo de basquetebol corresponde da 1ª a 5ª ano do ensino fundamental 1, atendendo crianças da primeira e segunda infância, com idades de 7 a 10 anos. O envolvimento das crianças nas atividades do basquetebol deve ser de caráter lúdico, participativo e alegre, a fim de oportunizar o ensino das técnicas, estimulando o pensamento tático, considerando que todas as crianças devem ter a possibilidade de acesso aos princípios educativos através dos jogos e brincadeiras, influenciando positivamente o processo de ensino-aprendizagem. Compreendemos que se deve evitar, no basquetebol, as competições antes dos 12 anos, às quais exigem a perfeição dos movimentos ou gestos motores e também das grandes soluções táticas.

Paes (1989) pontua que, no processo evolutivo, essa fase de participação em atividades variadas com caráter recreativo visa a educação do movimento, buscando o aprimoramento dos padrões motores e do ritmo no geral, que podem ser realizadas por meio das atividades lúdicas

recreativas. Já Hahn (1989) propõe, com base nos estudos de Grosser (1989), o desenvolvimento das capacidades de coordenação, velocidade e flexibilidade, pois esse é o período propício para o início de desenvolvimento. As crianças encontram-se favorecidas aproximadamente entre 7 a 11 anos, em função da plasticidade do sistema nervoso central, e as atividades devem ser desenvolvidas sob diversos ângulos: complexidade, variabilidade e continuidade durante todo o seu processo de desenvolvimento.

Weineck (1991) assinala que crianças dessa faixa etária - de 07 a 10 anos – demonstram grande determinação para as brincadeiras com variação de movimentos e ocupam-se de um percentual significativo de jogos, que se formam de maneira múltipla. Esse fato nos faz acreditar que se deve proporcionar, então, um ambiente agradável para que o desenvolvimento ocorra sem maiores prejuízos, ou seja, as crianças devem aprimorar o padrão do movimento cuja execução objetiva apenas a estimulação para que, assim, a criança construa seu próprio repertório motor, sem sobrecarga excessiva.

Nesse contexto, Greco (1998) e Paes (2001) afirmam que a função primordial nessa fase é assegurar a prática no processo ensino-aprendizagem, com valores e princípios voltados para uma atividade gratificante, motivadora e permanente, reforçada pelos conteúdos desenvolvidos pedagogicamente, respeitando-se as fases sensíveis do desenvolvimento, com carga horária suficiente para não prejudicar as demais atividades como o descanso, a escola, a diversão, dentre outras; caso contrário, será muito difícil atingir os objetivos em cada fase do período de desenvolvimento infantil.

Oliveira (1997) corrobora com essa tese ao afirmar que, nessa fase, as principais tarefas são os gestos motores necessários a vida, e deve-se procurar assegurar o desenvolvimento harmonioso do organismo por meio de atividades como escalonamento, saltos, corridas, lançamentos, não devendo, nesse período, apressar a especialização do jogo de basquetebol. Os iniciantes praticam aproximadamente 150 a 300 horas anuais, sendo que o trabalho geral deve predominar em relação às cargas específicas, o que significa que a especialização precoce, nesse momento, pode não ser adequada.

O conteúdo do basquetebol desenvolvido nessa fase, em conformidade com Paes (2001), devem ser domínio do corpo, a manipulação da bola, o drible, a recepção e os passes, sempre aliados as leituras do que acontece no jogo, podendo utilizar-se do jogo como principal método para a aprendizagem. Os espaços podem ser reduzidos, para adequar as capacidades físicas das crianças; e alvos podem ser menores, os aros podem ser baixados. Essas modificações também podem ser feitas em outros jogos e brincadeiras. Entendemos que, com isso, as crianças poderão motivar-se para a prática em função do aumento de possibilidades.

As atividades lúdicas em forma de brincadeiras e pequenos jogos podem contribuir para desenvolver, nas crianças as capacidades físicas como: a coordenação, a velocidade e a flexibilidade – propícias nessa fase - e também habilidades básicas para futuros trabalhos específicos, como agilidade, mobilidade, equilíbrio e ritmo.

O basquetebol escolar tem função primordial nessa fase, aumentando a quantidade e a qualidade das atividades, visando a ampliar a capacidade motora das crianças, a qual poderá facilitar o processo de ensino-aprendizagem nas demais fases. De qualquer modo, seja na escola ou no clube, a efetividade da preparação e da formação geral que constituirão a educação motora dos atletas no futuro só poderá ser maximizada na interação professor/técnico, escola, aluno/atleta e demais indivíduos que têm influência no desenvolvimento dos jovens.

Sendo assim, o sucesso da educação das crianças e adolescentes depende muito da capacidade do professor/treinador e de cada cenário em que o trabalho é desenvolvido. A literatura especializada do basquetebol infantil demonstra que nessa fase deve-se observar as condições favoráveis para o desenvolvimento de todas as capacidades e qualidades na aplicação dos conteúdos do ensino por meio de uma ação pedagógica sistemática.

A fase de aprender os fundamentos e sistemas táticos básicos é marcada por oportunizar os jovens a aprendizagem do basquetebol e atende crianças e adolescentes da 6 e 7ª anos do ensino fundamental 2, com idades aproximadas de 11 e 12 anos, correspondentes a primeira idade puberal. No caso do basquetebol, essa fase, nos campeonatos do ensino não-formal, corresponde às categorias pré-mini (sub 11) e mini basquete (sub 12). Partindo do princípio de que é na fase de iniciação que as crianças têm os primeiros contatos e visa à estimulação e a ampliação do vocabulário motor por intermédio das atividades variadas específicas, mas não especializadas, a fase de iniciação seguinte dá início a aprendizagem diversificada dos conteúdos do basquetebol dentro de suas particularidades, acumulando o que foi vivido anteriormente (vivências).

Abordaremos nessa fase a importância da diversificação, ou seja, a prática diversificada dos conteúdos, evitando, todavia, a sua repetição, que leva à estabilização da aprendizagem, empobrecendo o repertório motor dos praticantes.

Em relação à diversificação da aprendizagem, a prática de outras modalidades não deve ser proibida, pelo contrário, devem ser utilizadas para o enriquecimento motor dos praticantes.

Bayer (1994) entende que, em nível de aprendizagem, o "transfer" nessa fase é admitido, ou seja, a transferência encontra-se facilitada logo que um aluno/jogador a percebe na estrutura dos jogos desportivos coletivos. Assim, os praticantes transferem a aprendizagem de um gesto como arremessar ao gol

no handebol, a cortada do voleibol ao arremesso, a cesta do basquetebol. Trata-se, então, de isolar estruturas semelhantes que existem em todos os jogos coletivos desportivos para que o aprendiz reproduza, compreenda e delas se aproprie. Entretanto o autor adverte: "ter a experiência de uma estrutura não é recebê-la passivamente, é vivê-la, retomá-la e assumí-la, reencontrando seu sentido constantemente". (BAYER, 1994, P. 629).

De acordo com a literatura, os iniciantes devem participar de jogos e exercícios advindo dos desportos específicos e de outros, que auxiliem a melhorar sua base multilateral e tê-la como base diversificada para o basquetebol. As competições devem ter caráter participativo e podem ser estruturadas para reforçar o desenvolvimento das capacidades coordenativas e de destrezas, melhorando a técnica do movimento competitivo, vivenciando formações táticas simples, sem se objetivar o produto final (resultado) nesse momento.

Deve-se buscar na fase de iniciação da aprendizagem dos fundamentos do jogo, a aprendizagem diversificada dos conteúdos do basquetebol visando ao desenvolvimento geral. Essa fase caracteriza a passagem da fase de aprendizagem inicial, para a fase de automatização, na qual se confere muita importância a autoimagem, socialização e valorização por intermédio dos princípios educativos na aprendizagem dos jogos. (KREBS, 1992; GRECO, 1998; PAES, 2001).

Nesse período, consolida-se o sistema de preparação em longo prazo, pois é para não se perder tempo, para evitar a instabilidade da aprendizagem, utilizando-se dos períodos sensíveis do crescimento, maturação e do desenvolvimento do organismo na elaboração das cargas de treinamento. Para Weineck (1991), além da ótima fase para aprender, na qual as diferenças em relação à fase anterior são graduais e as transições são contínuas, as capacidades coordenativas dão base para futuros desempenhos. Por outro lado, deve se evitar a especialização precoce, como afirma Oliveira (1997), haja vista que pode levar ao abandono do esporte.

Em se tratando de evitar a especialização precoce, concordamos com Paes (1989), o qual assinala essa fase como generalizada, na qual das condições básicas de jogo de basquetebol ao lado de um desenvolvimento psicomotor pretende-se a aquisição integral, possibilitando a execução de tarefas mais complexas. Essa fase, porém, não deverá ser para a afirmação obrigatória da especialização dos atletas. Neste sentido, Gallahue (1995) pondera que esse momento é importante para os aprendizes passarem do estágio de transição para o de aplicação, ou seja, aprender com relativa instrução do professor a liberdade dos gestos técnicos. Oliveira (2007) corrobora com essa ideia, afirmando que, nessa fase, a atenção está direcionada para a prática bem como para as condições de promover o refinamento da destreza, planejando situações práticas progressivamente mais complexas, ressaltando que o sistema de ensino dos

conteúdos é parcialmente aberto, no qual as atividades são também parcialmente definidas pelo professor/ técnico.

Segundo Paes (2001), os conteúdos de ensino do basquetebol a serem ministrados nessa fase são os conceitos técnicos e táticos do basquetebol, nos quais devem ser contemplados, além desses conteúdos, finalizações e fundamentos específicos. Em nosso ponto de vista, deve-se ainda, trabalhar os exercícios sincronizados e o "jogo", que ainda deve tomar a maior parte do tempo nos treinamentos. Com o tempo maior de trabalho é dedicado a enfatizar o jogo, o ensino-aprendizagem contempla as regras; estas, portanto, devem ser simplificadas, nas quais a tática "razão de fazer" contribui para a aprendizagem da técnica "modo de fazer" e vice-versa.

Nos conteúdos de ensino, a ênfase deve se dar no desenvolvimento da destreza e habilidades motoras, sem muita preocupação para as performances de vitórias, haja vista que a capacidade de suportar as experiências nos jogos na infância e início da adolescência é facilitada pela compreensão simplificada das regras e pelo valor relativo dos resultados das ações e não simplesmente pelos títulos a serem alcançados.

No processo de formação do jogador de basquetebol, além dos dirigentes, pais e árbitros, o técnico é o responsável pela estruturação do treinamento. Ele deve conhecer os fatores que envolvem a iniciação e a especialização dos jovens praticantes, contribuindo decisivamente na existência de um ambiente formativo-educativo na prática (Mesquita, 1997).

O apoio familiar, as necessidades básicas, as capacidades de motivação, as competições, as possibilidades de novos amigos e as viagens são motivos pelos quais muitos adolescentes e crianças continuam na prática do basquetebol após a fase de iniciação de fundamentos.

Deste modo, a fase de iniciação ao jogo requer uma instrução com base no modelo referente aos gestos culturalmente determinados do basquetebol. Neste sentido, torna-se imprescindível para a prática, uma sistematização dos conteúdos periodizados pedagogicamente, na qual o professor/técnico desempenha papel fundamental no processo de aprendizagem e na busca do aperfeiçoamento.

Nesta fase, a escola é o melhor para a aprendizagem, pois são inúmeros os motivos pelos quais as crianças e os adolescentes procuram a aprendizagem do basquetebol; entre eles destacam-se: encontrar e jogar com outros garotos, diversão, aprender a jogar; e, ainda na escola, o professor terá controle de frequência e da idade dos alunos, facilitando as intervenções pedagógicas. No âmbito informal, como no clube desportivo, isso pode não ocorrer, mas a função do professor/técnico do clube deve propiciar à criança o mesmo tratamento pedagógico que este recebe na escola, para facilitar a aprendizagem e o desenvolvimento dos alunos/atletas.

Outro ponto fundamental passa pela questão do mini basquetebol, categoria reconhecida e praticada mundialmente, que abrange adolescentes de 11 a 12 anos de idade, com regulamento próprio, adaptado das regras do basquetebol oficial organizado pela Federação Internacional de Basquetebol Amador (FIBA), servindo como precursor da criação de novas categorias.

O termo Mini basquetebol será utilizado por apresentar algumas literaturas específicas, porém, neste estudo, o mesmo deve ser entendido como sinônimo da iniciação na modalidade, abrangendo a faixa etária delimitada anteriormente.

De acordo com Daiuto (1971), o minibasquete foi idealizado por Jay Archer, ex-jogador da modalidade e professor de educação física, com o nome de Biddy-Basketball, que ao trabalhar com crianças nas escolas primárias de Scranton, Pennsylvania (EUA), cidade onde nasceu, resolveu em 1950, após algumas experiências, abaixar a altura das tabelas e diminuir as dimensões e o peso da bola, obtendo grande êxito. Estas adaptações foram apresentadas num canal de televisão de Nova York, pelo próprio Jay Archer, com o apoio de Pat Kennedy, árbitro de basquetebol bastante conhecido neste país, ocorrendo uma rápida difusão das práticas.

Além de ser praticado por todo território norte-americano, o mini basquetebol se expandiu por todo o mundo rapidamente, sendo que em 1968 ocorreu o primeiro congresso mundial, seguido da criação do Comitê Internacional de Mini Basquetebol, em 1970.

Segundo a Federação Internacional de Basquetebol Amador (FIBA-1987, p. 33), após a apresentação das regras do Mini basquetebol, esta entidade conclui:

O Mini basquetebol é um jogo criado para permitir às crianças descobrir, de uma maneira agradável, o basquetebol como passatempo. Permite-lhes dar os primeiros passos de forma a desenvolver uma relação duradoura com o basquetebol. É por esta razão que as regras não devem ser aplicadas com muita rigidez, e por isso espera-se que os participantes respeitem as regras como um desejo de perfeição e não com receio de serem castigados. O árbitro deve ser considerado como um amigo, um educador que tem o papel importante de ajudar os jogadores na sua aprendizagem, integrando-se perfeitamente não só no espírito da regra, mas também no próprio Mini basquetebol. É importante encorajar a inclusão de jovens dirigentes, árbitros, treinadores e oficiais de mesa de maneira a que eles também possam beneficiar desta experiência educativa. Embora a competição seja a principal motivação de qualquer modalidade desportiva, o aspecto educativo tem também um papel decisivo. A obtenção de uma sólida aprendizagem num ambiente amistoso é muito mais importante. O Mini basquetebol desenvolve a amizade, o prazer de jogar, o "fair play" e cada participante, qualquer que seja o seu papel, tem o dever de estimular estes ideais e contribuir para o seu desenvolvimento. (FIBA-1987, p.33).

A partir das descrições acima pode ser exposto que a iniciação em basquetebol, como também, de qualquer modalidade esportiva, quando realizada para crianças e adolescentes deve ou deveria ter como prioridade a sua utilização para fins educativos, tentando abranger um

maior número de participantes, estimulando o prazer pela prática, respeitando as virtudes e os limites dos praticantes, de modo que as evoluções, tanto para o jogo desta modalidade, quanto para a convivência em sociedade, possam caminhar em conjunto e de forma adequada.

No Mini basquete a promoção de campeonatos, com o objetivo de classificação dos melhores, é contraindicada; recomenda-se a realização de "festivais", onde prevaleça o interesse pela participação, e não pela vitória ou pela conquista do título de campeão. (Daiuto 1991, p. 09).

Este estudo inclui crianças e adolescentes de ambos os sexos, na faixa etária dos onze aos quatorze anos, que estão iniciando sua adolescência, fase importante na vida de meninos e meninas, já que deixam de ser crianças, saindo da infância, sonhando e querendo ter atitudes de um jovem ou de um adulto, fazendo com que este período seja marcado por conflitos, desafios e insegurança.

Entendemos que, nesse momento do processo, a fase de automatização e aprendizagem de novos conteúdos, como já falamos anteriormente das fases de aprendizagem do basquetebol dos 7 aos 12 anos de idade, agora falaremos da faixa etária aproximada de 13 a 14 anos, as 8ª e 9ª séries do ensino fundamental, passando os atletas pela pubescência. No caso específico do basquetebol, essa fase corresponde, nos campeonatos do ensino não formal – como nos clubes – a categorias sub 13 e 14. Enfatizamos no desenvolvimento dessa fase a automatização e o refinamento dos conteúdos aprendidos anteriormente, nas fases de iniciação anterior, e a aprendizagem de novos conteúdos fundamentais nesse momento de desenvolvimento.

Nessa fase do processo, o jovem procura, por si só, a prática do basquetebol por gosto, prazer, aplicação voluntária e pelo sucesso obtido nas fases anteriores. Neste sentido, os atributos pessoais parecem ser fundamentais para o aperfeiçoamento das capacidades individuais. A idade, o biotipo, além da motivação são características determinantes para a opção por uma ou outra modalidade na busca de automatização e refinamento da aprendizagem dos conteúdos das fases anteriores, buscando a fixação em uma só modalidade.

Neste momento tem como objetivo desenvolver, de forma harmônica, todas as capacidades, preparando os adolescentes para a vida e para posteriores práticas especializadas. Gallahue (1995) pontua que, nessa fase, acontece a passagem do estágio de aplicação para a estabilização, a qual fica para o resto da vida. Nesse contexto, Vieira (1999) afirma que ocorre um ensino por sistema parcialmente fechado (prática). Assim, o plano motor que caracteriza o movimento a ser executado, bem como as demais condições de tarefa, já estão prioritariamente definidos, e almeja-se o aperfeiçoamento. Isso significa que, a partir da aprendizagem de múltiplas modalidades, a prática motora é uma atividade específica. O basquetebol requer dos

indivíduos alguns requisitos relacionados a demanda das tarefas solicitadas por essa modalidade.

O fenômeno é a automatização do movimento, isto é, todas as aquisições que aconteceram de forma consciente e com muito gasto de energia podem, agora, ser executadas no subconsciente, com menor gasto energético, ou seja, de forma automatizada.

Em relação aos conteúdos de ensino do basquetebol, Paes (2001), em sua abordagem escolar, propõe que além das experiências anteriores, sejam aprendidas pelos atletas as situações de jogo, transição e sistema ofensivo como também os exercícios sincronizados, cujo o principal objetivo é proporcionar aos alunos a execução e a automatização de todos os fundamentos aprendidos, isolando algumas situações de jogo.

Antes de qualquer atitude a ser executada, toma-se obrigatório aos profissionais que trabalham com a iniciação, não só no basquetebol, mas em qualquer modalidade esportiva, estudar e procurar compreender esta fase importante na vida dos alunos, que é a adolescência. Com certeza, a relação professor/aluno estaria melhor fundamentada e alguns acontecimentos infelizes que ocorrem nas competições de adolescentes, tais como, ofensas, desrespeito, humilhações, entre outros, poderiam ser evitadas.

Partindo-se do ponto de vista que a adolescência é o processo pelo qual o adolescente vai inserir-se na sociedade adulta, é previsível que esse período seja difícil e conflituoso. Na verdade, durante toda a infância o indivíduo vai passando por um processo de desligamento da família, substituindo suas relações mais primárias com os seus primeiros objetos de afeto por outras gradualmente mais externas, até chegar ao estágio da integração total na sociedade adulta. (Daólio, 1986).

Segundo Daólio (1986), pode-se perceber que os professores estão cientes das mudanças e transformações vividas por seus alunos e devem intervir sempre que possível, tentando capacitar os jovens a resolver seus problemas de forma coerente, na busca da maturidade, sem consequências negativas.

Para Campos (2000), a puberdade é uma fase de mudanças biológicas e psicológicas. Há influência de fatores culturais emocionais e sociais. Segundo o autor, há polêmica em relação à idade em que esta fase começa e termina, o que torna difícil dar uma definição sobre seu limite.

Parece que a duração da adolescência pode ser razoavelmente definida em termos de processos psicológicos, em face das limitações no emprego de outros elementos. Segundo esta estrutura de referência, a adolescência começa com as reações psicológicas do jovem a suas mudanças físicas da puberdade e se prolonga até uma razoável resolução de sua identidade pessoal. Para

alguns, o processo de maturação sexual pode começar na primeira década da vida e, para outros, jamais se conseguirá um firme senso de identidade pessoal. Entretanto, para a maioria das pessoas jovens, estes eventos ocorrerão principalmente entre as idades de 11 e 21 anos, que limitam a fase da adolescência. (Campos, 2000).

Quanto aos aspectos biológicos, a autora descreve que a maturação sexual é um fato característico da adolescência, porém outras mudanças ocorrem, como alteração no crescimento, na aparência física, no funcionamento das glândulas endócrinas, na voz, por exemplo.

Outro ponto importante sobre a adolescência passa pela influência que estes indivíduos sofrem do ambiente familiar, social e cultural no qual convivem. A convivência em grupo, as pressões exercidas por esses agrupamentos, as críticas, na maioria das vezes, negativas, feitas pelos adultos com relação a esta fase, podem influenciar no comportamento e no desenvolvimento da personalidade dos adolescentes.

Quanto ao desenvolvimento mental, vários fatores são característicos da adolescência, entre eles o fim do pensamento mágico da infância, passando a ter contato com o pensamento lógico dos adultos, aumento do leque de conhecimentos, devido às participações em diferentes ambientes socioculturais e o desenvolvimento do espírito crítico.

Por último, quanto ao desenvolvimento emocional, as emoções são as forças que motivam qualquer comportamento dos adolescentes. Deste modo, nenhum outro aspecto é tão importante quanto o aspecto emocional.

Não se pode entender um adolescente, a menos que se entendam suas maneiras de sentir paralelamente ao que pensa e faz. Na realidade, deve-se procurar compreender, não somente as emoções que expressa, mas estar alerta para as emoções que tenta esconder. Os sentimentos a respeito de si mesmo e dos outros, bem como o julgamento que a seu ver os outros fazem dele, dominam toda a vida do adolescente. Daí se poderem compreender as razões de toda a agitação e turbulência desta etapa de vida do indivíduo. (Campos, 2000, p. 51, 52).

Quando se trabalha com adolescentes, principalmente nas atividades esportivas, a todo momento estão expostos a situações positivas e negativas, é importante que o professor mantenha sua racionalidade, ou seja, não deixando que seu emocional influencie nas atitudes dos alunos, pois isto poderá apresentar consequências insatisfatórias.

Essas questões não podem ser desprezadas nas atividades esportivas realizadas com adolescentes, pois elas estão presentes, devendo ocorrer, continuamente, reflexões sobre si mesmo devido à subjetividade que as envolve. Não se pode cobrar mais dos meninos e meninas, nem menos. Cabe aos professores, como também, aos demais participantes deste tipo de

atividades, ou seja, dirigentes de equipes, pais e amigos, compreenderem o momento, não tendo atitudes que extrapolem o ambiente esportivo, que deve ser voltado para fins educativos.

Na relação de ensino e aprendizagem em qualquer disciplina, ou em qualquer modalidade esportiva, principalmente com crianças e adolescentes, existe a necessidade de se respeitar as individualidades, ou seja, os professores devem estar atentos às virtudes e limitações de cada um de seus alunos, antes de realizar um julgamento que, em vários casos, principalmente no esporte de competição, pode ser equivocado e preconceituoso, em termos de iniciação.

Existem teorias de aprendizagem motora, estudadas por especialistas da Educação Física, que devem ser compreendidas e, refletidas pelos professores, no momento em que estes realizam seus planejamentos, mas principalmente, na execução das atividades propostas.

Não é cabível, principalmente com o desenvolvimento das ciências do esporte, que a iniciação esportiva seja pura repetição dos treinamentos realizados com adultos, como também, todos devem entender que os principais participantes são os alunos e que, a finalidade prioritária é auxiliar no processo educativo, através do ensino e aprendizagem das modalidades esportivas, trabalhando questões técnicas e morais.

Esta crítica ganhará mais força, a partir do próximo item, no qual inferimos sobre alguns obstáculos presentes na iniciação relacionadas ao basquetebol do estado de Minas Gerais.

3.3 Jogo, esporte de competição e a iniciação ao basquetebol mineiro

As relações entre dirigentes/professores, pais/professores, pais/filhos, dirigentes/dirigentes e principalmente professores/alunos, quando envolvidos num ambiente competitivo, tendem a expor todos os participantes a situações positivas, mas também negativas.

Lidar com estas situações, sem um prévio conhecimento de como elas podem influenciar tanto na vida esportiva de crianças e adolescentes, como também na convivência em sociedade, tendem a deturpar o processo, não cumprindo integralmente com os objetivos de uma iniciação que deveria ser voltada para fins educativos, isto é, para a educação e formação de futuros cidadãos e a identificação de talentos para as categorias posteriores do basquetebol. Portanto, torna-se necessário um conhecimento maior sobre o jogo e o esporte de competição.

Betti (1991) acredita que a finalidade das atividades determina se o jogo tem características lúdicas ou de trabalho, onde a primeira se manifesta pela não identificação com o real, pela participação voluntária e delimitação arbitrária de espaço e tempo, enquanto que a segunda se destaca pela seriedade, obrigatoriedade, reprodução da vida real e o prazer acontecem com o sucesso em relação aos resultados. A interação social (competição a cooperação), resolução de conflitos (externo a interno), regras rígidas e flexíveis, profissionalização de atitudes (vitória a honestidade) completam as variáveis sociopsicológicas que compõem um conjunto de polaridades.

O esportista procura na competição o prazer de sentir-se física e moralmente forte, de ultrapassar-se, de superar os obstáculos e vencer o adversário. Mas em consequência de recompensas externas, da quantidade de esforço dispendido, do gosto crescente pela vitória, pode-se facilmente pender para a busca da vitória a qualquer preço, para a violência, o doping ou a fraude. Por outro lado, esta mesma paixão pode ser canalizada para o espírito de progresso, superação, ascese, lealdade, e generosidade, assim como introduzir o espírito de equipe e o respeito para com o adversário. (Betti 1991, p.54).

No descrito acima, pode-se notar que o jogo é algo cultural, presente na vida das pessoas, contendo aspectos ambíguos, podendo haver situações prazerosas ou frustrantes. Conforme o valor e a finalidade, o jogo pode se tornar um elemento de união ou desunião entre os envolvidos. Esta ambiguidade acontece devido ao caráter cooperativo dentro do grupo, mas competitivo entre os grupos, que estarão sempre presentes no jogo, o qual se caracteriza pela incerteza do resultado, de quem será o vencedor. Segundo Orlick (1978, p. 92-93):

A única justificativa para a existência do esporte é enriquecer a nossa vida. Quanto mais ela puder ser enriquecida pelo envolvimento nos esportes, mais valiosa ela se torna. Entretanto, tomou-se óbvio que os esportes não são necessariamente bons para o povo, como um dia já se supôs, e nem devo acrescentar, necessariamente maus. Em vez disso, eles podem ser benéficos ou maléficos, dependendo das experiências que proporcionam. Nos esportes, para todo um resultado positivo, psicológico ou social, há um possível resultado negativo. Por exemplo, eles podem promover a integração em um grupo ou a exclusão do mesmo, aceitação ou rejeição, realimentação positiva ou negativa, sensação de realização ou de fracasso e evidência de autoestima ou de inutilidade. Eles podem desenvolver a cooperação e o interesse pelos outros, mas podem também criar intensa rivalidade e a completa falta de interesse pelos outros. As atividades podem ser estruturadas para reduzir a tensão, como também levar a níveis doentios de angústia, especialmente quando há uma ênfase exagerada na vitória. Na sua essência, o ambiente esportivo tem tanto a capacidade de elevar quanto de destruir. (Orlick, 1978, p. 92, 93).

Esta visão proporciona uma reflexão da importância que o jogo e o esporte de competição têm na vida das pessoas e como ele deve ser compreendido, além de mostrar como

a atuação profissional deve ser precedida de responsabilidade e competência no tratamento deste assunto.

A questão do vencer ou perder parece ser o fator que impulsiona as pessoas a participarem ativamente das atividades esportivas. Porém, conforme o valor atribuído à vitória ou à derrota, estas atividades ficam expostas a análises positivas ou negativas. Esta contradição parece ser pouco compreendida para a maioria dos participantes das disputas, causando esta polêmica. Sobre a competição, Tani (1988) expõe:

Quando uma pessoa ou grupo tem como objetivo um melhor resultado em relação a outra pessoa ou grupo, é gerada a oposição. Esta poderá resultar em competição ou conflito. A competição está sempre orientada para um objetivo, havendo neste sentido, uma interação positiva dentro das partes, mas negativa entre as partes. (Tani, 1988).

Deste modo, toma-se necessário saber lidar com a competição, pois ela sempre vai gerar uma certa tensão entre os participantes. A influência nas questões emocionais deve ser controlada por todos os participantes, jogadores, comissão técnica, dirigentes, pais, amigos e torcedores de modo geral, para que os limites do respeito às regras do jogo, respeito ao outro participante ou à outra equipe, aos árbitros, não sejam extrapolados.

As modalidades esportivas têm características predominantemente competitivas, devido à sua estruturação em forma de campeonatos e torneios, onde se busca sempre descobrir os melhores, que serão de alguma forma premiados e reconhecidos.

No mundo atual, a competição desportiva exprime-se essencialmente sob forma seletiva, através de campeonatos, torneios, taças, jogos nacionais, regionais ou Jogos Olímpicos. São encontros sistematicamente organizados pelas federações desportivas, de acordo com regras nitidamente definidas, com a principal finalidade de determinar, com a maior certeza possível, o melhor nesta ou naquela especialidade. (Seurin, 1984)

Este tipo de competição é característica do esporte profissional, em que os participantes são assalariados, encarando-o como na profissão, dedicando várias horas do seu dia aos treinamentos, jogos, preparação física e psicológica, buscando sempre os melhores resultados.

Porém, quando os participantes são crianças e adolescentes ocorre ou deveria ocorrer outro tipo de competição, segundo Seurin (1984):

[...] existe também a competição concebida essencialmente com finalidade de educação e de recreação, principalmente ao nível da escola e, por vezes mesmo, do clube desportivo. Exprime-se em provas cujas regras são adaptadas ou mesmo criadas pelos educadores ou pelos próprios praticantes, de modo a atingirem objetivos fixados. Geralmente essas formas de competição estão libertas das preocupações de seleção, dos regulamentos estritos sobre idade, duração, etc., dos imperativos financeiros e da influência dos espectadores. É,

sem dúvida, nestas formas que o espírito desportivo se pode exprimir de uma forma mais pura e mais completa. (Seurin, 1984).

A iniciação em basquetebol se enquadraria neste tipo de competição para fins educacionais, em que os adolescentes são os principais participantes, sendo que os demais indivíduos, comissão técnica, dirigentes pais e amigos, deveriam compreendê-la, contribuindo para que os objetivos sejam alcançados.

Paes (2001) aponta alguns fatores positivos e alguns negativos da competição desportiva para crianças e adolescentes. Entre os fatores positivos, o autor destaca que: a) o adolescente, buscando ter atitudes de adulto, encontra na competição desportiva um importante meio de autoafirmação; b) através da performance esportiva, o adolescente pode se mostrar tão ou mais forte que o adulto; c) o adolescente e as crianças se entregam total e livremente à competição esportiva, podendo se provar e se superar; d) a convivência em grupos da mesma idade, completa e às vezes substitui o ambiente familiar, algo importante na vida da criança e do adolescente, trazendo satisfação e uma certa independência para o mesmo; e) a agressividade do adolescente e da criança tende a se transformar em combatividade, que é a vontade de vencer sem prejudicar o adversário, devido às regras serem bem definidas; f) com o êxito desportivo, o adolescente encontra um ambiente onde ele é amado, tem segurança e é valorizado, conquistando status entre os adultos.

Mas o esporte de competição para adolescentes também apresenta alguns fatores negativos. Nesta perspectiva, segundo Greco (2000), destaca-se que a) a competição desportiva é seletiva e excludente, pois serve somente a uma minoria; b) a atividade desportiva se apresenta como um trabalho, devido às muitas horas de treinamentos; c) o adolescente possui outras formas de ocupação de seu tempo livre que são mais cativantes e exigem menos esforço; d) a hierarquia desportiva e o alto nível de "performances" desencorajam um grande número de jovens; e) no mundo moderno, principalmente nos países desenvolvidos ou em desenvolvimento, o adolescente tem bastante facilidade, tendo poucas atividades que exigem esforço. Como tudo é fácil, tendem a fugir de algo que lhe exige dedicação, que é o caso do esforço desportivo.

Por último, Seurin (1984) aponta quatro princípios importantes para que a competição desportiva possa ser utilizada para fins educativos: a) pôr a competição desportiva ao alcance de maior número possível de crianças e adolescentes; b) fazer atuar de preferência a emulação não seletiva e o espírito de cooperação; c) incrementar a auto-gestão do desporto para crianças e adolescentes; e d) dar a maior importância aos valores morais.

O esporte de competição realizado para crianças e adolescentes como uma réplica do esporte profissional, sem as devidas adaptações, pode contribuir para que os fatores negativos, explicitados por Seurin (1984), possam se apresentar de modo mais constante que os fatores positivos. Deste modo, os objetivos da iniciação esportiva podem não estar sendo cumpridos integralmente.

A questão da participação é fundamental, por dois aspectos: tem ligação direta com as perspectivas educacionais apresentadas nas atividades esportivas para crianças e adolescente.

Já foi exposto que não é possível afirmar que da "quantidade" tira-se a "qualidade", mas existe uma tendência que esta relação seja verdadeira, beneficiando assim, o futuro das modalidades esportivas, ou seja, até mesmo, o esporte profissional.

Outro ponto importante, é saber se a questão da participação caminha na mesma direção do esporte de competição, que nos moldes atuais, premia só os melhores, naquele momento, podendo propiciar, seletividade, exclusão, análises equivocadas e preconceituosas na determinação dos talentos, saturação por parte dos adolescentes, devido a repetir praticamente os mesmos treinamentos diariamente, por períodos prolongados, além de terem inúmeras cobranças na obtenção de um resultado ilusório, pois não se pode garantir que os "campeões" da iniciação, serão os campeões futuramente no esporte profissional.

Portanto, existe a necessidade de compreensão por parte de todos os participantes da iniciação esportiva, no caso deste estudo, da iniciação em basquetebol que esporte profissional tem seus objetivos, onde os caminhos a serem percorridos para a obtenção dos resultados e da valorização nesta profissão são bem definidos. Porém, o esporte para fins educativos tem objetivos diferentes do esporte profissional, devendo aos organizadores, dirigentes, comissão técnica, pais e amigos compreenderem estas diferenças.

Outro autor que analisa o esporte de competição para crianças e adolescentes, voltado para fins educativos, porém com algumas ressalvas é Montagner (1993), expondo que o jovem participante de um grupo de treinamento não deve ser ensinado somente a repetir gestos, mas também entender os motivos da sua utilização, como também entender o significado da vida em grupo, das responsabilidades neste ambiente, ter consciência das causas políticas e sociais envolvidas no processo competitivo. Isso tudo leva um longo período para ser ensinado, podendo ocorrer durante o final da infância e por toda a adolescência. Se esses elementos não forem respeitados, os efeitos da prática competitiva na iniciação esportiva podem ser contrários.

Somente se acredita na educação, através da prática esportiva de competição, à medida em que se prepara a criança e o jovem para serem capazes de enfrentar os desafios em um universo sociocultural em constante mutação.

Não se deve doutrinar, mas sim instigar a liberdade de ação, de pensamento, de contestação, baseada em valores de responsabilidade e respeito ao seu semelhante. (Montagner, 1993).

É necessário que a relação professor/aluno seja algo motivador, criativo, com respeito entre ambos, em que sinceridade e honestidade estejam sempre presentes, sendo que o professor deve principalmente respeitar as virtudes e limitações de cada um de seus alunos, não somente relacionado às questões técnicas, mas também às questões morais.

Montagner (1993) complementa:

Para nós, o esporte de competição não se consolida como um problema. Ele é um agente repleto de possibilidades, um sujeito coletivo viável para emergir conhecimentos, instruir crianças, jovens e adultos, mostrando que não existem barreiras para a reprodução e desenvolvimento da educação. É inevitável, na visão de um educador, sonhar com sociedades e pessoas mais livres e felizes, não alienadas e mais comprometidas. Para isto, não se deve enclausurar a educação em limites de tempo e espaço. (Montagner, 1993, p.48).

Qualquer jogo, devido à sua própria natureza, tem a competição como uma de suas características e isso é inegável, ou seja, o resultado final da partida ou da disputa existe, e alguém sairá vencedor. Porém, na iniciação esportiva voltada para fins educativos, trabalhando com competência, outros fatores tão ou mais importantes que um simples resultado positivo pode fazer com que todos se tornem vencedores.

A necessidade de apresentar alguns autores que têm pesquisas sobre o jogo, competição e esporte de competição teve como finalidade dar respaldo teórico para que o autor deste estudo possa ter argumentos para questionar alguns problemas existentes na iniciação em basquetebol no estado de Minas Gerais, que parecem não estar contribuindo para o cumprimento de seus objetivos educacionais, a formação de futuros e a identificação de talentos para as categorias posteriores.

Steigerwald (2000), se autoquestiona sobre o papel do esporte para crianças e adolescentes, respondendo que:

A cada dia que passa tenho a impressão que o esporte se tomou puramente um negócio, onde os atletas (ou serão os pais) estão preocupados com a bolsa de estudos que recebem, com a ajuda de custo, com o salário, remuneração ou o nome que quiserem dar. A cada dia que passa tenho a impressão que o esporte se tomou puramente um negócio, onde os atletas (ou serão os pais) estão preocupados com a bolsa de estudos que recebem, com a ajuda de custo, com o salário, remuneração ou o nome que quiserem dar. (Steigerwald, 2000, p.67).

Na iniciação, os adolescentes estão em fase de conhecimento do jogo, em muitos casos, tentando ainda descobrir quais as atividades esportivas que mais lhes interessam. Porém,

impulsionados pelas participações em campeonatos, o processo começa de forma equivocada, pois iniciam-se as primeiras cobranças, funções específicas para cada elemento, ensaios de jogadas de ataque, ensino de vários tipos de defesas, não sendo levado em consideração que muitos ainda não sabem nem driblar conforme exige o jogo, apresentando vários erros comuns para a idade em questão, conforme Guerra (2001).

Ferreira & De Rose Júnior (1987) consideram como integrante do aspecto técnico do jogo de basquetebol os fundamentos, as situações decorrentes desses fundamentos e os exercícios elaborados para aprendizagem e o treinamento.

Estes autores apontam e discutem com propriedade todos os fundamentos (controle de corpo, controle de bola, drible, passes, arremessos, postura defensiva e rebote), demonstrando os erros comuns de cada um, como também apresentam exercícios sincronizados unindo dois ou mais fundamentos, situações de jogo e jogos pré-desportivos que trabalham todos os elementos citados.

O ensino e aprendizagem das questões relacionadas aos aspectos técnicos são duradouros, podendo se estender durante meses e anos, até atingir um estágio em que os movimentos passem a ser realizados de forma automatizada, por parte dos participantes, abrindo espaço para novos ensinamentos do basquetebol.

Além disso, na iniciação, quanto mais diferenciadas e criativas forem as propostas de ensino dos fundamentos, maiores recursos os alunos terão para superar as dificuldades do jogo, que tem por característica principal ser dinâmico e repleto de alternativas, aumentando ainda a motivação para o aprendizado de atividades novas, como aponta Greco (1998).

Essa discussão faz-se necessária, pois devido às exigências do processo, é facilmente identificado nos jogos dessas categorias o desrespeito com esta fase de fundamental importância para os futuros jogadores, sendo priorizado outros elementos.

A FMB se viu obrigada a criar um regulamento com a intenção de intervir nos trabalhos realizados pelos professores da iniciação no basquetebol mineiro. Estes, na busca incessante pela vitória e pela colocação de seus treinandos entre os melhores, acreditando no fato ilusório de que, com bons resultados, existe uma garantia de continuação na carreira, e, também, devido à pressão exercida por pais e dirigentes, acabam priorizando em suas aulas os aspectos táticos.

É preciso compreender que, para a realização de uma jogada de ataque, por exemplo, toma-se necessário a execução de bons passes. Sem esse fundamento, a jogada não se concretiza. Ora, num procedimento pedagógico de ensino e aprendizagem do basquetebol, os fundamentos devem ser priorizados.

Obviamente, vencer é importante, valoriza o trabalho e principalmente tende a ter um maior reconhecimento dos esforços realizados pelos jogadores e comissão técnica. Porém, o resultado deveria fazer parte do processo, sendo algo comum na competição lidar com vitórias e derrotas.

Há uma necessidade de conscientização dos participantes do processo que o resultado é ilusório, importante no momento da conquista, mas com o passar do tempo poucos serão os indivíduos que dele se lembrarão. Em contrapartida, valores morais e formativos, convivência em grupo, fatos marcantes da rotina das aulas e jogos, viagens, respeito e amizades criadas no ambiente esportivo, dentre outros, tendem a não ser mais esquecidos, de modo que viver o contexto como um todo é mais importante do que o resultado final de um jogo ou de um campeonato.

Segundo Ferreira & De Rose Júnior (1987), com relação aos aspectos táticos, existem os sistemas de defesa (Individual, por Zona, sob Pressão, Mista e Combinada), os sistemas de ataque (de acordo com o número de pivôs, com o posicionamento dos atacantes e com a defesa do adversário) e o contra-ataque.

Partindo do pressuposto de que os adolescentes e as crianças naturalmente são bastante ativos quando estão realizando uma atividade prazerosa, entende-se que os aspectos táticos acabam não contemplando esse dinamismo, pois possuem vários detalhes e, dentre eles, o estabelecimento de funções, além de coibir, em muitos momentos, a realização do jogo de um modo natural, conforme a compreensão dos alunos. Os alunos vão para as aulas de basquetebol para se divertir, jogar, encontrar com os amigos, mas a reprodução dos treinamentos realizados com os adultos, por muitas vezes, impede que estas situações sejam estabelecidas.

Todo e qualquer jogo exige de seus praticantes determinadas estratégias e, somente deste modo torna-se possível a sua prática. Porém, na iniciação do basquetebol, como já foi exposto anteriormente, o ensino e a aprendizagem dos fundamentos deveriam ter prioridade sobre os aspectos táticos.

Uma discussão existente principalmente entre os professores das categorias em questão, referente aos aspectos tático-defensivos, gira em torno de qual defesa que deveria ser ensinada primeiro, a Individual ou a por Zona, isso porque as duas possuem suas vantagens e desvantagens.

O ensino da defesa Individual parece ser melhor compreendido pelos alunos quanto aos seus pontos básicos, ou seja, cada defensor é responsável pela marcação de um atacante, devendo também realizar alguns deslocamentos, propiciando a diminuição dos espaços,

despertando o interesse de todos para os aspectos coletivos da defesa. Isto tende a ser mais fácil, dinâmico, propiciando a otimização do tempo em relação trabalho gasto com os fundamentos.

Brandão & Figueira Júnior (1996, p. 62) analisando a performance esportiva, expõem que os técnicos têm a tendência de planejar seus treinamentos considerando somente os aspectos biológicos e fisiológicos, não dando importância aos aspectos psicológicos e sociais. Estes só são lembrados quando acontece algum tipo de interferência, como a derrota de um favorito, fato inexplicável pelas duas primeiras variáveis:

Nesta perspectiva, descuidos com o acompanhamento da evolução da performance esportiva ao nível de treinamento têm levado atletas a um aumento na incidência de lesões pelo efeito do super treinamento, comprometendo tanto as respostas fisiológicas como psicológicas. Modificação da resposta da frequência cardíaca e pressão arterial basal, menor velocidade de recuperação após esforço, dores musculares e articulares, ingestão hídrica noturna, sono inconstante, diminuição da produção de força muscular, mudança do estado de irritabilidade, estresse, baixa concentração, entre outros efeitos degenerativos a performance. Nesse sentido, a análise da performance esportiva como um fenômeno multidimensional orienta para um programa de treinamento, onde a perspectiva de sucesso parece ser maior. (Brandão & Figueira Júnior, 1996, p. 62).

Tornou-se comum, nos esportes competitivos, encontrar até mesmo adolescentes com contusões por estresse e lesões crônicas. No basquetebol, os problemas principalmente nos membros inferiores são frequentes, devido à musculatura e as articulações não estarem preparadas para esforços intensos realizados em treinamentos.

Com relação aos aspectos psicológicos, a competição exacerbada, feita nos moldes atuais, tende a expor os alunos a situações negativas em maior grau do que a situações positivas. A sobrecarga de treinamentos parece causar vários problemas na vida pessoal dos adolescentes, pois estes passam por um momento, apontado anteriormente, em que suas descobertas internas e externas estão acontecendo rapidamente e a insegurança é algo permanente durante esta fase.

Os compromissos diários com os estudos, juntamente com a realização de outras atividades rotineiras nesta fase, não esportivas, tais como passear, namorar, convivência em família, entre outros, são questões importantes para a educação e formação dos futuros cidadãos.

Evidentemente, essa análise abre a possibilidade de questionar os treinamentos diários, já que podem estar ocupando uma boa parte do tempo dos alunos. Tal situação pode levá-los logo no início de suas carreiras esportivas a optarem por uma vida compromissada ou por outros caminhos, assim como Seurin (1984) expôs em relação aos fatores negativos do esporte de competição para adolescentes, demonstrado anteriormente.

Outros fatores que influenciam o lado psicológico dos participantes da iniciação esportiva são as cobranças exageradas e algumas atitudes dos professores, pais e dirigentes.

O mais desalentador é o comportamento dos pais de atletas, que deveriam ser os primeiros educadores. Deles, dos quais deveria partir o exemplo de educação aos filhos, ouvimos os maiores insultos em baixo calão, presenciamos cenas de grande desequilíbrio emocional e, é deles que quase sempre parte o incentivo à violência verbal e física produzida pelos atletas dentro de quadra. O desrespeito não é sentido apenas pelos árbitros e mesários, mas, principalmente pelos adversários e até, algumas vezes pelos próprios companheiros de equipe e por seu próprio técnico. Quando eu era criança e adolescente via uma criança dizer um palavrão, sempre presenciava uma imediata repreensão, os adultos mediam suas palavras na presença de crianças. Hoje os adultos presentes nos ginásios não só ofendem aqueles que acham estar prejudicando seu filho, como também ameaçam com agressões físicas, absurdo dos absurdos, crianças da idade de seu próprio filho. O mesmo pai que não admite ouvir seu filho ser xingado, revida as agressões verbais, exalta-se e chega mesmo a violência física. (Steigerwald, 2000.p.57).

Estes acontecimentos citados e as cobranças exageradas talvez sejam os principais fatores de desmotivação das crianças e adolescentes, até mesmo dos indivíduos reconhecidos como talentosos, levando-os, em várias situações, a desistirem da prática esportiva.

As pessoas que deveriam estar preocupadas com a formação dos alunos e filhos, geralmente são as primeiras a estimularem a rivalidade, a violência, o desprezo para com os companheiros da outra equipe. Colocam os jogadores em situações de conflito, algo incompreensível quando se pensa num esporte para fins educativos.

Brandão & Figueira Júnior (1996) procuram analisar a performance esportiva, enfatizando os subdomínios biológico (análise das variáveis antropométricas, metabólicas e neuromusculares relacionados a aptidão física), biomecânico (aumento da eficiência mecânica com diminuição do gasto energético), psicológico (autoconfiança, pressão, erro, determinação, força de vontade, atitude e disciplina, motivação, estabilidade, coragem, concentração e antecipação) e psicossocial (composição do grupo, ambiente do grupo, tamanho do grupo, estrutura do grupo e processos relacionados a interação e a dinâmica do grupo).

Sendo assim chegaram à conclusão de que é da combinação dos subdomínios, quando a deficiência de um dos aspectos pode ser compensada pelos outros, que se chega à criação de um modelo multidimensional da performance esportiva com maior coerência. Porém, pela complexidade e dinamismo destes aspectos, pode-se afirmar que ela é imprevisível.

Segundo Brandão & Figueira Júnior (1996):

Os técnicos esportivos, dirigentes, médicos e psicólogos do esporte, devem estar cientes de todos estes fatos. A simples análise do resultado numérico de uma partida toma a visão simplista e muitas vezes ilude os atletas, dirigentes,

imprensa e torcedores em geral. Não podemos nunca, se quisermos ter uma visão ampla e real da performance esportiva, deixar de analisar todos os aspectos que fazem parte deste dinâmico processo e isto vale para qualquer nível da pirâmide esportiva. (Brandão & Figueira Júnior, 1996, p.85).

Refletindo sobre essa análise, dado que a performance esportiva é imprevisível, pois dependente de vários fatores e atinge todos os níveis, verifica-se que as cobranças exageradas e a sobrecarga de treinamentos na iniciação tendem a deturpar o processo, contribuindo pouco na educação e na formação de futuros cidadãos, como também na identificação de talentos para as categorias posteriores do basquetebol.

Outro problema específico desta modalidade, ocorrido em vários jogos dos campeonatos oficiais das categorias em questão, é quando ocorre uma grande diferença no número de pontos marcados por uma equipe, com o jogo terminando com pontuação bastante superior aos da outra equipe. Deste modo, os vencedores acabam dando uma impressão de que são realmente superiores, expondo os derrotados a situações frustrantes, podendo até proporcionar consequências negativas para os envolvidos.

Os vencedores parecem não se preocupar com os derrotados, esquecendo-se de que a equipe perdedora também é formada por adolescentes que também buscam a realização de seus sonhos. Porém, no atual estágio, ainda não possuem determinadas condições técnicas ou estruturais para obtenção de tal êxito, não impedindo que isto possa acontecer futuramente, proporcionando, obviamente, um número maior de equipes, jogadores e oportunidades de trabalho.

Esta situação é incoerente, ainda mais quando o vencedor já está definido devido à larga diferença de pontos e ainda insistem em aumentá-la, com atitudes desnecessárias em tal situação, tais como utilizar a defesa sob pressão e a manutenção dos jogadores considerados titulares.

Esses acontecimentos tendem a destruir um trabalho inicial ou com condições financeiras inferiores em relação às dos outros, consequentemente diminuindo as oportunidades de mais crianças e adolescentes poderem se beneficiar da iniciação em basquetebol, voltada para fins educativos. Até mesmo os jogadores considerados reservas da equipe vencedora são prejudicados, pois participam somente alguns minutos do jogo, diminuindo as possibilidades de aprimorarem seus conhecimentos.

A especialização precoce é outro problema existente na iniciação, não só do basquetebol, como de outras modalidades esportivas.

Para Paes:

Os treinamentos com crianças e jovens não devem ser confundidos com treinamento de alta competição e, sim, como um caminho que poderá conduzi-los a ela, evidentemente respeitando todas as fases do desenvolvimento, crescimento e da formação do educando. (Paes, 1992, p.96).

Paes (1992), discute vários problemas do mini basquetebol e da iniciação esportiva de modo geral que podem levar à especialização precoce, tais como a falta de estrutura das escolas para adaptarem o jogo à faixa etária em questão, a (des) motivação através da vitória e da derrota, a influência da família e dos professores de Educação Física na escolha do esporte a ser praticado pela criança, como também as cobranças técnicas e táticas feitas pelo técnico, diminuindo as chances de criatividade por parte dos participantes.

Um caso típico do basquetebol está relacionado aos indivíduos mais altos do grupo serem colocados na posição de pivôs com funções táticas específicas.

Ainda para Paes:

Um exemplo do problema apontado pode ser observado com crianças que venham a ter o estirão de crescimento precoce. Uma criança com 12 anos, 1.90 m de altura, é induzida pelo seu professor a exercer a função específica, ou seja, um pivô; fazendo com que ela treine, especificamente, essa função, passa a ensinar-lhe somente os elementos fundamentais específicos. Sem dúvida, uma criança com essas características, condicionada a exercer apenas uma função, obterá resultados imediatos visíveis, conseqüentemente sua equipe poderá alcançar várias vitórias a nível de competição. Com o passar dos anos, ela irá subindo de categoria, e quando chegar ao juvenil com 18 anos, possuindo 1.92 metros de altura, terá uma série de dificuldades, quase que insuperáveis para exercer a função que lhe foi ensinada no primeiro período de aprendizagem, pois na atual categoria, ela dependerá de outros elementos fundamentais que não lhes foram oferecidos no devido estágio. Esta criança poderia ter melhores oportunidades, se trabalhada dentro de sequências pedagógicas, com fundamentos gerais e maior vocabulário motor. Sem isso ela poderá ser privada da prática esportiva na adolescência, quando esta prática será por demais importante na sua formação, e aí sim na sua preparação para o jogo competição. (Paes, 1992, p. 62).

Ora, se indivíduos talentosos deixaram a prática de uma modalidade esportiva, a qual obviamente a iniciaram por se identificarem com ela, por estarem cansados, saturados logo na iniciação, esta deve ser reavaliada.

Borrowisky, afirma que:

Há muito tempo comentamos a necessidade de um sério trabalho de base no basquetebol brasileiro, mas vemos que o que tem sido feito ainda é muito pouco, apesar do esforço de alguns dirigentes. E o que acontece é exatamente isso: muitos que estão vindo, salvo exceções, não têm as condições técnicas de alguns anos atrás, o que dificulta a escalação das seleções u15, u16, u17, u18, tanto no masculino quanto no feminino. Estamos perdendo para a Argentina, que realiza um trabalho nas escolas e na periferia, com responsabilidade e seriedade, tanto que já nos dá mostra de seu trabalho.

Estamos, a cada ano que passa, perdendo campeonatos sul-americanos para os "gringos". Será que não estaria na hora das Federações, e Clubes com o apoio da Confederação, chamar os técnicos das categorias u12 até o u18 para juntos, estudarem uma forma de se realizar um trabalho efetivo de formação e desenvolvimento de atletas para o fortalecimento dessas categorias? Material humano o Brasil possui, em número bem maior que a Argentina. Sabemos que muitos dirigentes não gostam do basquetebol feminino, mas se esquecem que, nos últimos anos, os melhores resultados conquistados mundialmente foram do basquete feminino. (Borrowisky, 2000, p.68).

Para o autor deste estudo, a questão da participação é fundamental para a melhoria do basquetebol e da sociedade brasileira de modo geral, já que o esporte, enquanto um fenômeno sociocultural, pode auxiliar na educação e na formação de futuros cidadãos, desde que haja respeito para com as questões pedagógicas envolvidas no contexto da iniciação esportiva, as quais serão abordadas no próximo item.

3.4 Atuação da FMB na iniciação ao basquetebol em Minas Gerais

A Federação Mineira de Basketball é a entidade que organiza há muitos anos o basquetebol relacionado ao trabalho realizado nos clubes sócioesportivos e em escolas particulares do estado de Minas Gerais. Há as ligas e associações que reúnem clubes, escolas particulares e prefeituras. A Federação de esportes estudantis de Minas Gerais (FEEMG) desde 2005 vem trabalhando com escolas particulares e públicas.

Historicamente, a FMB é a entidade mais importante do basquetebol mineiro. "Ser federado" é uma expressão utilizada no basquetebol mineiro, significando que o atleta tem registro na Federação Mineira de Basketball, podendo participar dos campeonatos organizados por esta entidade, o que é um dos objetivos que crianças, adolescentes e os profissionais que lidam diariamente com esta modalidade têm, considerando a abrangência que suas competições possuem em termos estaduais e nacionais, inclusive sendo um dos principais caminhos para se almejar participações em seleções nos dois níveis.

Nestes campeonatos, um fato pertinente é a maior participação de meninos em relação às meninas, fazendo com que a FMB, há vários anos, dividia os campeonatos masculinos em dois grandes centros, o que não acontece no feminino. Estes centros são a Grande Belo Horizonte, incluindo a capital mineira e as cidades do entorno, Betim, Contagem e Nova Lima, cujos campeonatos são chamados de metropolitano.

Há as competições no interior do estado, tendo como principais regiões a do Triângulo Mineiro e a do sul de Minas.

Essa divisão, sempre foi alvo de várias críticas por parte dos clubes do Interior, visto que seus gastos sempre foram maiores em relação às equipes da Grande BH. Gastos com as taxas de filiação, mensalidades, inspeção de quadra, inscrição por equipes, confecção dos documentos de identificação, arbitragem, transporte e alimentação de todos os integrantes da equipe, aliada à alta competitividade existente nos campeonatos e algumas situações negativas advindas desta forma de disputa, têm sido motivo de vários pedidos de afastamento dos clubes do Interior do estado, em relação à Federação Mineira de Basketball.

Os Campeonatos Metropolitanos sempre foram jogados por um número bem maior de equipes em relação aos Campeonatos do Interior do Estado nas categorias em questão. De 2005 a 2020, no Metropolitano, sempre houve aproximadamente dez equipes por categoria, mas no Interior, o u12 não vinha participando mais do que 05(cinco) equipes e no u13 e u14 não mais do que 08(oito) equipes.

A disputa na categoria u11, neste período citado, foi realizada somente nos Campeonatos Metropolitanos, enquanto que no Interior esta categoria deixou de ser realizada, sendo estimulada a realização de festivais em cidades diferentes.

Pode-se facilmente notar que na Grande BH, região altamente populosa, com alguns dos clubes possuindo mais de dez mil associados, alguns deles ligados à Confederação Brasileira de Clubes (CBC), não é necessário muito esforço para a formação de duas ou mais categorias.

No Interior é difícil encontrar clubes com o número de associados e com a estrutura existentes nas entidades da Grande BH, fato que, aliado aos custos já citados, faz com que se tome cada vez mais distante o sonho de ser filiado à FMB.

É preciso frisar que essa divisão só ocorre no masculino, já que no feminino, por haver poucas equipes filiadas à FMB., organiza-se somente um Campeonato chamado de Estadual. Aliás, o basquetebol feminino tem sido alvo de bastante preocupação por parte dos organizadores desta modalidade, devido ao reduzido número de participantes.

Com isso, uma nova realidade tornou-se possível com a criação de ligas e associações regionais em todo o Interior do estado, independentes da FMB, proporcionando algumas vantagens, como o aumento considerável de crianças e adolescentes jogando basquetebol no Interior do estado e também a realização de trabalhos em escolas e prefeituras que pouco tiveram acesso à FMB, devido aos custos e à necessidade de se ter uma entidade representativa na cidade, o que ocorreu sem maiores problemas nas ligas.

Ainda podemos apontar que com a regionalização, as distâncias entre as cidades diminuíram, proporcionando menos gastos com transporte e alimentação, dando possibilidade

para que as equipes participem demais categorias, além dos gastos com filiação, taxas de mensalidade e arbitragem serem menores, quando comparados com os da FMB. Observamos ainda que as ligas atuam com uma abertura maior na questão de resolução de problemas pequenos, como mudança de datas dos jogos, atraso nos pagamentos, entre outros, facilitando a organização das entidades.

A FMB, que até 2010 chamava as ligas de organizações clandestinas, atendendo ao fato de terem poucas equipes participantes, viu-se obrigada a propor uma parceria com essas entidades, tanto que em 2011 quando os campeonatos nas categorias U11, 12, 13 e 14 masculinos foram divididos em regiões, estruturados pelas ligas, apontando as melhores equipes, para a disputa das finais do interior, este evento esse promovido pela FMB, concedendo a oportunidade dos dois melhores colocados participarem das finais estaduais, juntamente com os dois melhores de cada categoria, na Grande Belo Horizonte.

Analisando esta parceria, para a FMB foi importante, pois saiu ganhando em vários aspectos, pois aumentou, até certo ponto, o número de participantes no basquetebol do Interior, nas categorias em questão; também voltou a ter poder no Interior de Minas Gerais em termos de basquetebol, pois todas as reuniões entre os dirigentes das ligas são geralmente realizadas na sede da FMB., intermediadas pelos dirigentes desta entidade, com algumas regras adaptadas por esta entidade, relacionadas às categorias em questão, foram implantadas nos campeonatos das ligas, assim como o retorno da categoria u11 masculino; ainda a FMB se absteve de um problema quanto à organização dos campeonatos do interior do estado de Minas Gerais, nas categorias em questão, pois era preciso criar fórmulas de disputa para ocupar as poucas equipes que participavam durante o ano todo. Atualmente, as ligas organizam a fase regional e a FMB começa a atuar no interior somente quando se iniciam os cruzamentos entre os melhores no campeonato estadual; por fim, ainda se observa que financeiramente a FMB não saiu prejudicada, pois as equipes filiadas a esta entidade no Interior geralmente possuem também as categorias posteriores, mantendo-se a filiação.

Essa parceria para as ligas e associações regionais, pela visão do autor deste estudo, beneficiou alguns e prejudicou a outros, já que os clubes que não vinham conseguindo se manter nos campeonatos organizados pela FMB, devido aos problemas já expostos, foram beneficiados, pois voltaram a ter chances de participarem das finais do Interior e do Estadual, nas categorias em questão, como também de terem dirigentes, técnicos e jogadores participando das seleções mineiras; também os dirigentes das ligas e associações foram beneficiados, pois tiveram seus esforços pela continuidade do basquetebol no Interior, reconhecidos e valorizados pela entidade maior, a FMB.

Porém, as ligas quando criadas tinham o interesse de movimentar as suas respectivas regiões, trabalhando com as escolas, com clubes menos favorecidos economicamente e com as prefeituras. Ora, há alguns anos atrás estas entidades eram maioria, mas atualmente os clubes que antigamente participavam da FMB vencem a maioria dos campeonatos regionais e a intensa competitividade que existia até então somente nos campeonatos da entidade maior tem se transferido para esses campeonatos. Deste modo, a participação de um maior número de adolescentes, como também de profissionais que trabalham com a iniciação em basquetebol, tende novamente a se estagnar, deixando de haver uma democratização desta modalidade, o que é imprescindível no momento atual, tanto para fins educacionais, quanto para a identificação de novos talentos para as categorias posteriores.

Em 2011, as ligas que participaram da parceria com a FMB foram a Liga Regional de Basketball do Triângulo, com sede na cidade de Uberlândia, incluindo as categorias em ambos os naipes (sub 12, 13, 14 e 17), além da categoria adulta no masculino e a Liga Regional de Basketball do Sul de Minas, realizando o jojuninho (sub 13) e o Joju (sub 14,15 e 17), em ambos os naipes.

Entre todas as ligas, uma das que tiveram maior destaque em 2011 foi a Liga Regional de Basketball do Triangulo, pois esta entidade obteve o maior número de participantes em todas as categorias, organizando campeonatos não só nas categorias em questão, como também nas posteriores, inclusive adulto, no sexo masculino.

Ela abrangeu cidades importantes do interior de Minas Gerais, em termos de basquetebol, como Uberlândia, Uberaba, Patos de Minas, Coromandel, Tupaciguara, Araguari, Ituiutaba, Santa Vitoria, além de cidades convidadas, como Montes Claros e Caldas Novas (Goiás), entre outras, além de, no presente momento, ser fundamental para a continuidade da modalidade nesta região, que sempre teve equipes tradicionais e foram participantes ativos de campeonatos mineiros, brasileiros e até internacionais, mas atualmente passa por uma fase de estagnação, com algumas iniciativas isoladas.

Em contato com essas entidades e acessando alguns de seus documentos informativos referentes à organização dos campeonatos desta entidade e das demais ligas regionais, o autor deste estudo pode obter alguns dados significativos em relação ao número de participantes nas categorias envolvidas neste estudo.

A seguir, serão apresentados estes números, demonstrando o total de equipes e estimativa de jogadores participantes nas categorias envolvidas no estudo, nas três entidades responsáveis por organizar a iniciação relacionado ao basquetebol mineiro em 2011.

É preciso ser exposto que, nas categorias em questão, existe a obrigatoriedade de oito a dez jogadores, no mínimo, participarem dos jogos e, no máximo, de doze jogadores. Partindo do pressuposto de que na maioria das equipes existe um revezamento de jogadores, será utilizado o número de quinze jogadores por equipe, a fim de ser possível fazer uma estimativa realista sobre o número de jogadores que participam deste contexto.

No âmbito da FMB, na categoria sub 11 e 12 masculino, participaram dez equipes, com cento e cinquenta jogadores. Já no sub 13 masculino tivemos a participação de treze equipes totalizando cento e noventa e cinco jogadores. No sub 14 masculino participaram treze equipes, sendo ao todo cento e noventa e cinco jogadores. No naipe feminino pela categoria sub 13 participaram cinco equipes, sendo um total de setenta e cinco jogadoras. O sub 14 feminino foi composto por cinco agremiações, tendo um total de setenta e cinco jogadoras.

Já na Liga Regional de Basketball do Triângulo, nas categorias sub 11 e 12 masculino participaram quatro equipes, tendo um total de sessenta jogadores. No sub 13 masculino teve a presença de seis equipes, totalizando noventa jogadores. O sub 14 masculino já contou com seis equipes com um total de noventa jogadores. Com o feminino na categoria sub 13 participaram quatro equipes em um total de sessenta jogadoras. Já na sub 14 feminino, seis equipes resultando 90 jogadoras na competição.

Na Liga Regional de Basketball Sul de Minas, no sub 13 masculino, tiveram a participação de quatro equipes totalizando sessenta jogadores. Na categoria sub 14 masculina, seis equipes inscritas totalizando noventa jogadores no total. Já nas categorias femininas sub 13, houve cinco equipes e setenta e cinco jogadoras participando. E na categoria sub 14 participaram cinco equipes totalizando setenta e cinco jogadoras.

Somando os jogadores por categorias e por sexo, obtém-se os seguintes números: na categoria sub 11 e 12 masculino tivemos duzentos e dez jogadores. Já no sub 13 masculino totalizaram trezentos e setenta e cinco jogadores. Falando das categorias iniciais no feminino, no sub 13, duzentos e vinte e cinco jogadoras participaram e no sub 14 tiveram um total de duzentos e quarenta jogadoras.

Assim, totalizou-se no masculino novecentos e sessenta jogadores e no feminino quatrocentos e sessenta e cinco jogadoras, tendo como total geral um mil quatrocentos e vinte e cinco jogadores, o que demonstra, através desses números, a necessidade de se encontrar novos meios para aumentar os índices de participação e diminuir os índices de exclusão na iniciação em basquetebol, pois quase 1500 jogadores de basquetebol, participantes dos chamados campeonatos oficiais, contemplam bem menos de 0,1% da população de jovens existentes na faixa etária entre 11 a 14 anos no estado de Minas Gerais.

Assim, vale ressaltar tal tentativa, pois considerando o basquetebol no Brasil, que era tratado até o meio da década de 1980, antes do crescimento do voleibol, como o segundo esporte do país, utilizado nas aulas e nos planejamentos da Educação Física escolar, a NBA, ídolos consagrados como Oscar, Marcel, Hortência e Paula, entre outros, seria possível trabalhar hipoteticamente com uma porcentagem ainda maior, fato que poderia até dobrar ou triplicar o número de adolescentes sonhando com uma possível participação em equipes desta modalidade.

Por todo o estado de Minas Gerais deve haver inúmeros trabalhos com a iniciação em basquetebol não reconhecidos pela FMB e pelas ligas regionais, diminuindo as oportunidades de mais adolescentes se destacarem na modalidade.

Algumas iniciativas importantes têm acontecido na tentativa de aumentar a participação, com destaque para a Secretaria de Esportes do Estado de Minas Gerais, através da (FEEMG) que promove anualmente campeonatos escolares (JEMG) na faixa etária em questão, atendendo ao público das escolas públicas e privadas deste estado.

Analisando também o número de participantes, nas categorias em questão, em 2012, segundo ano da parceria entre a FMB e as ligas e associações regionais do interior de Minas Gerais, nota-se um pequeno aumento de aproximadamente cento e cinquenta jogadores nos campeonatos ditos oficiais, pois os documentos apontaram um total de um mil e sessenta meninos e quinhentas e quinze meninas, totalizando um mil quinhentos e setenta e cinco, crianças e adolescentes.

Logo, com estes números, entende -se que existiam poucos adolescentes e crianças fazendo parte do processo de iniciação em basquetebol no estado de Minas Gerais, o que se pode inferir que, passada toda a década inicial dos anos 2000, este fato continua acontecendo.

Entende-se que os dirigentes da FMB e das ligas e associações estão atentos a esta situação, pois a parceria está, até certo ponto, amenizando a pequena participação que existia com relação às equipes do interior do estado nos campeonatos organizados somente pela entidade maior até 2010. Porém, os números expostos demonstram que muitos adolescentes e crianças no estado de Minas Gerais não estão tendo oportunidade de participar efetivamente do processo de iniciação no basquetebol mineiro, estando ausentes dos campeonatos oficiais, tornando necessário uma atuação ainda mais efetiva dos dirigentes.

Na seção a seguir apresentaremos algumas reflexões e algumas alternativas para a iniciação em basquetebol no estado de Minas Gerais, com a intenção de fazer com que os profissionais atuantes nesta área reflitam sobre o atual momento, sobre suas atitudes e sobre o contexto em que se inserem.

SEÇÃO 4. CAMINHOS PARA UMA FORMAÇÃO EDUCATIVA NA INICIAÇÃO AO BASQUETEBOL EM MINAS GERAIS

O propósito desta seção é refletir um pouco mais sobre a contribuição à formação educativa de crianças e adolescentes que a iniciação ao basquetebol pode proporcionar, considerando que tal esforço teórico pode permitir que se sejam apresentadas propostas de intervenção de ordem técnica, pedagógica e também organizacional. Para tanto, esta seção está dividida em três momentos.

No primeiro, a intenção é refletir sobre a transformação possível do enfoque dado à iniciação, passando de um contexto direcionado para o esporte profissional, para um contexto que deve utilizar o esporte voltado para fins educativos. Após, interessa apresentar algumas propostas de intervenção de ordem técnico-pedagógica que contemplam os aspectos técnicos, táticos, físicos e psicológicos envolvidos na prática do basquetebol. Ao final, amparado na exploração dos princípios da pedagogia do esporte, a intenção é propor novas formas de se trabalhar com a iniciação, considerando a sua forma de organização.

4.1 A iniciação ao basquetebol e seus fins educativos

Com as múltiplas possibilidades do fenômeno sociocultural chamado Esporte, toma-se possível diferenciar o esporte profissional do esporte com fins educativos.

O esporte profissional é um meio de sobrevivência, no qual os seus participantes, atletas, comissão técnica, dirigentes, médico, fisioterapeuta, nutricionista, atendente e outros, o encaram como uma profissão, com dedicação exclusiva, em muitos casos.

Neste processo, melhores performances significam melhores salários, estando a competição organizada em forma de campeonatos, torneios, em que os participantes estão sempre buscando a superação e o principal lugar no pódio, ou seja, todos participam visando ser o campeão. Se este tipo de competição apresenta alguns problemas, tais como, doping, fraudes, corrupção, são fatos isolados que não conseguem diminuir a atenção dos povos para o esporte, fazendo com que este fenômeno possa atrair bilhões de espectadores em todo o mundo.

Com relação ao esporte com fins educativos, a iniciação esportiva pode ser realizada em diferentes agências de ensino, tais como escolas, clubes, academias e praças esportivas, espaços em que ocorre a atividade orientada. Conhecendo os vários significados do fenômeno

esportivo, tomou-se claro a utilização da competição relacionada ao esporte profissional e ao esporte com fins educativos.

Como foi demonstrado anteriormente, a iniciação no basquetebol mineiro apresenta vários indícios de estar voltada para os fins almejados no esporte profissional, tais como a organização em forma de campeonatos, em que somente os melhores são premiados, presença de problemas financeiros relacionados com as taxas de filiação à Federação Mineira de Basketball (F.M.B.) e demais ligas regionais, além do monopólio dos clubes, do mercado de jogadores, dos regulamentos com inúmeros artigos que servem para intervir no trabalho dos professores, além de problemas pertinentes ao ensino e aprendizagem do jogo de basquetebol.

Este contexto contribui efetivamente para que haja poucos adolescentes e crianças participando nos campeonatos relacionados às categorias SUB 11,12,13 e 14 em ambos os sexos quando observados os dados disponíveis no estado de Minas Gerais.

Ora, a participação é um dos princípios da pedagogia do esporte e fundamental para a formação de uma sociedade, com futuros cidadãos também educados pelo esporte. Com o desenvolvimento dessa área do conhecimento, tornou-se possível entender a iniciação esportiva como algo maior, abrangente, podendo ser um elemento atuante na transmissão de valores para as crianças e os adolescentes, implicando conseqüentemente na formação de futuros cidadãos.

Para que aconteça uma mudança de enfoque, de modo que a iniciação no basquetebol mineiro se volte para fins educativos, torna-se necessário buscar novas alternativas e, dentre elas, uma compreensão maior por parte dos professores, dirigentes, pais e amigos das crianças e adolescentes praticantes desta modalidade sobre o jogo e sobre o caráter competitivo nele presente, com o objetivo de não torná-la exacerbada, fato que atualmente vem ocorrendo, deturpando o processo de formação dos adolescentes e das crianças e dos futuros jogadores de basquetebol.

Acrescentando algo mais a essa discussão, serão analisadas algumas passagens da autobiografia de Phil Jackson, escrita por ele com a ajuda de Hugh Delehanty, seu editor, feita em 1995, traduzida para o português em 1997, com o nome de Cestas Sagradas, lições espirituais de um guerreiro das quadras.

Mesmo não sendo um livro com caráter acadêmico, com sua leitura tomou-se possível para o autor deste estudo adquirir novos conhecimentos e entender alguns aspectos do esporte com maior profundidade, para além das quadras.

Porém, antes disso, torna-se necessário informar que Phil Jackson é um cidadão americano com treze títulos conquistados na NBA, dois como jogador do New York Knicks, seis como técnico do Chicago Bulls e mais cinco desta liga profissional do basquetebol norte-

americano, como técnico dos Los Angeles Lakers, sendo o indivíduo que conquistou a confiança de Michael Jordan, o melhor atleta de basquetebol de todos os tempos, através de sua filosofia de vida espiritual.

Jackson (1995, p. 17) descreve:

Vencer a qualquer preço não me interessava mais. Eu já havia aprendido, durante os meus anos de campeão com os New York Knicks, que a vitória é uma coisa efêmera. Sim, ela é doce, mas não toma necessariamente a vida mais fácil na próxima temporada, nem mesmo no dia seguinte. Depois que as multidões de torcedores foram embora, e que a última garrafa de champanhe foi bebida, é preciso retornar ao campo de batalha e começar tudo de novo (Jackson, 1995, p.17).

Analisando estes dizeres, vindos de um indivíduo que conquistou por várias vezes o melhor campeonato de basquetebol do mundo, em termos de qualidade técnica, pode ser exposto que a busca pela vitória é algo importante em qualquer jogo, mas é somente um dos aspectos a ser considerado, existindo outros também importantes, completando este contexto.

Sendo assim, a busca de um resultado positivo faz parte do processo, mas não pode ser considerado como produto final e incontestável, principalmente na iniciação esportiva. Em uma passagem importante da obra, que pode auxiliar no contexto da iniciação esportiva, descreve Jackson:

Eu sabia que a única forma de vencer consistentemente era dar a todos - desde os craques mais famosos até o 12º jogador sentado no banco um papel importante no grupo, e inspirá-los a estarem sempre cômicos do que estava acontecendo, mesmo quando a atenção geral estava em outra pessoa. Mais do que qualquer coisa, eu queria construir um time que misturasse talento individual com uma elevada consciência de grupo. Um time que pudesse vencer em grande estilo sem se tornar pequeno no processo (Jackson, 1995, p.18).

Nesta passagem pode ser destacada a importância do contexto, em que os doze membros do time tinham funções. Relevando a importância do contexto não só para uma equipe, mas para toda a iniciação em basquetebol, antes de se descobrirem quem são os melhores jogadores do sub 11,12,13 e 14, deve-se dar oportunidades para que um número maior de crianças e adolescentes tenham chances de conhecer esta modalidade e, principalmente, possam passar por um período de ensino e aprendizagem para que, com o passar do tempo, naturalmente façam uma auto-avaliação sobre suas reais possibilidades de serem ou não jogadores de basquetebol.

O contexto da iniciação esportiva e também dos demais níveis, inclusive o profissional, deve ser de respeito pelo trabalho do próximo, buscando através da convivência diária utilizar o esporte como um meio entre outros de auxílio na educação dos adolescentes e crianças, sendo que os atletas profissionais deveriam ser os primeiros a darem o exemplo.

No jogo, obviamente existem vencedores e vencidos, mas somente na contagem final. Tal fato pode ser momentâneo, já que na próxima partida pode acontecer do vencido virar vencedor. Respeitando-se uns aos outros, com certeza, todos sairão vencedores. Neste sentido há uma passagem importante descrita por Jackson:

Quando os jogadores praticam o que se chama de foco - simplesmente prestar atenção ao que realmente está acontecendo não apenas jogam melhor e vencem mais, mas também ficam mais sintonizados uns com os outros. E a alegria que experimentam trabalhando em harmonia é uma poderosa força motivadora que vem de dentro, e não de um treinador histérico andando para baixo e para cima nas laterais do campo gritando obscenidades (Jackson, 1995, p.19).

Ora, alegria, harmonia, trabalho em grupo, enxergar o processo da iniciação de forma abrangente, parecem ser fatores pouco presentes no atual momento do basquetebol. Os professores da faixa etária em questão deveriam trabalhar com objetivos em comum, ou seja, a educação e formação de futuros cidadãos e a identificação de um maior número de talentos para as categorias posteriores desta modalidade, através do aumento do número de participantes. Mas, em vários casos, o que vêm ocorrendo são atitudes egoístas, nas quais cada indivíduo pensa somente em defender seu emprego na entidade em que trabalha. Porém, esquecem que, futuramente, pode aparecer uma oportunidade de trabalho na entidade que ele desprezava.

Os professores também se esquecem que estão conduzindo adolescentes e crianças para uma atividade esportiva, em que o prazer pela prática deve predominar. Em alguns momentos, torna-se necessário adverti-los, porém é preciso ter argumentos para que esta atitude obtenha uma repercussão positiva e não somente utilizar palavras ofensivas ou até mesmo extrapolar e agredir fisicamente, fato já ocorrido em alguns jogos das categorias em questão. Neste sentido, no livro de Jackson (1995, p.29):

Basquete é um esporte que precisa da interligação sutil de seus jogadores quando estão a toda velocidade, pensando e correndo como uma só pessoa. Para fazer isso bem, eles precisam confiar uns nos outros visceralmente, e saber por instinto de que forma cada um vai responder a situações de pressão. Um jogador excepcional pode fazer sozinho um tanto, e não mais não importa quão espetaculares sejam suas jogadas individuais. Se estiver fora de sintonia com os outros jogadores, o time nunca atingirá a harmonia para ganhar um campeonato (Jackson, 1995, p.29).

Novamente encontram-se algumas palavras importantes nesta passagem, tais como cooperação, trabalho em conjunto, sintonia e confiança. A intenção de citar Phil Jackson deve-se ao fato de que este cidadão americano é considerado um dos melhores técnicos de basquetebol do mundo, tendo demonstrado em suas palavras a presença de vários aspectos existentes fora das quadras que influenciam diretamente na atuação dos jogadores dentro dela.

Entende-se, obviamente, que o contexto apresentado por este técnico é de um grupo de jogadores de altíssimo nível em que as combinações fluem naturalmente. Porém, alguns aspectos podem e devem ser considerados na iniciação do basquetebol mineiro.

Considerando a pedagogia do esporte e explorando as múltiplas possibilidades do fenômeno esportivo, este estudo tem a intenção de propor a mudança do enfoque, fazendo com a iniciação do basquetebol mineiro passe a ser realizada para fins educativos, visando fomentar talentos, mas, também, a formação de futuros cidadãos, através da transmissão de valores que estarão sempre presentes em momentos na vida dos participantes deste tipo de atividade.

Zaluar (1994), analisando um programa realizado pela Fundação Roberto Marinho em algumas cidades brasileiras, com crianças desfavorecidas economicamente, chamado de PRIESP (Programa de Iniciação Esportiva), que tinha como objetivo disseminar a prática esportiva múltipla, pode constatar quanto o esporte foi importante nas comunidades nas quais o programa foi realizado, apresentando alguns aspectos, entre eles, melhora nas questões de relacionamento e sociabilidade entre as pessoas do bairro e entre os bairros do Rio de Janeiro em que foi feita a pesquisa, com destaque para a participação voluntária no programa, o prazer da prática esportiva, as atividades esportivas sendo utilizadas como uma questão voltada à saúde, à disciplina, a melhor compreensão da relação professor/aluno e, ainda, a criação de oportunidades dada pelo programa para que alguns participantes tivessem chance de se realizar profissionalmente no esporte.

Deste modo, a iniciação esportiva para as crianças e para os adolescentes, se realizada de modo coerente, é algo significativo e importante na vida dessas pessoas, além de contemplar os objetivos propostos quando voltada para fins educativos.

Cada atitude tomada pelos professores da iniciação esportiva influencia diretamente nas atitudes dos alunos, podendo ser de forma positiva ou negativa, dependendo do que os primeiros querem, enquanto educadores, para o futuro de seus conduzidos, relacionado ao convívio em sociedade.

Obviamente, também podem influenciar de modo positivo ou negativo no futuro do basquetebol, que atualmente vem passando por um momento oscilante, com reduzida participação e um alto índice de exclusão, tendo a sua popularidade e a sua qualidade técnica questionada pelos indivíduos atentos a este processo.

Bento (2000) aponta algumas atitudes que deveriam ser tomadas pelos dirigentes esportivos, que auxiliariam na iniciação esportiva, baseada na Pedagogia do Esporte. Em síntese, a) facilitar o acesso de crianças e jovens ao Esporte, realizando atividades nas escolas e nas praças esportivas; b) aumentar as possibilidades dos adolescentes e crianças praticarem

diferentes modalidades, num ambiente agradável, diminuindo a pressão dos pais e dirigentes; c) o prazer de jogar e a aprendizagem devem estar em primeiro plano, pois o rendimento e a competição em nada superam a alegria, a brincadeira, o riso, a emoção, a criatividade. O esporte só ganha credibilidade quando se configura em princípios pedagógicos, não quando se volta para as pretensões dos adultos; d) as aulas devem ser diferenciadas e individualizadas, respeitando as virtudes e limitações dos alunos, contrariando o treinamento formal e controlado; e) na iniciação esportiva, deve-se dar maior importância às necessidades do jogo e do movimento corporal e menos importância para os interesses das diferentes modalidades esportivas; f) incremento de campanhas de *fair play* (jogo limpo) e de programas de férias com atividades esportivas; g) a seleção de talentos e a especialização não são indicadas antes que ocorra a maturação dos adolescentes, até porque, as enormes variações no processo de maturação, tornam os prognósticos incertos antes da adolescência; h) a relação da criança e do adolescente com o Esporte, consigo mesmo e com seu próprio corpo depende muito das vivências e experiências e dos resultados da aprendizagem de competências e de habilidades na atividade esportiva, repercutindo no estilo de vida de cada participante; i) a iniciação esportiva desempenha a relevante função de socialização e reprodução cultural. Sendo assim, devem ser nela recriadas, princípios e valores que possam dar continuidade ao processo de difusão da mesma. Deste modo, o ambiente esportivo deve ser balizado por um código ético, sendo este um desafio para os dirigentes esportivos; e, por fim, j) trabalhar, de forma conjunta, clubes e escolas, garantindo mais oportunidades aos adolescentes e crianças de participarem da iniciação esportiva, num ambiente favorável as suas necessidades e interesses, sendo preciso, antes de qualquer atitude, uma mudança de mentalidade e de conceitos sobre o esporte para crianças e adolescentes.

A intenção deste estudo não é desmerecer todo o trabalho realizado até os dias atuais, pois o autor deste texto reconhece que os profissionais se dedicam com competência, buscando sempre o "melhor". O problema está em fazer com que todos possam refletir sobre este "melhor", ou seja, o mais importante é o futuro dos alunos, como profissionais do basquetebol ou não. Para isso, toma-se necessário que todos os participantes diretos e indiretos do contexto tenham consciência da abrangência do fenômeno esportivo, trabalhando na perspectiva de explorar, de modo positivo, suas múltiplas possibilidades.

Segundo Brotto:

Ao falarmos sobre a Pedagogia, devemos refletir, também, sobre o professor, seu papel e condição como facilitador do processo educacional. Professores têm responsabilidades multiplicadas. Primeiro porque são educadores e

profissionais em educação, e depois porque são pessoas que estão coaprendendo o tempo todo, enquanto se dedicam a ensinar. Por isso, devem ter maior disposição, disponibilidade e desprendimento para descobrir, a cada instante, os novos e antigos caminhos da sabedoria (Brotto, 1999, p.100-01).

Nesta perspectiva, apresentamos alguns princípios, embasados empiricamente, conforme a experiência prática profissional do autor deste estudo, adquiridos através de alguns anos de trabalho na iniciação no basquetebol mineiro, importantes para a relação professor/aluno.

Assim, o professor deve sempre manter o aluno motivado, realizando atividades que despertem o prazer pela prática, como também ter um diálogo honesto e diário com o grupo e, em alguns casos, separadamente. Este fato demonstra o interesse do professor na permanência e assiduidade dos alunos em suas aulas, fazendo com que eles se sintam valorizados e reconhecidos.

Consideramos que toda atividade deve sempre ter objetivos definidos, sendo que devem ser explicados para os alunos, facilitando a compreensão e realização das tarefas.

Ao professor cabe estar sempre atento e descobrir o momento ideal de chamar a atenção dos alunos, através de uma advertência, podendo ser em grupo ou separadamente, conforme a situação. Utilizar este tipo de repreensão a todo instante, com o tempo deixa de surtir o efeito desejado, desgastando a relação professor/aluno. No momento certo, com bons argumentos, pode ser mais produtivo e melhor compreendido pelos adolescentes.

Também como um princípio entendemos que o professor deve sempre se manter atualizado com as novas tendências educacionais, como também com as novas possibilidades de ensino e aprendizagem das atividades esportivas, seja na iniciação ou nas categorias posteriores, visto que a Ciências do Esporte têm se desenvolvido rapidamente nos últimos anos, tornando os desinteressados por este processo, em alguns casos, acomodados e atrasados em relação a uma possível busca e aumento do seu leque de conhecimentos.

4.2 Propostas de intervenção técnico-pedagógicas para a iniciação ao basquetebol em Minas Gerais

Neste tópico, a intenção não é modificar os elementos conhecidos que formam o universo do basquetebol. Pretende-se adaptá-los a uma nova realidade em que os princípios da pedagogia do esporte sejam respeitados.

Nessa nova realidade, é preciso entender e compreender o aspecto competitivo presente no jogo, no caso, no basquetebol, para que a competição não se torne exacerbada. Vencer um

jogo é importante, porém existem outros aspectos do processo que devem ser levados em consideração. Importantes, na iniciação esportiva, são os alunos, prioritariamente. Somente dessa forma o basquetebol e a sociedade, de modo geral, estarão evoluindo através das atividades desta modalidade. Serão apresentadas algumas propostas viáveis de intervenção para a iniciação em basquetebol, relacionadas a todos os aspectos envolvidos na modalidade.

No aspecto técnico, quanto mais criativas e motivadoras forem às aulas, maior interesse terão os alunos. Anteriormente, quando analisada a ação pedagógica, Freire (1994) expôs com propriedade sua interpretação sobre uma boa proposta, expondo que é aquela em que o aluno tem algumas dificuldades iniciais, mas consegue superá-las, aumentando os seus recursos, ao nível motor, cognitivo, afetivo e social.

A diversificação dos movimentos e o prazer pela prática são princípios pedagógicos que devem ser levados em consideração neste aspecto, como também, nos demais, negando a especialização precoce.

Conforme a experiência profissional do autor deste estudo, propomos algumas atividades para serem realizadas, como a utilização de jogos e brincadeiras, com e sem bola, podendo ser utilizada mais que uma bola e com outros alvos, além dos cestos de basquetebol.

Sugerimos a utilização de materiais alternativos, como cones, arcos, corda elástica, de forma criativa, tentando sempre acrescentar novos movimentos, além das atividades que sempre fizeram parte do ensino do basquetebol, como educativos para a bandeja, molde para a correção do gesto específico do arremesso, postura defensiva, trabalhos de lateralidade, demonstrando a importância de se aprender a jogar para ambos os lados, driblar tanto com a mão direita, quanto com a mão esquerda, situações de jogo e jogos pré-desportivos, ou seja, atividades encontradas nos livros didáticos de ensino da modalidade.

Quando da realização de jogos durante as aulas, algumas adaptações e atitudes do professor, podem tornar o mesmo mais empolgante, com ênfase para quando algum aluno está se destacando, colocando sua equipe em uma boa vantagem na contagem de pontos, visto que, mesmo não os estimulando, os alunos naturalmente estão atentos a este detalhe, troca-se o aluno de equipe, causando um problema no resultado final da partida. Com esta atitude, pode-se ter argumentos para trabalhar com os alunos questões relacionadas ao resultado e à participação de todos, obviamente, fazendo-os compreender que o segundo aspecto é mais importante que o primeiro.

Também indicamos que um indivíduo escolha todas as equipes, para depois ser colocado em alguma delas. Esta atitude tende a fazer com que todos compreendam a

importância de dividir o grupo em equipes equilibradas, melhorando o nível dos jogos e aumentando o interesse geral para esta prática.

Outra opção é deixar que o jogo aconteça, sem a atuação dos professores como árbitros. Conhecidas algumas regras básicas do basquetebol, estimular os participantes a controlarem as violações previstas nas normas, fazendo com que eles tenham a oportunidade de adquirir uma maior compreensão relacionada a esta abordagem, além de despertar valores significativos, tais como honestidade, disciplina, cooperação entre outros.

Na mesma perspectiva, sugerimos colocar uma norma organizando ações ofensivas coletivas, ocasião que permite que todos os participantes possam ter contato com a bola, ou no mínimo, a maioria. Este detalhe estimula a cooperação, interesse pela atividade e a compreensão que o basquetebol é um esporte coletivo, em que ninguém consegue jogar sozinho.

Outra atividade interessante, utilizando uma norma a ser discutida antes, durante ou depois da atividade, em que todos os integrantes da equipe devem fazer, no mínimo, uma cesta para serem considerados vencedores. Conforme o nível de dificuldade, acertar o aro ou a tabela, por exemplo, pode valer como ponto. Estimula-se, assim, a cooperação e a oportunidade de todos cumprirem o objetivo principal do basquetebol, que é a marcação de pontos.

Através dessas e outras várias atividades, pressupomos estar contribuindo para que todos os participantes da iniciação tenham prazer e interesse pela prática, tentando evitar a exclusão dos não talentosos momentaneamente, mas também valorizando as boas atitudes dos considerados talentosos.

Quanto aos aspectos táticos conhecidos e utilizados no basquetebol, se os professores compreenderem e souberem lidar com a questão dos resultados, este aspecto pode ser colocado em segundo plano, podendo ser priorizados os trabalhos de fundamentos e aumento dos recursos motores, cognitivos, afetivos e sociais.

Com algumas intervenções, torna-se possível fazer com que todos compreendam a importância da participação tanto na defesa quanto no ataque, partindo de um pressuposto bastante simples, já que as equipes possuem o mesmo número de jogadores e que obtém vantagens quem realizar ações defensivas ou ofensivas em maior quantidade de elementos.

Outro ponto importante é o estímulo às ações coletivas nos três momentos do jogo, defesa, ataque e contra-ataque. Na defesa, cada jogador deve marcar um atacante, preocupando-se com a diminuição dos espaços, havendo ajuda mútua entre todos os defensores. No contra-ataque, ocupar o meio e as laterais da quadra, aumentando as possibilidades de cesta neste momento do jogo. Quanto ao ataque, a definição de funções pode inibir a criatividade e a liberdade dos alunos. Como cada participante apresenta diferentes virtudes e limitações, o que

é algo natural, há a obrigação do professor intervir neste processo, visando a evolução de todos, de modo geral.

Trabalhado na iniciação a boa execução de todos os fundamentos, futuramente os alunos poderão executar diferentes funções, o que significa caminhar em direção a um basquetebol moderno, aumentando as chances de os alunos poderem se tornar atletas profissionais desta modalidade.

Quanto ao aspecto físico, os adolescentes e crianças, com algumas exceções, costumam ser ativos e possuem muita energia para ser gasta. Com o aspecto competitivo controlado, uma aula dinâmica, com brincadeiras, execução de fundamentos e jogo no final, por exemplo, fazendo com que os alunos estejam em constante movimentação, pode ser considerada suficiente para a iniciação, além de ser prazerosa. Aliás, se o trabalho visa utilizar o esporte para fins educativos, a preparação física, objetivando a melhoria da performance, não tem sentido na faixa etária em questão.

Quanto ao aspecto psicológico, ressaltando o controle do aspecto competitivo, as atividades se tomam atraentes, motivadoras e prazerosas. Pode-se afirmar esta sensação até mesmo pelo fato de que, geralmente, nenhum aluno participa das atividades esportivas de forma obrigatória, tomando esta relação saudável.

Obviamente, existem alguns compromissos que devem ser estabelecidos logo no início das atividades, tais como assiduidade, disciplina, respeito. Porém, os professores devem ser cuidadosos no tratamento destas questões, pois seus alunos são crianças e adolescentes iniciantes nesta prática e dependentes da vontade de seus pais, parentes e amigos, os quais podem contribuir, mas, ao mesmo tempo, destruir os sonhos infantis.

Não existe a pretensão, neste item, de expor que as atividades sugeridas sejam perfeitas e que acontecem sem nenhum problema. Se o basquetebol é um esporte dinâmico, assim como os adolescentes e as crianças, claro que várias vezes ocorrem situações imprevistas; porém, atento a este detalhe, o professor deve dispor de alguns recursos tentando suprir rapidamente este problema, dando continuidade ao trabalho desempenhado.

4.3 Propostas de intervenção de ordem organizacional para a iniciação ao basquetebol em Minas Gerais

Pretende-se, neste tópico, apontar outros meios de se trabalhar com a iniciação em basquetebol, visando o aumento do número de participantes, contemplando um dos princípios da pedagogia do esporte.

Na seção 03, foi demonstrado que somente 1575 crianças e adolescentes participaram das categorias sub 11 a 14 em todo o estado de Minas Gerais, representando menos de 0,1% da população existente no estado de Minas Gerais que, em 2012, possuía aproximadamente 21.000.000 de indivíduos. Fonte site (IBGE).

Esses números comprovam a reduzida participação, demonstrando a ineficiência desses campeonatos neste aspecto. Alguns motivos foram apresentados para que ocorra tal situação, dentre eles a queda da popularidade do basquetebol, os gastos com taxas de filiação, inscrição de equipes, arbitragem, alimentação e transporte, entre outros e, como apontamos, a reprodução do esporte profissional na iniciação em basquetebol no estado de Minas Gerais, o que se dá por meio de atitudes dos professores, dirigentes, pais e amigos dos jogadores, que influenciam diretamente no processo, tais como mercado de jogadores, seletividade, exclusão, especialização precoce, discussões e agressões verbais e até mesmo físicas.

Expostas as manifestações de desagrado quanto à forma atual, pode-se afirmar que em várias cidades do interior mineiro existem trabalhos de iniciação esportiva nas diversas modalidades, incluindo o basquetebol. Nestas cidades, existe a secretaria de esportes ou, no mínimo, um departamento de esportes, vinculado a outra secretaria. Sendo assim, nas praças esportivas pode estar concentrado um bom número de crianças e adolescentes não participantes dos campeonatos oficiais.

Outro local em que se realiza a iniciação esportiva são as escolas públicas e particulares, através da Educação Física escolar e dos chamados clubes de esportes, abrangendo também uma boa parcela da população não participante dos campeonatos oficiais.

Além das prefeituras e escolas, existem as academias, que também possuem algum tipo de atividade relacionada à iniciação, porém abrangendo um público menor, se comparada com as outras agências de ensino.

Os clubes são as entidades que mais participam dos campeonatos da FMB e das ligas regionais, sendo pequeno o número de escolas, prefeituras e academias participantes.

Entende-se como objetivo principal das entidades administrativas do basquetebol mineiro, a evolução desta modalidade através do aumento de sua popularidade, aumento do número de participantes, melhora da qualidade técnica e do produto a ser vendido para os patrocinadores e meios de comunicação, melhores resultados nas competições nacionais e internacionais, entre vários outros aspectos que poderiam ser relacionados.

Neste estudo, entende-se como prioritário haver um maior número de participantes na iniciação, pois, se este fato acontecer, obviamente, melhores serão as previsões do futuro do basquetebol em todos os aspectos, não só na identificação de talentos para as categorias

posteriores, como também na abertura de novas possibilidades de trabalho para os professores de Educação Física, participando de comissões técnicas ou como dirigentes e demais funções cabíveis neste contexto.

Além disso, entendendo a iniciação num contexto maior, em que os eventos esportivos tenham objetivos educacionais, não somente a melhor execução de gestos relacionados à esta modalidade, com uma maior participação de crianças e adolescentes nas atividades esportivas, torna-se possível pensar num futuro melhor para todos, enquanto cidadãos participantes ativos da sociedade, de modo geral.

Procurar um contato mais próximo com as agências de ensino (clubes, prefeituras, escolas e academias), tentando encontrar meios que possibilitem uma maior participação parece ser uma solução interessante. Para isso, é necessário que os organizadores do basquetebol sejam atuantes, procurando através das entidades que representam estarem atentos aos possíveis problemas de seus associados, auxiliando de forma direta ou indireta na sua resolução, estimulando-os a participarem de todos os eventos da modalidade.

De forma amadora, através de voluntários e/ou utilizando serviços profissionais, através de parcerias com empresas de propaganda e marketing, organizar eventos nas escolas e nas cidades do interior mineiro, tais como apresentação de atletas importantes, jogos-exibição, clínicas para crianças e adolescentes e outros tipos de alternativas que atraiam mais participantes.

É preciso avaliar a questão dos campeonatos em que só os melhores são premiados. Com certeza, a realização de jogos entre equipes diferentes é importante para o contexto educacional, mas selecionar quem são os melhores parece não ser uma necessidade primária da iniciação, por vários fatores já apresentados. Deste modo, se por exemplo na categoria sub 11 e 12 existem 10 equipes, deve haver jogos entre elas, porém, não havendo uma necessidade de classificá-las. Se isto for necessário em algum momento do campeonato, deve ser feito algum tipo de ranqueamento em que todas as equipes possam continuar jogando durante toda a temporada, havendo um possível equilíbrio técnico entre elas, sem que nenhuma seja desclassificada ou fique desmotivada por só obterem resultados inexpressivos.

Outra sugestão é a promoção de outros eventos, tais como acampamentos, clínicas, festivais, que estimulem a integração entre os vários grupos participantes. Isso pode ocorrer, exemplificando, através da organização de um circuito com várias estações, trabalhando os fundamentos do basquetebol, brincadeiras e jogos, como o conhecido *Street-Ball* (basquetebol de rua), 3x3 em quadras públicas, proporcionando aos participantes uma melhor compreensão

do fenômeno esportivo, destacando que o prazer pela prática, a interação, a amizade e o respeito para com o próximo são fatores relevantes.

Em jogos amistosos não existe a necessidade da utilização de um placar, súmula e árbitros, pois os alunos realizam estas tarefas naturalmente. Também não existe a necessidade primária para que aconteça o jogo com a observância total às regras oficiais da FIBA. Na iniciação, o jogo pode ser realizado com minijogos (2x2, 3x3, 4x4 em cada equipe), se forem crianças menores.

Outra sugestão é aumentar o número de quartos (períodos do jogo), proporcionando a participação de um maior número de alunos. Nestas ocasiões, os professores devem atuar como mediadores de possíveis situações de conflito, possibilitando que o jogo transcorra normalmente.

Outra iniciativa importante para o contexto educacional é encontrar meios durante os jogos e eventos que misturem os participantes das equipes, amenizando a relação dos alunos com a sua entidade que eles representam, diminuindo as influências negativas quanto à questão da rivalidade. Obviamente, é importante defender um grupo, um clube, o bairro, a escola ou a cidade, porém, sem desmerecer as outras entidades.

Na questão da premiação, talvez seja mais oportuno dar um diploma a todos do que medalhas somente para os melhores. Esses acontecimentos são marcantes na vida das crianças e adolescentes e podem jamais serem esquecidos.

Outro ponto pertinente é o trabalho em conjunto dos professores, fato praticamente impossível no meio competitivo exacerbado. Com estas sugestões, aliadas a outras possíveis que possam ser criadas neste contexto pedagógico, as vantagens parecem ser maiores se comparadas às atividades atuais, conseqüentemente aumentando o número de participantes da iniciação esportiva, contemplando os seus objetivos voltados para fins educativos, os quais são a formação de futuros cidadãos e a identificação de talentos para as categorias posteriores do basquetebol mineiro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com este estudo, o autor acredita que alguns aspectos importantes no contexto do basquetebol brasileiro, de modo geral e, especificamente, na iniciação desta modalidade no estado de Minas Gerais foram abordados através de uma visão pedagógica, tomando-se possível a realização de uma análise crítica sobre seu atual momento.

Foi possível refletir sobre a queda de popularidade desta modalidade, com um número pequeno de atletas profissionais praticantes da mesma atualmente. Além disso, demonstramos que a iniciação em basquetebol deveria ser voltada para fins educacionais, em que a participação é fundamental, já que realizada por adolescentes, os quais estão numa fase de transição do mundo infantil para o mundo adulto, com várias mudanças relacionadas aos aspectos biológicos, aos aspectos socioculturais, aos aspectos mentais e emocionais. O problema da reduzida participação de crianças e adolescentes na iniciação no basquetebol mineiro foi analisado, levando-se em consideração os aspectos administrativos relacionados à Federação Mineira de Basketball e ligas regionais do interior do estado de Minas Gerais e, também, os aspectos que envolvem o jogo e o esporte de competição que parece pouco compreendido pelos professores, dirigentes, pais e amigos dos participantes diretos do processo, os adolescentes e as crianças.

Sendo assim, inferimos que os aspectos pedagógicos que poderiam influenciar de modo positivo na educação e formação de futuros cidadãos e na identificação de talentos para as categorias posteriores desta modalidade estejam em segundo plano, tendo, dentre outras hipóteses, a competição exacerbada influenciado negativamente, inclusive no processo de ensino e aprendizagem do basquetebol, em termos de iniciação, dando indícios de que os fundamentos do esporte profissional estão sendo reproduzidos no esporte que deveria ser voltado para fins educativos.

Amparado na pedagogia do esporte, que possui princípios e entende o fenômeno esportivo de modo abrangente, entendemos que ela pode servir como respaldo teórico e prático para as atividades esportivas oferecidas às crianças e aos adolescentes, em diferentes agências de ensino, englobando a iniciação em basquetebol e aumentando o leque de oportunidades para que estes indivíduos tenham acesso aos campeonatos ditos oficiais.

Deste modo, tomou-se possível a apresentação de algumas sugestões de mudanças que sinalizam para uma procura de outros rumos para a iniciação no basquetebol mineiro. Abordamos inicialmente a necessidade da mudança de enfoque, em que a reprodução do esporte profissional deixaria de existir, sendo então organizada uma iniciação esportiva voltada para

fins educativos. Foram sugeridas algumas atividades que podem ser utilizadas no ensino e aprendizagem do basquetebol, em termos de iniciação, levando-se em consideração os aspectos técnicos, táticos, físicos e psicológicos, próprios da modalidade e alternativas envolvendo questões organizacionais, com a intenção de aumentar o número de participantes da iniciação em basquetebol no estado de Minas Gerais.

Observando que a iniciação no basquetebol mineiro apresenta alguns problemas que afetam diretamente na questão da participação e sugerindo algumas alternativas de mudanças, que envolvem aspectos pedagógicos importantes em um esporte voltado para fins educativos, finalizamos este estudo com o desejo de que contribuir para que os profissionais atuantes neste processo tenham argumentos para possíveis reflexões.

A primeira década do século XXI apresenta alguns indícios que demonstram o momento complicado que o basquetebol está passando no Brasil, e particularmente em Minas Gerais. Os excelentes resultados do basquetebol feminino ocorridos no início desse século não conseguiram amenizar esta situação, pois existe um número reduzido de jogadoras desta modalidade em todas as categorias, desde a iniciação até a prática adulta, de modo que a revelação de novos talentos que poderiam ocupar os espaços deixados por ídolos desta década e das anteriores que encerraram ou estão encerrando suas atividades como atletas parece estar num momento delicado.

Os dirigentes das entidades responsáveis pelo basquetebol deveriam estar atentos a este momento, mobilizando-se para que possa ser superado rapidamente. Porém, isto não vem acontecendo, ocorrendo somente algumas atitudes isoladas.

Quanto à iniciação, a reciclagem e a busca por novos conhecimentos são pontos importantes para os profissionais que trabalham nesta área, fazendo com que os índices de exclusão e seletividade diminuam no basquetebol, pois nesta fase este fato é imprecendente.

Ressaltamos que é preciso ter consciência de que as crianças e os adolescentes são os principais personagens e que a iniciação em basquetebol deve ter como objetivos a educação e formação de futuros cidadãos e a identificação de talentos para as categorias posteriores desta modalidade, os quais podem ser cumpridos integralmente, levando-se em consideração a contribuição da pedagogia do esporte.

Idealizamos essa proposta de iniciação no basquetebol mineiro, de natureza socioeducativa, destacando a cooperação, convivência, emancipação, participação e co-educação como princípios indispensáveis para o desenvolvimento da criança e do adolescente, repercutindo em uma preocupação principal não a de formar atletas e sim cidadãos autônomos e críticos, não apenas repetidores de movimentos e gestos técnicos.

Defendemos e pensamos o esporte, no caso o basquetebol, como uma ferramenta educacional que possa transformar vidas e não apenas ensinar técnicas e táticas do jogo. Por isso apresentamos como proposta de intervenção um curso de capacitação online para professores de educação física escolar e técnicos formadores de base do estado de Minas Gerais, enfatizando que o brincar e o aprender basquetebol caminham juntos se entendidos à luz das exigências de uma formação essencialmente educativa.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. **Educação e emancipação**. Tradução Wolfgang Leo Maar. 40. ed. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1995.

ALBINO, Luciano. **10 lições sobre Max Weber**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

ALMEIDA, Alberto Carlos. **A cabeça do brasileiro**. Rio de Janeiro: Record, 2007.

ALVES, José A. B.; PIERANTI, Octavio P. **O estado e a formulação de uma política nacional de esporte no Brasil**. RAE Eletrônica, junho 2007. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/raeel/a/bswLZ9wGMF7sFJJ64tHDyNg/?lang=pt>>

-----**Aprendizagem e competição precoce: o caso do basquetebol**. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1996.

____. **A formação do jovem atleta e a pedagogia da aprendizagem esportiva. 1999, 190f Tese (Doutorado)** - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

BARROSO, J. (Org.). **A escola pública: regulação, desregulação, privatização**. Porto: ASA, 2003.

BARROSO, J. A “**escolha da escola**” como processo de regulação: integração ou seleção social. In: BARROSO, J. (Org.). **A escola pública: regulação, desregulação, privatização**. Porto: ASA, 2003.

BARROSO, J. **Organização e regulação dos ensinos básico e secundário, em Portugal: sentidos de uma evolução**. Educação & Sociedade, Campinas, v. 24, n. 82, p. 63-92, 2003.

BAYER, C. **O ensino dos desportos coletivos**. Paris: Vigot, 1994.

BENTO, Jorge Olímpio. **Contexto e Perspectivas. Separata de: Pedagogia do Desporto: perspectivas e problemáticas**. Lisboa, PO: [s.n.], 2000, p.05-95.

BETTI, Mauro. **Educação Física e sociedade**. São Paulo: Movimento, 1991.

BOGDAN, Robert e BIKLEN, Sari. **Investigação qualitativa em educação**. Uma introdução à teoria e aos métodos. Porto: Porto Editora, 1994.

BONAVIDES, Paulo. **Ciência Política**. 10. ed. São Paulo: Malheiros, 2000.

BORROWISKY, Adamiro. Editorial. **Revista do Basquete**. São Pedro, ano 9, n. 75, p. 03, 2000.

BRACHT, Valter. **Educação Física e aprendizagem social**. Porto Alegre: Magister, 1992.

BRANDÃO, Maria Regina Ferreira; FIGUEIRA JR., Aylton José. **Performance esportiva: uma análise multidimensional**. Revista Treinamento Desportivo, v. 1, n.1, p. 58-72, 1996.

BRASIL. **Constituição da República Federal do Brasil de 1988**. 1988. Disponível em: <www.planalto.gov.br/constituicao>

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 20/12/1996**. 1996. Disponível em: <www.planalto.gov.br/leis>

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 20/12/1996**. 1996. Disponível em: <www.planalto.gov.br/leis>

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Física**. Secretaria de Educação Fundamental – Brasília: MEC/SEF, 1997. 62p.

BRASIL. **Política Nacional do Esporte n. 157**, de 16 de agosto de 2005. Brasília, 2005. Disponível em: <<http://arquivo.esporte.gov.br/arquivos/conselhoEsporte/resolucoes/resolucaoN5.pdf>>

BRASIL. **Plano Nacional de Educação - Lei nº 13.005/2014**. 2014. Disponível em: <www.pne.mec.gov.br>

BROTTO, Fábio Otuzi. **Jogos cooperativos: o jogo e o esporte como um exercício de convivência**. 1999, 189f Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física, UNICAMP, Campinas, 1999.

___ .. **Basquetebol: manual do técnico**. São Paulo: Cia. Brasil, 1981.

___ .. **Basquetebol: origem e evolução**. São Paulo: Iglu, 1991.

BUENO, Luciano. **POLÍTICAS PÚBLICAS DO ESPORTE NO BRASIL: razões para o predomínio do alto rendimento**. 259f. Tese (Doutorado em Administração Pública e Governo)- Escola de Administração de Empresas de São Paulo da Fundação Getúlio Vargas, São Paulo, 2008.

CAMPOS, Dinab Martins de Souza. **Psicologia da adolescência**. 17. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

CARDOSO, Fernando Henrique. **Xadrez internacional e social-democracia**. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

CELLARD, André. **A análise documental. A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis: Vozes, 2008.

CELLARD, A. **A análise documental**. In: POUPART, J. et al. A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos. Petrópolis, Vozes, 2012.

COELHO, Olímpio. **Pedagogia do desporto: contributos para uma compreensão do desporto juvenil**. Lisboa: Livros Horizonte, 1988.

DAIUTO, Moacyr. **Basquetebol: metodologia de ensino**. 3. ed. São Paulo: USP, 1971.

DAÓLIO, Jocimar. **A importância da Educação Física para o adolescente que trabalha uma abordagem psicológica.** Revista Brasileira de Ciências do Esporte, v.8, n. I, p. 134-139, 1986.

DE LIMA, Ferrari Dartel. **Treinamento precoce e intenso em crianças e adolescentes.** Belo Horizonte. Health, 2000.

_____. Esporte Educacional. In: CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE EDUCAÇÃO MOTORA, L, 1998, Foz do Iguaçu. CONGRESSO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO MOTORA, 2., 1998, Foz do Iguaçu. Anais._____. Campinas: UNICAMP: FEF, DEM, 1988. p. 106-108.

_____. **Educação Física escolar:** o esporte como um conteúdo pedagógico do ensino fundamental. 1996, 198f. Tese (Doutorado)- Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

_____. **Esporte competitivo e espetáculo esportivo:** fenômeno esportivo e III milênio. Piracicaba: Ed. da UNIMEP, 2001.

_____. et al. **Educação Física escolar: fundamentos de uma abordagem desenvolvimentista.** São Paulo: EPU, 1988.

FALEIROS, Vicente de Paula. **A política social do Estado capitalista: as funções da previdência e da assistência sociais.** São Paulo: Cortez, 1980.

FERREIRA, Aluísio; DE ROSE JR., Dante. Basquetebol: **Técnicas e táticas, uma abordagem didático-pedagógica.** São Paulo: EPU, 1987.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa.** 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

FILHO, Williams André de Almeida Vanderlei. **Concepções metodológicas para o ensino do basquetebol.** Revista Brasileira do Esporte Coletivo- v2.n3. 2018.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática de liberdade.** 40. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 2017.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido.** 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, João Batista. **Educação de corpo inteiro: teoria e prática da educação física.** 4. ed. São Paulo: Scipione, 1994.

FREY, Klaus. **Políticas públicas: um debate conceitual e reflexões referentes à prática da análise de políticas públicas no Brasil.** Planejamento e Políticas Públicas, n. 21. p. 211-260, jun. 2000.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa.** Trad. Joice Elias Costa. 3. ed., Porto Alegre: Artmed, 2009.

GALATTI, L.R & PAES, R.R. **Pedagogia do esporte: iniciação em basquetebol.** Hortolândia: ED: IASP ,2007.

GALATTI, R.L.; SERRANO, P.; SEOANE, A. M.; PAES, R.R. **Pedagogia do esporte e basquetebol: aspectos metodológicos para o desenvolvimento motor e técnico do atleta em formação.** Revista arquivos em movimento, Rio de Janeiro, volume 8, número 2, páginas 79 – 93, julho/ dezembro, 2012.

GALATTI, L.R.; LOVATO, D.L.; **Pedagogia do Esporte e dos Jogos Coletivos: das teorias gerais para a iniciação esportiva em Basquetebol.** Movimento e percepção, Espírito Santo do Espinhal, SP, volume 8, número 11, julho/ dezembro 2007.

GHIRALDELLI JR., Paulo. **O que é pedagogia.** 6. ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.

GOLDENBERG, Mirian e Ramos, Marcelo Silva. **A civilização das formas: o corpo como valor. In: Nu & Vestido.** Rio de Janeiro: Record, 2002.

Gonçalves, Frederico Lima. **A Iniciação Esportiva no Basquetebol.** Brasil .150f. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Universidade Vale do Rio dos Sinos, Rs,2010.

GRECO, P.J.; BENDA, R.N. **Iniciação esportiva universal: da aprendizagem motora ao treinamento técnico.** Belo Horizonte: ed. Da UFMG,1998.

GROSSOVER, M.; BRUGGEMANN, P.; ZINTL, F. **Alto rendimento desportivo: planificacion e dessarollo.** BARCELONA: MARTINEZ ROCCA, 1989.

GUERRA, J. **Basquete: aprendendo a jogar.** 1 ed. Bauru. Editora Idea, 2001.

HAHN, E. **Entrenamento com ninos: téoria; prática, problemas específicos.** Barcelona: Martinez Rocca, 1989.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.
<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/panorama> .

JACKSON, Phil, DELEHANTY, Hugh. **Cestas sagradas: lições espirituais de um guerreiro das quadras.** Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

KREBS, E. **Transformação didático-pedagógica do esporte.** 4 ed. Ijuí, R.S. UNIJUI, 2001.

KREBS, R.J. **Da estimulação a especialização motora.** Revista Kinesis, N.9, P.29 A ano?

KUNZ, Elenor. **Transformação didático-pedagógica do esporte.** Ijuí: Ed. UuÍjuí,1994.

LIMA, Teotónio et al. **Basquetebol: textos técnicos- 2.** Lisboa: Desporto, 1988.

LIMA, José R. S. **Desafios da prática docente na disciplina educação física em escolas de ensino médio da rede pública do estado de Minas Gerais - Brasil.** 130 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação). Universidade de Uberaba, Uberlândia, 2018. Disponível em: <[https://repositorio.uniube.br/bitstream/123456789/1164/1/Jos% c3% a9% 20Ricardo% 20](https://repositorio.uniube.br/bitstream/123456789/1164/1/Jos%c3%a9%20Ricardo%20)>

LISBOA. **Federação Internacional de Basquetebol Amador (FIBA)**. Mini basquetebol: regras. 1987.

LUDKE, M. e ANDRÉ, M.E.D. A. **Pesquisa em Educação – abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MAINGÓN, Thais. **Las políticas sociales: discusión teórica, conceptual y metodológica**. Caracas, Venezuela: Cuadernos Del Cendes Nº 19, enero/abril 1992.

MARQUES, Mário Osório. **Pedagogia: a ciência do educador**. 2. ed. Ijuí, Ed. Unijuí, 1996.

MARSHALL, Tomas. Humprey. **Cidadania, Classe Social e Status**. Rio de Janeiro ZAHAR, 1967.

MASCARENHAS, Fernando. **Megaeventos esportivos e educação física: Alerta de tsunami**. Revista Movimento, Porto Alegre, v.18, n.1, jan. Mar. 2012. p. 39-67.

MAY, T. **Pesquisa social: questões, métodos e processo**. Porto Alegre, Artmed, 2004.

MESQUITA, I. **Pedagogia do treino: a formação em jogos desportos coletivos**. Lisboa: livros horizontes, 1997.

MENEZES, R. P.; R. F. R.; NUNOMURA, M. **Especialização esportiva precoce e o ensino dos jogos coletivos de invasão**. MOVIMENTO, Porto Alegre, volume 20, número 01, páginas 351- 373, janeiro /março de 2014.

MINAYO, Maria Célia de Souza. (org.) **Pesquisa Social**. p. 21. 21ª ed. Editora Vozes, São Paulo, 2009.

MOTA, Leonardo de Araújo (Org.). **Capitalismo contemporâneo: olhares multidisciplinares**. Campina Grande: Eduepb, 2014.

MONTAGNER, Paulo Cesar. **Esporte e competição x educação? o caso do basquetebol**. 1993, 148f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Metodista de Piracicaba.

MONTAÑO, C. A natureza do serviço social: um ensaio sobre sua gênese, a especificidade e sua reprodução. São Paulo: Cortez, 2007.

OLIVEIRA, M. **Desporto de base**. São Paulo: Ícone, 1997.

OLIVEIRA, Pedro F. A.; DUTRA, Maurílio T.; SALES, Marcelo P. M.; ASANO, Ricardo Y.; SOTERO, Rafael da C.; CUNHA, Verusca N. C. **A importância do esporte como política pública no Brasil**. efdeportes.com, Revista Digital, Buenos Aires, ano 16, n. 162, novembro de 2011.

OLIVEIRA, J.E. C. Basquetebol. **Aspectos históricos e funcionais**. Buenos Aires, AÑO 17, número 174, Noviembre de 2012.

OLIVEIRA, M. M.de. **Como fazer Pesquisa Qualitativa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

ORLICK, Terry. **Vencendo a competição: como usar a cooperação**. São Paulo: Círculo do Livro, 1978.

PAES, R. R. **O processo de desenvolvimento do talento: O caso do basquetebol**. Tese (mestrado) UNICAMP, São Paulo, 1998.

PAES, Roberto R. **Aprendizagem e competição precoce: o caso do basquetebol**. Campinas: Ed. UNICAMP, 1992. (Série Teses).

PASTORINI, A. **A categoria: questão social em debate**. São Paulo, SP: Cortez, 2004 (Questões da nossa época, v. 19).

PEREIRA, José Matias. **Manual de gestão pública contemporânea**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2012.

RODRIGUES, Marta Maria Assumpção. **Políticas Públicas**. São Paulo: Publifolha, 2010.

ROSSEAU, Jean-Jacques. **O contrato social**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

ROSSETTO JUNIOR, Adriano J.; BORIN, Marisa E. S. **Políticas públicas de esporte no Brasil e os nexos com os megaeventos esportivos**. Revista de Gestão e Negócios do Esporte (RGNE), Revista On-line, São Paulo, v.2, n.2, nov. 2017. Disponível em: <

SANTIN, P.: **A Educação e o Esporte**. Ed. Helath. São Paulo, 1996.

SANTOS, W.G; COIMBRA, M.A. (ORGS) **Política Social e combate à pobreza**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1989.

SEURIN, Pierre. **A competição desportiva e a educação do adolescente**. Artus, Rio de Janeiro, ano 7, n. 12/14, p. 44-47, 1984.

STEIGERWALD, Tatiana Lúcia. **Pais: amigos ou vilões?** Revista do Basquete, São Pedro, ano 9, n. 75, p. 18, 2000.

STAREPRAVO, A. F. **Políticas Públicas na Educação Física**. Curitiba, Ed. Intersaberes, 2021.

TAN, Go. **Cinesiologia, Educação Física e esporte: ordem emanante do caos na estrutura acadêmica**. Motus Corporis, Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, p. 09-50, 1996.

TASSA, Khaled O. M.; LOVATO, Andreza. **Políticas públicas voltadas ao esporte e lazer: alternativas para municípios de pequeno porte**. efdeportes.com, Revista Digital, Buenos Aires, ano 18, n. 190, março de 2014. <https://www.efdeportes.com/efd190/politicas-publicas-voltadas-ao-esporte-e-lazer.html>> Acesso em 05/01/2022.

TRIVINOS, Augusto N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação.** São Paulo: Atlas, 1987.

TUBINO, M. **Estudos Brasileiros sobre o esporte: ênfase no esporte- educação.** Maringá: Eduem, 2010.

_____ **Treinamento ideal.** São Paulo: Manole, 1999.

VIDAL, Ary. **Basquetebol para vencedores.** Porto Alegre: Rigel, 1991.

VIEIRA, Rafael de Araújo. **Pedagogia do esporte: obstáculos, avanços, limites e contradições.** Goiás, ed. Becalete, 1999.

VECCHIOLI, Demétrio. **Fim do Ministério do Esporte gera onda de extinção de secretarias estaduais.** 2019. www.olharolimpico.blogosfera.uol.com.br> Acesso em 19/01/2022.

WEINECK, J. **Biologia do esporte.** São Paulo: Manole ,1991.

ZALUAR, Alba. **Cidadãos não vão ao paraíso: juventude e política social.** Campinas: Ed. UNICAMP, 1994.

ANEXO 01



CACAU BASKETBALL COACH

CONSULTORIA ONLINE DE BASQUETEBOLO

Brincando e aprendendo o basquetebol: proposições para uma formação educativa

PEDAGOGIA DO ESPORTE: No caso do basquetebol
Pro^{fa} Mestrando Luis Claudio da Mata Corrêa

A ARTE DE APRENDER BRINCANDO
OBJETIVOS:
- Promover o desenvolvimento psicomotor, motor e cognitivo da criança;
- Dar ao educador um instrumento pedagógico para que possa trabalhar de forma lúdica e divertida com os alunos;
- Contribuir para a formação de uma equipe de trabalho que possa trabalhar de forma lúdica e divertida com os alunos.

O esporte no Brasil - nossa cultura esportiva e o papel da escola nesse processo
As aulas de educação física:
- A apresentação dos esportes às crianças;
- Detecção de talento e encaminhamento do mesmo aos órgãos formadores.

OBJETIVO DO ESPORTE NA FORMAÇÃO HUMANA - segundo TEIXEIRA (1999): promover saúde, socialização, construir valores morais e éticos, além de lazer e recreação
ESPORTE NA ESCOLA
- Apresentar o esporte aos alunos para que experimentem novas vivências motoras;
- Estimular o gosto pela prática esportiva e ensinar valores primordiais através do esporte;
- Incluir nas aulas o ensino preciso tor o ar de festa na primeira aula, para que as crianças se apaixonem pelo esporte.
ESPORTE NO CLUBE
- Desenvolver, estimular, lapidar, aperfeiçoar a criança no seu desenvolvimento como um todo (motor, físico, técnico, cognitivo e psicológico).
- No segundo momento, indicar as categorias de base, a etapa do esporte de rendimento, buscando sempre um grau de experiência e êxito nas competições, respeitando as etapas na formação no processo formativo.

O PAPEL DO PROFESSOR/TÉCNICO NA INICIAÇÃO ESPORTIVA – NO CASO DO BASQUETEBOLO:
- Estimular a parte motora, cognitiva dos seus alunos através de aquisição de habilidades motoras básicas, como correr, saltar, engatilhar, rolar, escalar, equilibrar e etc.;
- Quanto mais recursos motores e cognitivos desenvolvermos em nossas crianças/futuros atletas, melhores serão as suas tomadas de decisões, para solução de problemas;
- Trabalhar os princípios básicos de todos os esportes, como corridas, saltos e arremessos, buscando a transferência de aprendizagem de uma modalidade para outra;
- Planejamentos que respeitem cada faixa etária de seus alunos, sem pular etapas e evitar a especialização precoce, que causa o abandono das crianças ao esporte e as práticas esportivas.

METODOLOGIA DE ENSINO – APRENDIZAGEM NO BASKETBALL
USA, FEB, CIB, etc.

PLANEJAMENTO A LONGO PRAZO
- Respeitar a individualidade de cada criança;
- Periodização nesse processo de desenvolvimento, com macro, meso e microciclos na preparação (O QUE, COMO E QUANDO FAZER);
- Preparação do atleta universal no primeiro momento, estimulando várias vivências esportivas até o momento da sua especialização/escolha do esporte a ser seguido;
- Importante lembrar que para as crianças, devemos ensinar de uma forma GERAL, no início do processo de ensino-aprendizagem, pois assim teremos atletas futuramente melhor preparados para as tomadas de decisão. Ao contrário de forma específica, que causa e restringe o leque de resoluções para os problemas, nas tomadas de decisão.

Diagrama de Desenvolvimento:
- Pré-secular: Habilidades Básicas (Até 8 anos) - Fase de Saúde-Lazer-Recreação
- Universal 1: Faixas de Habilidades (6-8 anos) - Fase de Alto Nível de Rendimento
- Universal 2: Combinação de Habilidades Esportivas (8-10 anos) - Fase de Saúde-Lazer-Recreação
- Universalidade esportiva (10-12 anos)
- Orientação Esportiva (12-14 anos)
- Direcionamento Esportivo (14-16 anos)



**CACAU
BASKETBALL
COACH**

Módulo 1:

A pedagogia do esporte: na iniciação ao basquetebol

TEMAS DO ENCONTRO

- **A arte de aprender brincando**
- **O esporte no Brasil/A cultura esportiva e papel da escola**
- **Esporte na escola e esporte no clube**
- **O papel do professor/técnico na iniciação esportiva ao basquetebol**
- **Metodologias de ensino-aprendizagem no basquetebol**
- **Métodos indicados a iniciação ao basquetebol: iniciação esportiva universal, escola da bola e metodologia funcional integrativa**
- **Etapas de formação do basquetebol: baby Basket, mini Basket, categorias formativas e categorias profissionais**

O BASQUETEBO DA INICIAÇÃO AO ALTO RENDIMENTO: COMO DESENVOLVER A SUA FILOSOFIA DE TRABALHO?
Prof. Mestrando Luis Claudio da Silva Dunga

INICIAÇÃO DO BASQUETEBO: UMA PROPOSTA DIDÁTICA PEDAGÓGICA
• O ar de festa, o aprender brincando, o brilho no olhar, o amor pelo jogo, na grande maioria das vezes é despertado na primeira infância, que é conhecida também como a "idade de ouro".

A Idade de ouro no caso do Basketball
• 1- Fase de massificação da atividade e em conjunto da iniciação esportiva universal (IEU). Método conhecido para o desenvolvimento das habilidades motoras básicas, como por exemplo: saltar, rolar, engatinhar, correr etc.
• 2- Minimizar as metas competitivas (o resultado não importa neste momento). Principal objetivo é a prática esportiva como qualidade de vida, e o prazer em aprender se divertindo, período em que a criança se apaixona pelo esporte.
• 3- Aceitar a tarefa do educador, extremamente educativa e de uma maneira bem lúdica.

COMO GARANTIR O APRENDIZADO DE NOSSOS ALUNOS:
• Desenvolvendo o interesse, atenção, concentração, memória, senso de percepção + emoção + motivação, ocorrendo assim um aprendizado satisfatório.
• A aprendizagem = ligar e guardar

COMO VER E CORRIGIR O ERRO:
• Quando me recebo COMO treinador de formativos?
• Quando desenvolvo meu olho de treinador?
• Como diferencio em que princípio está o erro?
• Como o individualizo e como o corrijo?
NÃO DEVEMOS TREINAR O ERRO!!!

DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL X DESENVOLVIMENTO COLETIVO
• Construímos equipes ou desenvolvemos atletas?
• Formamos jogadores robóticos ou jogadores polivalentes e versáteis?
• O que ensinamos primeiro, a tática individual ou a tática coletiva?
• Quanto devemos ser RÍGIDOS e quanto devemos ser FLEXÍVEIS na formação?
TÉCNICA + CONCEITOS + PERCEÇÃO + TOMADA DE DECISÃO

O TREINADOR EMOCIONAL X O TREINADOR RACIONAL:
• Ambos podem conviver?
• Quanto de cada um?
• O que acontece quando "um domina o outro"?

COMO ENSINAR UM FUNDAMENTO:
• A técnica;
• Os espaços;
• As combinações;
• O psicológico;
• A especialização;

SEQUÊNCIA PEDAGÓGICA PARA O ENSINO DO JOGO:
• 1- Técnica individual + tática individual (1x0 - 1x1)
• 2- Técnica individual + técnica coletiva (2x0 - 2x0 - 4x0 - 5x0)
• 3- Técnica ind. + técnica coletiva + tática ind. (2x1 - 2x2 - 3x1 - 3x2 - 3x3)
• 4- Técnica ind. + técnica coletiva + tática ind. + tática coletiva (4x4 - 5x5)
OBS: A TÉCNICA, JUNTO DA TÁTICA + ÁREA MOTORA E COGNITIVA SEMPRE ANDAM JUNTAS NO DESENVOLVIMENTO DOS ESPORTES COLETIVOS.

Módulo 2:

Da iniciação ao alto rendimento: como desenvolver sua filosofia de trabalho basquetebol



**CACAU
BASKETBALL
COACH**

TEMAS DO ENCONTRO

- **A iniciação ao basquetebol: uma proposta didática pedagógica**
- **A idade de ouro no basquetebol**
- **Como desenvolver o aprendizado dos nossos alunos**
- **A neurociência e seus aportes**
- **Como ver e corrigir erros**
- **Desenvolvimento individual e desenvolvimento coletivo**
- **O treinador emocional e o treinador racional**
- **Como ensinar um fundamento no basquetebol**
- **Sequência pedagógica para o ensino do jogo**
- **Desenvolvendo uma filosofia de trabalho**
- **Plano ou acaso: o caminho para uma formação educativa**

COMO FUNCIONA

- **A consultoria tem uma carga horária de seis horas e é composta por dois módulos**
- **Acesso pela plataforma digital Google Meet, com links enviados para os participantes por whatsapp**
- **Encontros interativos por meio de exposição dialogada e apresentação de imagens e vídeos interativos**
- **Ao final do curso envio por email de materiais complementares dos temas estudados**
- **Emissão de certificado de conclusão de curso**